



*“Por hoje não vou pecar”:*  
**O corpo jovem como santuário do catolicismo  
carismático**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Carla Algayer**

**“Por Hoje Não Vou Pecar”:** o corpo jovem como santuário do catolicismo  
carismático

**Porto Alegre**

**2007**

**Carla Algayer**

**“Por Hoje Não Vou Pecar”:** o corpo jovem como santuário do  
catolicismo carismático

**Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.**

**Orientadora: Dr<sup>a</sup> Guacira Lopes Louro**

**Porto Alegre**

**2007**

**Carla Algayer**

**“Por Hoje Não Vou Pecar”: O corpo jovem como santuário do catolicismo  
carismático**

**Dissertação apresentada ao programa  
de Pós-Graduação em Educação da  
Faculdade de Educação da  
Universidade Federal do Rio grande do  
Sul como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre em  
Educação.**

**Aprovada em 7 de novembro de 2007.**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>..... – Orientadora**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>.....**

**(Professora da FACED)**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>.....**

**(Professora da FACED)**

**Prof. Dr. ....**

**(Professor visitante)**

Para meus pais Olívia e Pedro Algayer (in memoriam) pelos exemplos que me deram de humildade, garra e coragem...

## AGRADEÇO...

De forma muito especial a Guacira, por ter estado ao meu lado durante todo o “percurso” desta “viagem”, pela sua aposta nesta pesquisa e pelo seu fôlego que renovava o meu a cada aula e orientação. A paixão e o prazer, demonstrados nos seus textos e livros, na sua fala e no seu olhar – aquele olhar que prende e instiga ao mesmo tempo – me conduziram ao cruzamento das fronteiras do “conhecer” e do “ver”, levando-me a perceber que a subversão das formas de aprender e ensinar - e porque não de viver? - pode ser bem mais produtiva e interessante do que percorrer somente os territórios já conhecidos...

A Jane, Rosângela e Alex pelas valiosas contribuições as quais foram responsáveis pelos “novos” rumos que a pesquisa tomou...

As/Aos professoras/es deste pós-graduação pelo seu entusiasmo e competência demonstrados a cada aula ou encontro, levando-nos a movimentar idéias, pensamentos, emoções e jeitos de viver...

A professora Eli Fabris sempre presente em mim, nos meus escritos e produções, desde a época da graduação. Obrigada pela aposta, carinho e disponibilidade em ler e ouvir, fortalecendo-me nos momentos de dúvida e insegurança...

Aos/as colegas de aula e orientação com quem partilhei, não somente estudos, mas amizades e afetos em meio a muitos momentos de prazerosas conversas e festas cheias de alegria e regadas a cerveja; em outras situações, não tão alegres, estas/estes grandes amigas/os não me deixaram só, continuaram ao meu lado oferecendo o apoio e o carinho tão necessários para que eu pudesse seguir em frente...

Ao querido Marcelo (in memoriam) por ter participado desta minha construção como pesquisadora, entre outras, deixando em mim as suas “marcas” de inquietude, curiosidade, compaixão e credibilidade para com as pequenas lutas diárias e muitas vezes solitárias na construção de vidas um pouco mais “humanas” e solidárias...

A querida Marisa que, além do seu empenho incondicional dedicado na realização desta obra, tem alimentado em mim, com a sua convivência amorosa, a esperança de que ainda é possível construir momentos e espaços para sermos felizes...

Aos/As meus/minhas filhos/as Vanessa, Marcelo e Bárbara e a minha neta Brenda pelas ausências sentidas e pela falta de tempo para ficarmos juntos...

A todos e a todas que se fizeram presentes, de alguma forma, durante este percurso.

Se a educação e as pedagogias que ela oferece puderem 'navegar as fronteiras culturais' do sexo e se puderem fazê-lo de forma a problematizar e a pluralizar, parte de nosso trabalho, então, deve consistir em repensar a representação e os discursos da identidade, do conhecimento e do poder cultural que circulam nas escolas e no interior do aparato de saber/poder. Isso significa, por um lado, compreender as sexualidades em tantos termos quanto possíveis e ainda assim conseguir assinalar as sexualidades como algo que é moldado na linguagem e na conduta. Isso significa construir pedagogias que envolvam todas as pessoas e que possibilitem que haja menos discursos normalizadores dos corpos, dos gêneros, das relações sociais, da afetividade e do amor. Por outro lado, navegar fronteiras culturais significa algo mais: que os/as educadores/as devem arriscar o óbvio a fim de ter acesso ao transformativo. Isso exige uma educação mais explícita e mais arriscada, uma compreensão de que a educação consiste, já, em arriscar o eu e significa, já, a abertura à idéia de que alguns riscos tornam as pessoas mais interessantes. (BRITZMAN, 1996)



## RESUMO

Esta pesquisa tem como foco de estudos as representações de gênero e sexualidade correntes em um grupo de jovens da Renovação Católica Carismática e a forma como os/as jovens se relacionam com tais discursos católicos. Procurei direcionar as análises para os diferentes recursos usados, pela Renovação, para interpelar e ensinar aos jovens modos de ser e agir.

Esta investigação sustentou-se nos campos dos Estudos Culturais pós-estruturalistas, Estudos Feministas, *Gays*, Lésbicos e Teoria *Queer*, beneficiando-se de alguns recursos utilizados pela etnografia para a produção e análise dos dados aqui contidos. A constituição do *corpus* de análise se deu através da observação realizada no grupo, da análise de textos e documentos produzidos pela Renovação Católica Carismática e das conversas individuais e coletivas realizadas com os/as jovens do grupo Nacer.

Foi meu objetivo dar algumas pistas das formas como a sexualidade, o corpo e o gênero vem sendo compreendidos naquele espaço e apontar para a necessidade de trazer tais questões para os espaços nos quais atuamos como professoras/es e educadoras/es, já que os mesmos estão intimamente envolvidos com a formação e constituição dos sujeitos. Penso que problematizar certos discursos colocados em circulação pela cultura católica pode contribuir para que se pense/conceba o corpo, o gênero e a sexualidade de outras formas na nossa sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; gênero; sexualidade; jovens; Estudos Culturais; Estudos Feministas, *Gays*, Lésbicos; Teoria *Queer*.

## ABSTRACT

The focus of study of this research are the current representations of gender and sexuality in a group of young people belonging to the Catholic Charismatic Renewal, as well as how these young people deal with such Catholic discourses. I sought to direct the analysis toward the different resources used by the Charismatic Renewal to question and teach the youth about the ways of being and acting.

This investigation was based on the fields of the Post-Structuralist Cultural Studies, Feminist, Gay and Lesbian Studies and Queer Theory, in addition to some resources used by ethnography for the production and analysis of the information herein. The constitution of the corpus of analysis was made through the observation carried out in the group, the analysis of a number of texts and documents produced by the Catholic Charismatic Renewal, and the individual and collective conversations with the young people who belong to the *Nascer* group.

It was my goal to provide some clues concerning the ways the sexuality, the body and the genders have been comprehended in that space and then indicate the necessity to bring such issues to the environments where we act as teachers and educators, since they are closely involved with the formation and constitution of the subjects. I think that problematizing certain discourses spread by the Catholic culture may contribute so that one can think / conceive the body, the gender and the sexuality in different ways in our society.

KEY WORDS: body; gender; sexuality; young people; Cultural Studies, Feminist, Gay and Lesbian Studies, Queer Theory.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>I - TRILHANDO NOVOS CAMINHOS PARA FAZER PESQUISA.....</b>	<b>19</b>
<b>II- CATOLICISMO CARISMÁTICO – POR QUE O “ARREBANHAMENTO” SE FEZ NECESSÁRIO?.....</b>	<b>38</b>
<b>III- UMA JUVENTUDE “SAGRADA” – O GRUPO NASCER .....</b>	<b>60</b>
- O PHN e a “cura” da juventude.....	60
- <i>Algumas tensões e disputas dentro do grupo.....</i>	<i>76</i>
- O bem e o mal.....	89
- A “cura” espiritual.....	93
- A “nova” evangelização.....	97
<b>IV- O GRUPO NASCER ENSINA O “TOM” DO MASCULINO E DO FEMININO .....</b>	<b>106</b>
<b>1- A VOZ “NATURAL” DE CADA GÊNERO.....</b>	<b>106</b>
<b>2-TERRITÓRIOS DE SEXUALIDADE CATÓLICA E O TRÂNSITO NAS FRONTEIRAS .....</b>	<b>128</b>
<b>A PROCURA DE NOVAS PERGUNTAS.....</b>	<b>158</b>
<b>BIBLIGRAFIA .....</b>	<b>160</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>169</b>

## APRESENTAÇÃO

Uma prática de pesquisa é um modo de pensar, sentir, desejar, amar, odiar; uma forma de interrogar, de suscitar acontecimentos, de exercitar a capacidade de resistência e de submissão ao controle; uma maneira de fazer amigas/os e cultivar inimigas/os; de merecer ter tal vontade de verdade e não outra(s); de nos enfrentar com aqueles procedimentos de saber e com tais mecanismos de poder; de estar inseridas/os em particulares processos de subjetivação e individuação. (CORAZZA, 1996, p. 125)

Uma prática de pesquisa é uma tomada de posição política. Por que decidir seguir esta linha de pesquisa e não outra? Por que optar por usar certas ferramentas teóricas entre tantas outras? E o interesse de pesquisa, porque pesquisar sobre este tema entre outros possíveis? Não acredito que o pesquisador possa manter-se fora, aparte da pesquisa. Que o seu “olhar” seja apenas um olhar “científico”, desinteressado politicamente do que está pesquisando. Quando direcionei a presente pesquisa para um grupo de jovens da Renovação Católica Carismática, sabia que o meu “olhar” sobre o catolicismo carismático estaria contribuindo para um jeito de vê-lo, interpretá-lo de uma certa forma e não de outra(s). Estou envolvida, politicamente interessada no trabalho que aqui apresento. Este meu envolvimento talvez não tenha se iniciado no momento da realização desta dissertação. Penso que ele iniciou bem antes, através da minha experiência como menina de família católica, como moça formada pelo curso normal em regime de semi-internato da escola São José, como participante de alguns grupos de jovens, além dos grupos de comunhão e crisma, e também, depois de casada, como participante do ECC<sup>1</sup>. Por

---

<sup>1</sup> A sigla significa “Encontro de Casais com Cristo”. O ECC é coordenado por leigos/as da igreja católica e conta com a supervisão e orientação dos representantes do clero; casais católicos, que já tenham contraído matrimônio, são convidados por casais amigos para participarem do ECC. A organização do encontro ocorre em um clima de segredo. O casal convidado sabe apenas que vai participar de um retiro espiritual promovido pela igreja católica, mas o retiro acaba se convertendo em várias surpresas que apontam para a confirmação dos sacramentos católicos. No último dia do ECC – que inicia na noite de sexta-feira e acaba no domingo – é promovida uma missa que finaliza o retiro, durante a missa os casais participantes são convidados a confirmar o sacramento do matrimônio. Aqueles/aquelas que querem podem subir ao altar e se casarem novamente.

Os casais responsáveis pela organização do evento, juntamente com a família do casal convidado, elaboram pastas, álbuns de fotografias, bilhetes, cartas, cartões que servem para demonstrar o afeto e o incentivo dos que ficaram em casa pelos/pelas que participam do retiro. O material elaborado pela família do casal convidado vai sendo entregue durante o evento, em meio a atividades organizadas especialmente para esta finalidade e marcadas pela emoção. As atividades são realizadas por meio de palestras – que giram em torno da doutrina católica - e dos testemunhos daqueles que optaram por viver de acordo com esta ideologia. Os testemunhos relatam, de forma emocionada, as

este motivo acredito ser interessante trazer para a pesquisa alguns fatos vividos por mim e que foram responsáveis, entre outros, pela escolha do tema de pesquisa.

Desde muito cedo aprendi a rezar o “Santo Anjo” e outras orações obrigatórias a uma “boa menina católica”. A minha avó paterna e as minhas tias sempre compareciam a missa e nos levavam junto. Minha madrinha era ministra da igreja do nosso bairro. Algumas vezes, éramos acompanhadas por minha mãe, que freqüentava a igreja católica de forma esporádica. Ela também gostava de participar, escondida de meu pai, de “outras religiões”. Essas “outras religiões” eram, muitas vezes, “demonizadas” pela cultura católica. Em diversos momentos ouvi o padre da minha comunidade condenando os seus adeptos que, segundo ele, iriam sofrer os castigos divinos por terem se desviado do caminho que leva a Deus e à salvação eterna.

Cresci com medo de um Deus implacável e que tudo via. Acreditava que uma vida de privações, abnegação, caridade e vigilância constantes sob meus atos e pensamentos poderiam garantir-me, depois da morte, o céu ao lado de todos os santos, anjos e principalmente de Deus. Mas, muitas vezes, eu esquecia da morte, do céu e de Deus. Nesses momentos eu “driblava” as regras e fazia algumas coisas consideradas proibidas, nos anos oitenta, para uma menina de bem. Acabei participando de um grupo de amigas que transpunham as normas e ultrapassavam os limites do que era estabelecido como normal para uma “menina direita”. Tínhamos, eu e as outras meninas, o cuidado de manter as boas notas, desta forma, nos mantínhamos na “fronteira” entre o bem e o mal. Não éramos tão “boas” a ponto de aceitarmos todas as imposições da escola, mas também não éramos tão “más” para termos conceitos ruins ou reprovarmos.

Como tantas/os outras/os jovens da época, eu estava sendo interpelada por diversos discursos que, muitas vezes, deixavam-me confusa, desorientada. Precisava optar entre um caminho e outro, entre o certo e o errado. Em alguns momentos, o que era bom e certo para mim não condizia com os discursos católicos.

---

mudanças positivas ocorridas no relacionamento e na vida do casal depois que o mesmo decide viver, através do ECC, o catolicismo de forma mais atuante. Após o retiro de três dias os casais convidados são estimulados a continuarem participando do grupo que organiza reuniões quinzenais nas residências dos próprios participantes, sendo que nesses encontros são realizadas orações e estudos do evangelho. O material para estas atividades já vem pronto, em forma de livros e folhetos, sendo que os mesmos são elaborados pelos coordenadores regionais do ECC, que incluem representantes leigos como também do clero. Os grupos de ECC também organizam jantas e bailes que reúnem grupos de outros bairros, cidades e regiões.

A minha “opção”, então, se dava de uma forma bastante sofrida e carregada de culpa por não seguir as “verdades divinas” pregadas pela igreja ou, em outras ocasiões, por não corresponder às expectativas dos “outros” grupos aos quais pertencia, negando e indo contra as idéias nas quais acreditava, naquele tempo, em favor de uma verdade tida como maior e superior.

Ao fazer a primeira comunhão e depois a crisma também me encontrei dividida, pois, muitas vezes, o que os outros diziam que eu deveria sentir não condizia com o que eu estava sentindo naquele momento. Ao tomar a hóstia, segundo a freira catequista, deveria sentir-me pura e o meu corpo deveria transformar-se no “templo”, na “morada de Deus”. O Espírito Santo nesse momento viria habitar em nós. Sabíamos que para continuar com Deus e o Espírito Santo em nossos corações deveríamos cultivar os seus ensinamentos em nossas mentes, demonstrando-os através das nossas atitudes e ações. A comunhão era a confirmação, feita por mim, do que havia sido prometido pelos meus pais e padrinhos no momento do meu batismo. Conforme a igreja, eu agora estava firmando um compromisso direto com Deus, sem representantes, somente eu e Ele. Isso me aterrorizava, não sabia se seria capaz de viver conforme as leis da Santa Igreja. Era tudo muito controlado, cheio de regras, nada podia, tudo era feio, pecado.

Nesta época vivi uma vida que poderia ser considerada dupla. Na escola eu era uma líder da turma dos “terríveis”, dos/das alunos/as tidos como insuportáveis. Eu não me identificava com a turma das meninas consideradas educadas e de boa índole. Mas, ainda assim, continuei a posicionar-me na fronteira entre o bem e o mal, mantendo boas notas, talvez para não ser descoberta pela minha família ou, quem sabe, para amenizar a minha culpa perante Deus. Algumas vezes, o fato das boas notas me rendia alguns atritos, causados pelos comentários irônicos de alguns/mas companheiros/as do grupo ao qual pertencia. Na igreja eu era a sobrinha da ministra, tinha que dar exemplo, controlar-me mais e agir de forma apropriada tanto no grupo de jovens do qual participava como também, nas aulas de catequese. Não era ali a casa de Deus? A sua presença era, para mim, mais forte e marcada naquele espaço “sagrado”. Eu precisava reunir toda a minha força e controlar-me. Ao menos no território dEle.

Ao ingressar no curso de magistério, em uma escola particular que faz parte da congregação católica, esforcei-me para converter-me à minha religião de

batismo. A escola era bastante tradicional e conhecida na minha cidade. Afastei-me dos guris, realizando a ação esperada por todos/as. Eu já não queria ser diferente, estava dividida, queria ser aceita, respeitada, freqüentar os lugares, ter o carinho e o orgulho da minha família. Mas, ainda assim, muitas vezes nesta escola, juntamente com outras colegas, transgredi as normas, apesar de as freiras estarem em todos os lugares e controlarem tudo, ou quase tudo. Elas regulavam o comprimento da saia e do *short* (usado nas aulas de educação – física), proibiam o uso do cigarro, da maquiagem, do esmalte vermelho nas unhas e, muitas vezes, o riso. Isso não nos impedia de enrolar o cós da saia, encurtando-a, de puxar o *short* e deixar a elevação das nádegas se insinuarem, de fumar no pátio, atrás da imagem da virgem, ou de colocar absorventes nas imagens dos santos. Seguidamente, recebíamos o convite para nos dirigirmos até o gabinete da madre. Nunca admitíamos nada do que havíamos feito e, como não deixávamos provas, éramos, novamente, liberadas.

As minhas escolhas como menina e moça católica não se deram de uma forma tranqüila, decidida. Em muitos momentos fiquei dividida entre o bem e o mal, o sagrado e o profano, o puro e o impuro. Percebia entre estes pólos muitas outras possibilidades, além daquelas pregadas pela igreja, tentava, sempre que podia, não tomar decisões definitivas. Mas, muitas vezes, foi impossível viver na fronteira entre um pólo e outro, eu era, então, levada a decidir, a tomar partido e assumir as minhas escolhas, mesmo que elas ainda não fossem claras para mim.

Durante uma conversa com um jovem católico que fez parte do grupo carismático que observei no decorrer desta pesquisa, pude perceber que também ele foi interpelado por discursos contraditórios. Este jovem, como tantos/as outros/as, foi induzido a fazer escolhas, a “optar” pelos grupos dos quais continuaria fazendo parte, deixando de participar de outros. O jovem, de família católica praticante, freqüentou durante muito tempo grupos de jovens e outras atividades organizadas pela igreja. Segundo a sua fala:

*Chegou um momento que não deu pra continuar. Não, pensa bem, a freira queria que eu fosse pra rua, pro centro de São Leopoldo entregar panfleto e pedir pros jovens, pra gurizada não beber, não fumar. Se de noite eu toco em bares que vendem bebidas e cigarros. De dia eu dizia um negócio e de noite eu fazia outro, daí não dá, fica difícil. Então*

*eu saí, porque o que eu quero é tocar. Eu não ia parar de fazer o que eu gosto, né? Mas eu ainda vou na missa, nos domingos. É... Domingo é dia de ir na missa<sup>2</sup>.*

Pode-se perceber na sua fala, que os diferentes discursos que o interpelavam, naquele momento, divergiam entre si, induzindo-o a fazer uma opção. Mesmo decidido em continuar investindo na carreira de músico, o jovem continuou freqüentando a igreja. Como ele mesmo disse *“Domingo é dia de ir na missa.”* Este jovem parece tentar romper com alguns discursos, com algumas verdades produzidas pela religião católica carismática e, ao mesmo tempo, segue outras. Talvez ele esteja ocupando um lugar que oscile entre o “bom e o mau moço”. Talvez, em alguns momentos, este jovem tenha uma posição fronteira, ocupando as “bordas”, os limites do que vem sendo produzido, pelos grupos carismáticos, como bom e mau, certo e errado; além de outros binarismos reafirmados por esta cultura religiosa e que são responsáveis pela produção de “um jeito jovem de ser” dentro dos movimentos católicos carismáticos.

A partir dos estudos e leituras que venho realizando, direcionei para a religião católica um “olhar” de estranhamento e de dúvida. Percebi que, mesmo tendo os seus discursos sob suspeita e as suas verdades “rasuradas”, eu ainda posso identificar em mim, no meu jeito de falar, expressar-me, agir, como também no meu corpo – em algum adorno, no comprimento da saia, na cor do esmalte – traços, signos que podem definir-me como uma mulher católica. São marcas cunhadas, durante um longo período de tempo, por discursos que me ensinaram um jeito católico de ser, de pensar, de estar no mundo. Acredito que foi circulando e participando desses espaços constituídos dentro da igreja católica – grupo de catequese, crisma, grupo de jovens, ECC - que aprendi algumas das posições que poderia ocupar enquanto mulher, como também as formas de amar, de me relacionar com o corpo, o prazer, o sexo, enfim de exercer uma sexualidade condizente com a doutrina católica. Mesmo que em alguns momentos eu tenha

---

<sup>2</sup> Utilizarei a margem total da página e a letra (Itálica) 11 para “marcar” as falas coletadas durante a pesquisa de campo e usadas no decorrer do trabalho. As falas com menos de três linhas serão incorporadas no decorrer do texto entre aspas duplas e com a letra (Itálica) 12. Esta fala corresponde ao primeiro contato que tive com o grupo Nascer – grupo de jovens onde a pesquisa foi realizada. Este jovem fez parte do Nascer por vários anos. Como eu já o conhecia e sabia da sua relação com o grupo, procurei-o na sua casa para saber da possibilidade de participar de uma reunião e falar do projeto de pesquisa. O rapaz, apesar de não fazer mais parte do grupo, orientou-me sobre os horários das reuniões, além de indicar-me os jovens responsáveis pela coordenação do Nascer. Este primeiro contato ocorreu no dia 10/01/2006.



tentado resistir, sendo interpelada por outras narrativas – que se opunham as primeiras - eu me constitui mulher dentro de alguns movimentos católicos e identifiquei-me, muitas vezes, com as suas verdades.

Pensei ser importante fazer estes relatos para que os/as leitores/as pudessem perceber alguns dos motivos e razões que me conduziram ao interesse de pesquisa e saber do “lugar de onde eu falo”. Falo do lugar de mulher, mãe, avó, estudante, professora que tem procurado problematizar algumas regras e limites produzidos socialmente e que definem os lugares por onde podemos circular e sermos classificados como pessoas normais, de “bem” e de boa índole, “verdadeiros” cristãos tementes a Deus. Os sujeitos que transpõem os limites e as fronteiras estabelecidas entre o certo e o errado, o sagrado e o profano, o puro e o impuro são colocados em uma posição marginal, havendo, muitas vezes, uma definição pré-estabelecida sobre o que se pode esperar deles/as. Percebo a Renovação Católica Carismática como uma forma de pedagogia que vem se valendo de vários recursos presentes na nossa cultura, entre eles os midiáticos, para interpelar e ensinar aos jovens modos de ser e agir. Meu interesse, na presente pesquisa, é analisar as representações de gênero e sexualidade correntes em um grupo de jovens da RCC<sup>3</sup>, o grupo Nascer<sup>4</sup>, e a forma como estes/estas jovens relacionam-se com tais discursos católicos.

Penso que este espaço de apresentação da pesquisa se constitui no espaço de apresentar brevemente o grupo Nascer aos/as leitores/as, para que os/as mesmos/as tenham, desde já, os subsídios necessários para acompanhar os estudos e reflexões que aqui procuro realizar. O grupo Nascer se localiza em um bairro da cidade de São Leopoldo, sendo que o mesmo se identifica como vinculado a Renovação Católica Carismática. Acompanhei os encontros e atividades dos/das jovens do grupo por alguns meses, sendo que foi com o decorrer da pesquisa e das diversas idas ao campo que pude perceber, através dos relatos dos/das participantes do grupo, que o mesmo tem como maior objetivo “*Louvar a Deus através da música*”<sup>5</sup>. Os encontros do Nascer - que ocorrem semanalmente e

---

<sup>3</sup> A sigla significa Renovação Católica Carismática.

<sup>4</sup> Os jovens do Nascer concordaram com a presente pesquisa, fornecendo, para a sua realização, o termo de consentimento que está em anexo e que foi assinado pelo seu coordenador. É importante elucidar que os nomes citados neste trabalho são todos fictícios, já que o meu objetivo não inclui a exposição dos/das jovens do grupo.

<sup>5</sup> Relato feito pelo coordenador do grupo no dia 14/10/2006.

contam com a participação variante de mais ou menos quinze jovens - são organizados para que o mesmo possa ensaiar as músicas e coreografias que devem ser apresentadas na missa da capela do bairro ou em outras atividades organizadas pela igreja ou grupo de oração da RCC<sup>6</sup> - dos quais os/as jovens também participam.

Além desta apresentação, a dissertação está dividida em quatro capítulos, seguidos das considerações finais – que intitulei “A Procura de Novas Perguntas” - dos anexos e das referências bibliográficas. No primeiro capítulo, falo das “ferramentas teóricas” utilizadas para a realização da pesquisa, além dos espaços percorridos para a efetivação da mesma e os recursos utilizados no seu desenvolvimento. Procuro, aqui, situar o/a leitor/a dentro do espaço do Nascer e seus arredores, alertando para os supostos riscos e possíveis benefícios em observar o grupo através das “lentes” que uso. No segundo capítulo, procuro historicizar a Renovação Católica Carismática, de forma a refletir sobre as condições de possibilidade que favoreceram a sua emergência na nossa sociedade e que lhe conferiram uma certa brasilidade, concebendo-a da forma como a vemos hoje. No terceiro capítulo arrisco algumas análises que envolvem o “jeito jovem de ser” promovido pela RCC, a partir do que é reconhecido pelos/as católicos/as carismáticos/as como a “nova evangelização”. Busco me beneficiar, neste capítulo, dos estudos e reflexões de diferentes autores/as, que têm seus trabalhos ligados à cultura e à juventude, procurando investir em questões que problematizem esta suposta modernização da igreja católica através da Renovação e das diferentes estratégias de aproximação que a mesma vem utilizando para popularizar-se frente ao público jovem. No quarto capítulo proponho algumas reflexões e análises direcionadas à forma com a qual os/as participantes do Nascer se relacionam com os discursos e representações católicas que circulam no grupo e que estão vinculadas ao gênero, ao corpo e a sexualidade. Nas considerações finais busco promover e instigar novas perguntas que possam dar continuidade ao tema pesquisado, incitando novos estudos e pesquisas que envolvam este interesse de pesquisa.

---

<sup>6</sup> Os/As jovens do grupo são vinculados à mesma capela há dezesseis anos. Neste período o Nascer contou com a influência de padres carismáticos, o que hoje não acontece. O padre responsável pela capela é apontado como mais “tradicional”, o que não impede os/as jovens do grupo de continuarem participando de um grupo de oração pertencente à Renovação e localizado em uma capela de outro bairro.

Foi a partir das reflexões e estudos coordenados pela linha de pesquisa Educação, Sexualidade e Relações de Gênero - ancoradas nos Estudos Culturais pós-estruturalistas, Estudos *Gays*, Lésbicos e Teoria *Queer* - que procurei direcionar a pesquisa. Proponho-me a analisar as negociações e conflitos que se dão em torno da constituição das identidades dos jovens participantes do grupo Nascer, a partir da forma como os mesmos se apropriam/negociam/rejeitam os discursos e verdades pregados pela RCC e que estão relacionados com o gênero, o corpo, o sexo e a sexualidade. Busco examinar, também, de que forma esses discursos e verdades podem ganhar novas “roupagens” para agenciar a juventude e colocar em exercício novas formas de exercer o poder, podendo constituir, a partir disso, um “jeito jovem de ser” ou de exercer a juventude. Penso que desnaturalizar certos discursos colocados em circulação pela cultura católica pode contribuir para que se pense/conceba o corpo, o gênero, a sexualidade e, também, a religião de outras formas na nossa sociedade.

## I - TRILHANDO NOVOS CAMINHOS PARA FAZER PESQUISA

A teoria funciona como a estrela polar para o navegante: fornece coordenadas para o percurso, permite alguma idéia do rumo a tomar, mas não é o alvo que se quer atingir; Colombo não queria chegar à Ursa Menor, mas as Índias – e, como muitas vezes acontece na análise, chegou à América. (MENZAM, 1993, apud CORAZZA, 1996, p. 115)

[...] cada viajante faz uma viagem diferente; não há uma estratégia segura que ofereça garantias [...] não há nenhum mapa que assegure que o viajante não se perderá [...]. (LARROSA 1996, p. 155)

Sinto-me como alguém que regressa de viagem e tem muitas novidades para contar, dos lugares e pessoas que conheceu ou reviu, dos momentos alegres, picantes ou inusitados, das imagens que ficaram gravadas, dos cheiros e temperos provados – ou lembrados - das programações feitas e que deram certo e daquelas que não deram tão certo, enfim, dos prazeres e desprazeres que as viagens podem propiciar. Nesses momentos parece difícil decidir por onde começar: o que contar primeiro, de que forma organizar todos os relatos e impressões que trago na bagagem? Como descrever/analisar o que é mais relevante para a pesquisa se, em alguns momentos, tudo parece importar? “Este é o trabalho da pesquisadora”, afirma(va) a Guacira durante as orientações, fazer os recortes, as escolhas. Decido, então, começar com uma descrição mais minuciosa do Nascer para depois demarcar as ferramentas teóricas utilizadas na pesquisa e os caminhos percorridos na elaboração da mesma. Pretendendo com isto aproximar os/as leitores do espaço onde a pesquisa de campo foi realizada, além de demarcar os recursos teóricos e analíticos empregados para a sua elaboração.

O grupo onde a pesquisa ocorreu se localiza em um bairro periférico da cidade de São Leopoldo, na região metropolitana de Porto Alegre. O mesmo foi construído a partir de um programa de habitação promovido pelo governo estadual, com o objetivo de privilegiar famílias de baixa renda. O conjunto habitacional,

conhecido como Cohab<sup>7</sup>, situa-se entre outros dois bairros reconhecidos como os primeiros no estado a serem colonizados pelos imigrantes alemães. O bairro Feitoria, como o bairro Cohab, pertence ao município de São Leopoldo e o bairro Lomba Grande faz parte do município de Novo Hamburgo. O último bairro mencionado é habitado predominantemente por famílias de descendência germânica. Parte destas famílias se mantém da criação de animais e do cultivo da terra, outras mantêm os sítios, chácaras e fazendas para lazer e visitas de fim de semana, outras, ainda, investem no “turismo rural<sup>8</sup>” através dos “pesque e pague<sup>9</sup>”, sítios de lazer, restaurantes e cafés coloniais, entre outros. O bairro leopoldense, onde se localiza o conjunto habitacional do estado, foi, ao longo dos anos, alargando as suas fronteiras - antes agrícolas ou compostas de matas e campos - para dar lugar aos conjuntos habitacionais e aos loteamentos; o que não aconteceu com o bairro hamburguense que continua mantendo um perfil predominantemente agrário.

Assim, o conjunto habitacional onde o grupo de jovens “Nascer” realiza as suas reuniões e encontros faz parte do bairro Feitoria que, ao longo dos anos, diferenciou-se do bairro hamburguense pela sua população mais heterogênea e pelas suas características que já não podem mais defini-lo como um bairro rural, ou um lugar calmo. O bairro pertencente à cidade de São Leopoldo ganha, juntamente com a expansão da sua população e das suas fronteiras, características que o diferenciam do bairro hamburguense como um pequeno hospital e também várias lojas e supermercados, além da acentuada onda de violência que o envolve, tornando-o conhecido e muitas vezes temido dentro da cidade e do estado. Penso ser importante visualizar o local onde a pesquisa foi realizada, como também os seus arredores, pois os/as jovens do grupo “Nascer” são provenientes destes dois bairros, ou seja, alguns vivem no bairro agrícola de Novo Hamburgo e outros no conjunto habitacional do bairro Feitoria, em São Leopoldo.

Dentro do bairro Cohab encontra-se a paróquia onde os/as jovens do grupo se reúnem todos os sábados, os encontros têm, em média, duas horas de duração; nesses momentos são realizados estudos e debates bíblicos, como também o

---

<sup>7</sup> Seria mais correto afirmar que o bairro Cohab tenha sido construído dentro do bairro Feitoria e não nas suas divisas.

<sup>8</sup> O “turismo rural” pode ser definido como os investimentos direcionados para promover o turismo em áreas rurais, ou seja, sítios de lazer, pousadas e restaurantes, entre outros.

<sup>9</sup> Sítio de lazer que promove atividades em torno da pesca, sendo que o que é pescado deve ser pago.

ensaio das leituras e músicas para a missa de domingo. Os/As jovens também participam da animação de retiros, seminários e grupos de formação organizados pela igreja católica, além das festas e bingos promovidos pela capela. Durante o ano é organizado um retiro para os/as jovens, que ocorre na área rural de alguma cidade vizinha e nas férias de verão um passeio para a praia. Nestes momentos são elaboradas atividades de formação, estudo, reflexão e integração para os/as componentes do grupo. O grupo também é convidado a “visitar” escolas próximas ao bairro para animar as datas festivas que constam no calendário católico, como natal e páscoa. Os/As jovens organizam bingos na igreja, rifas e outras promoções para angariar os valores necessários para manter as atividades previstas, pelo grupo, durante o ano.

A igreja está localizada na parte extrema do bairro, fazendo divisa com o bairro Lomba Grande, ou seja, de um lado encontra-se a Cohab, o bairro considerado de alta periculosidade devido ao elevado número de assaltos, casos de violência e tráfico de drogas e de outro o bairro rural, onde “pessoas simples e de bem” cultivam a terra para dela tirarem o seu sustento, ou ainda, famílias com poder aquisitivo suficiente buscam a “paz e a tranqüilidade” nos fins de semana. A igreja, desta forma é o “ponto de encontro” destes dois bairros, não somente pela sua localização, mas também devido à promoção de missas, aulas de catequese, reuniões, festas e outras atividades que acabam por agrupar no seu espaço sujeitos provenientes destes dois bairros.

A capela foi construída em terras doadas por uma família moradora do bairro rural, bastante conhecida e respeitada. A doadora das terras, uma senhora de descendência germânica conhecida como Vó, é ministra da igreja e mesmo em idade avançada continua exercendo muitas atividades dentro da mesma, inclusive a “supervisão” das aulas de catequese, além da coordenação, à distância, do grupo Nascer. Duas netas de sangue da Vó foram, entre outros/as jovens da época, fundadoras do grupo Nascer. Talvez, seja interessante informar que ambas trabalham na área da educação. As duas, apesar de não serem mais tão jovens, continuam fazendo parte do grupo, atuando como orientadoras e muitas vezes “porta voz da avó” – os jovens se referem a elas desta forma, nos momentos de tensão, quando há divergência de opiniões entre as “orientadoras” e o grupo.

O grupo foi formado há dezesseis anos. Entre os fundadores também estava presente Ruivo, figura participante do grupo desde o seu início. Este senhor, de aproximadamente cinquenta anos, possui uma vasta experiência dentro da igreja católica, inclusive com grupos de leigos, e atua como coordenador<sup>10</sup> adulto do Nascer. O grupo de jovens Nascer, ao longo dos anos, ganhou o respeito e a admiração dos moradores do bairro, sendo também motivo de orgulho para igreja. Muitos/as dos jovens que por ali passaram são figuras reconhecidas e admiradas até mesmo fora das fronteiras destes dois bairros. Conforme Ruivo, alguns são professores/as, outros/as ministros/as da igreja, outros ainda, formam famílias respeitáveis e atuantes dentro da comunidade e um dos jovens – talvez o mais admirado do grupo - está em um seminário e será ordenado padre neste mesmo ano. Diversas vezes ouvi comentários no grupo de que seria maravilhoso se o jovem padre pudesse exercer o sacerdócio na comunidade em que “descobriu” a sua vocação.

As decisões do grupo são tomadas em conjunto, pelos/pelas que estão presentes no momento da reunião<sup>11</sup>. O grupo dispõe de uma sala na paróquia onde se reúnem e realizam as atividades. O espaço conta com uma escrivaninha, cadeiras, bancos – organizados em círculo - e um armário com chave usado para guardar os livros que podem ser retirados para leitura, estes relacionados com a doutrina católica e a RCC; além de documentos. É importante relatar que funciona entre os/as jovens uma pequena biblioteca, as retiradas de livros são anotadas em um caderno de controle; alguns dos textos analisados nesta dissertação provêm, inclusive, de livros retirados por mim da biblioteca do grupo.

As reuniões acontecem em um clima de alegria e camaradagem, as demonstrações de afeto são bastante comuns e valorizadas. Os/As jovens se cumprimentam, antes da reunião, com beijos e abraços afetuosos para depois irem sentando, alguns/as já começam a ensaiar as músicas antes do início oficial do encontro, outros/as conversam e brincam até que as primeiras orações sejam feitas. O número de participantes varia em torno de quinze jovens. As orações iniciais ocorrem seguindo uma rotina, ou seja, com os/as jovens agrupados em círculo, de

---

<sup>10</sup> Geralmente, os grupos de jovens católicos são orientados por uma figura mais experiente dentro da igreja – este orientador pode ser um representante do clero ou leigo – o/a mesmo/a tem a função de auxiliar a organizar as atividades e conduzir as reflexões e estudos do evangelho.

<sup>11</sup> As informações sobre o grupo Nascer, que constam nesta apresentação, foram fornecidas pelo Ruivo e por alguns/algumas jovens antes do início da reunião do dia 11/03/2006.

braços cruzados frente aos seus corpos e de mãos dadas com os/as companheiros/as de ambos os lados. O grupo inicia o encontro com a oração “Divino Espírito Santo”, logo depois são feitas algumas intenções em voz alta e também de forma silenciosa e particular. As intenções variam entre pedidos de restabelecimento da saúde, auxílio para conseguir emprego, bênção nos lares, locais de estudo e trabalho, além de agradecimentos por graças alcançadas. Depois das intenções os coordenadores do grupo – dois rapazes, além de Ruivo<sup>12</sup> - sugerem, intercaladamente, orações que dão continuidade ao momento. As orações sugeridas variam entre o “Pai Nosso”, “Salve Rainha”, “Ave Maria” e o “Creio em Deus Pai”, este momento de oração termina com um forte “Jesus nos ama” dito em voz alta por todos/as componentes do grupo.

Os ensaios da liturgia de domingo têm início com a divisão das leituras do folheto da missa e a escolha das músicas e coreografias que irão animar a mesma. Este momento se prolonga por mais de uma hora, quando é aberto um espaço para estudo de leituras bíblicas. Este espaço de reflexão e debate em grupo pode ocorrer de forma diferenciada, ou seja, a partir de uma passagem bíblica, de uma mensagem através da letra de uma música, de um acontecimento ocorrido no bairro ou mesmo no mundo. No momento seguinte, os/as participantes conversam sobre a organização da agenda do grupo para aquela semana ou mês, são verificadas as datas e os locais em que os/as jovens são convidados a se apresentarem. Se ainda há tempo, são ensaiadas mais algumas músicas antes dos/das jovens se darem às mãos e fazerem as últimas orações. Depois disso, todos colocam as mãos umas sobre as outras, quando um dos coordenadores grita<sup>13</sup> “*Por Jesus*” ao que os/as jovens respondem “Aleluia”, logo após o coordenador grita novamente “*Por Maria*”, ao que o grupo responde outra vez “*Aleluia*”, para finalizar o coordenador dá um último grito “*Pelo Nascer*” ao que todos respondem com voz muito forte “*Aleluia*”. O grupo encerra as atividades, os/as participantes se cumprimentam mais uma vez de forma afetuosa, com beijos no rosto e abraços.

Espero que essas informações iniciais permitam aproximar os/as leitores/as do espaço onde a pesquisa ocorreu. Adianto, contudo, que o que trago, aqui, são

---

<sup>12</sup> Como já informei em outra nota o Ruivo é uma espécie de responsável adulto do grupo, um coordenador em um nível superior. A partir das suas falas é possível perceber o seu grande conhecimento com relação à doutrina católica, como também o carisma e o respeito alcançado pelo mesmo entre a maioria dos/das jovens do grupo.

<sup>13</sup> Este ato é reconhecido pelos/pelas jovens como o “grito de guerra” do grupo.



alguns “bocados” do meu jeito de “ver” e interpretar o que observei nos momentos em que estudei alguns documentos da RCC e mantive contato com o grupo Nascer. Assumindo que “o ver é culturalmente construído”, como afirma Gilliam Rose (2001, p. 6), assim também foi/é meu olhar. Então, não é meu objetivo “olhar” de “fora” os acontecimentos que presencio e construir, a partir de um “olhar acadêmico”, alguma verdade científica incontestável. Minhas pretensões são mais modestas e, entre elas, está o desejo de instigar novas leituras e problematizações sobre o interesse de pesquisa, contribuindo com o que escrevo, de alguma maneira, para a constituição de maiores espaços de debate e problematização do tema em questão.

Freqüentei, durante o ano de 2006, as reuniões do Nascer que ocorriam/ocorrem aos sábados das 17 às 19 horas. Neste período participei de algumas missas animadas pelos/pelas jovens, além da festa da padroeira da capela – que iniciou com a procissão pela manhã, seguida do almoço e do baile que transcorreu até o final da tarde – também estive presente no XV Cenáculo da RCC<sup>14</sup> com o grupo, que a exemplo da festa da padroeira, se prolongou por todo o dia, e no tradicional retiro dos/das jovens, que acontece uma vez por ano durante todo o fim de semana<sup>15</sup>. Organizei as anotações em um diário de campo; ali, além dos relatos sobre os encontros, reuniões e eventos foram feitas observações do que me parecia importante para a dissertação. A “feitura” do diário se dava, geralmente, logo após a realização das observações. Procurei escrever tudo o que percebia como relevante para os estudos que estava desenvolvendo. Nem sempre os meus esforços resultaram em “lembranças imediatas”, várias vezes lembrei dos acontecimentos depois de passado algum tempo. Quando isto acontecia, eu recorria ao diário e buscava, novamente, deixar lá as minhas impressões, mesmo sabendo que o meu esforço não resultaria nas lembranças de tudo o que havia presenciado. Procurei fazer associações, no próprio diário, das leituras que realizei do campo com os

<sup>14</sup> Conforme o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, a palavra cenáculo se refere à sala onde era servida a ceia e também à reunião ou ajuntamento de pessoas com idéias e objetivos afins. Na RCC os Cenáculos acontecem por ocasião da data festiva de Pentecostes, a vinda do Espírito Santo aos apóstolos de Jesus Cristo, narrada na Bíblia. Os cenáculos são feitos de pregações, testemunhos, apresentações musicais e missa carismática, durante um dia inteiro em estádios de futebol ou ginásios. Estas informações foram buscadas no site [www.iccrs.org/rccnomundo.htm](http://www.iccrs.org/rccnomundo.htm), acessado em 15/05/2007.

O XV Cenáculo da RCC, no Vale dos Sinos, foi realizado no ginásio municipal da cidade de São Leopoldo, no dia 17/09/2006. O evento - cujo tema era “A restauração pelo Espírito Santo” - reuniu fiéis vinculados/as a Renovação e provenientes de várias cidades do estado.

<sup>15</sup> Estive presente em vinte reuniões do grupo, em sete missas animadas pelo Nascer, além do XV Cenáculo, da festa da padroeira, do retiro à Santa Maria do Herval e da visita a algumas residências dos/das jovens; o que somou, aproximadamente, noventa horas de trabalho em campo.

estudos de autores/as que pudessem me auxiliar nas análises e problematizações das impressões descritas em meus textos - em um esforço de facilitar a escrita da dissertação propriamente dita - através do exercício ao qual fomos instigadas/os (eu e os/as colegas de disciplina) nas aulas com o professor Stigger<sup>16</sup>.

Concordo com Luis Henrique Santos (2005, p.14), quando o mesmo refere-se ao diário de campo dizendo que lá está escrita a “[...] história que eu contei a partir daquilo que, com os meus olhos de aprendiz-pesquisador, passei a olhar como importante e que constituí como relevante para o trabalho – embora muitas vezes me perguntasse se aquilo que estava (d)escrivendo era o que, ‘de fato’, acontecia.” Desde o momento em que “deitei” meu olhar sobre os fatos que presenciei naquele lugar e ao dar início ao processo de transcrição e análise, iniciei, também eu, um processo de construção de narrativas sobre aqueles sujeitos, suas crenças, seus modos de agir, relacionar-se, falar e viver. Escrevi, contei, relatei o que para mim foi relevante, o que o meu “olhar” focou em um dado momento; o que não significa que o que escrevo aqui se constitui na realidade do que lá aconteceu. O que aqui procurei produzir foi um olhar “desfocado” do que, geralmente, pode ser considerado como usual; ou seja, busquei agir com uma certa “desconfiança ocular<sup>17</sup>”, procurando suspeitar do que, muitas vezes, parecia comum, era então que observava em torno daquilo que se apresentava como “natural”, buscando compreender de que forma e através de que meios aqueles discursos foram/são naturalizados.

Tentei usar o gravador durante as observações que realizei, mas deixei de fazê-lo devido à péssima qualidade das gravações que pouco me auxiliaram na hora da transcrição das falas. Também, durante as conversas individuais ou em pequenos grupos não considerei o uso do gravador como favorável, pois o mesmo parecia constranger os/as jovens. Não me propus a organizar uma forma de entrevista estruturada, fixa ou fechada, penso que as mesmas poderiam deixar o grupo menos à vontade para falar, além de sugerirem a restrição do conteúdo das nossas conversas. As “entrevistas” que organizei transcorreram na forma das conversas individuais ou em pequenos grupos – no máximo três ou quatro participantes - sendo que procurei direcionar as mesmas para os momentos mais

---

<sup>16</sup> A disciplina a qual me refiro tinha como foco de estudo “O fazer etnográfico”, a mesma foi ministrada pelo professor Marco Paulo Stigger, no 2º semestre de 2006.

<sup>17</sup> Veiga-Neto, 1995.

descontraídos dos encontros que tive com os/as jovens. Esses momentos de “bate papo” aconteceram em várias ocasiões durante o retiro a Santa Maria do Herval, na festa da padroeira da capela e também durante o XV Cenáculo, ou mesmo nos períodos que antecederam e procederam as reuniões do grupo. Os eventos citados anteriormente, com exceção das reuniões, transcorreram por todo o dia ou por dois dias consecutivos, como foi o caso do retiro; em meio a uma atividade e outra havia intervalos onde podíamos conversar de forma mais descontraída. Eram nessas ocasiões que eu procurava sugerir/propor, entre as conversas, os temas que interessavam a pesquisa, ou seja, a forma como os/as jovens do grupo percebiam/percebem os discursos católicos que circula(va)m no grupo e que estavam/estão relacionados com o sexo, o corpo, o gênero, a sexualidade e os seus prazeres e, também, de que forma este “estilo” de vida proposto pela RCC era/é vivenciado e materializado em suas vidas. Conforme o que ia sendo dito pelos/pelas jovens, outras perguntas e observações iam sendo formuladas para, depois, resultarem nos textos das minhas impressões. Também foram constituídos em material de análise alguns programas de TV da Rede Vida, pertencente à RCC; vários sites do movimento elaborados por diferentes grupos e ministérios; além dos textos de livros escritos por católicos carismáticos, alguns deles, me foram emprestados, como já informei, pelo próprio grupo; como também o material impresso pelo Nascer – músicas, informativos, cartazes, entre outros. Procurei realizar com o material disponível a triangulação dos diversos textos, buscando elementos que promovessem a problematização dos mesmos e a consistência das análises elaboradas no decorrer da pesquisa.

Penso que é importante relatar que não sou uma completa “estrangeira” naquele espaço. Eu já vivi naquele bairro, fiz parte daquelas ruas, daqueles grupos e daquela gente, mas de uma outra forma, diferente da que ocorreu no momento da pesquisa. Foi lá que cresci que me tornei mulher, que percebi os lugares por onde poderia circular, a forma como deveria me comportar, os limites até onde minhas idéias e atitudes poderiam chegar e, ainda assim, ser considerada uma “mulher direita”. Foi lá, também, que comecei a infringir algumas regras e a questionar outras, que me permiti buscar outras formas de pensar, de viver e de me relacionar com as pessoas e com o mundo. Já não posso me considerar uma “nativa” daquele lugar, mas não sou uma completa estranha. O meu “olhar” não é o mesmo daquela

época, ele carrega outras imagens das coisas que vi durante as minhas “andanças” fora daquele espaço, também o meu jeito de ouvir, falar e pensar não pode ser considerado como o mesmo de antes.

Ao freqüentar as missas e o grupo “Nascer” experimentei, muitas vezes, o sentimento de estar “retornando para casa”, para, logo em seguida, ser tomada por uma sensação de estranhamento, de não pertencimento; sentia-me, então, uma “estrangeira” na “minha terra”. Percebi estes mesmos sentimentos ambíguos sendo dirigidos a mim por algumas pessoas com as quais mantive contato durante o tempo em que lá estive. Carrego comigo as “marcas” dos diferentes lugares por onde circulei/circulo, como, também, dos diferentes discursos que me interpelaram/interpelam nesses lugares, estas “marcas”, talvez, me definam, em alguns momentos, como uma “mestiça”. O “olhar” que hoje dirijo para o que lá acontece está carregado do desejo de “ver” de uma forma diferente o que antes já vi ou vivi. Penso que hoje carrego no meu “olhar” uma inquietude nova, um desassossego frente a certos discursos e verdades naturalizadas pela nossa cultura e que acabam por construir diferentes hierarquizações em nossa sociedade ao promoverem alguns sujeitos e grupos sociais e desvalorizarem outros.

Foi a partir deste “olhar inquieto”, alimentado primeiramente no curso de Pedagogia da Unisinos<sup>18</sup>, que comecei a problematizar a forma como as verdades católicas vêm sendo incorporadas/negociadas/negadas em alguns espaços de difusão desta religião. Passei a perceber a religião como uma construção social concebida em um campo de disputas e de discursos construídos na e pela cultura, onde até mesmo as “verdades religiosas” tidas como “verdades divinas” e inquestionáveis são, em certa medida, negociadas/dribladas ou rearranjadas. Mas nessa época eu ainda não havia tomado as minhas desconfianças e críticas como um potencial interesse de pesquisa. Foi cursando algumas disciplinas como aluna PEC, do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS, que percebi a possibilidade de transformar em estudo as impressões que havia tido até o momento.

Participei das reuniões de vários grupos de oração da Renovação e através deles cheguei até o grupo Nascer. Os grupos de oração, observados por mim,

---

<sup>18</sup> Foi na UNISINOS, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, que comecei a ter acesso a leituras relacionadas com os Estudos Culturais e Estudos Feministas.

mantinham uma característica que parecia ser comum: acabavam por reunir pessoas de todas as idades nos seus encontros, ou seja, havia idosos, jovens, pessoas de meia idade e crianças. O meu desejo era desenvolver a pesquisa com jovens, penso que um dos motivos está relacionado com o fato de trabalhar com estes grupos há alguns anos na rede pública de ensino. Uma outra motivação deste meu interesse pela juventude, e mais especificamente por jovens vinculados/as ao movimento carismático, está relacionada à grande difusão da RCC entre esta parcela da população<sup>19</sup>. Percebi, no entanto, que seria difícil encontrar nos arredores um grupo composto somente desta faixa etária e vinculado a Renovação. Foi na igreja do bairro Madezatti, em São Leopoldo, que um rapaz me deu informações a respeito de um grupo de jovens que se reunia/reúne na igreja da Cohab; conforme o meu informante, estes jovens mantinham vínculo com a Renovação. Era o grupo Nascer. Eu já conhecia alguns/algumas jovens do grupo, mas não sabia que eles eram carismáticos. Fui procurar um rapaz que já havia feito parte do grupo e através dele comecei a manter contato com os/as representantes e coordenadores/as do Nascer. Alguns/algumas jovens demonstraram simpatia pelos estudos que eu tinha interesse em desenvolver, só então, o Nascer passou a ser o espaço oficial de desenvolvimento da pesquisa.

Procurei alguns integrantes do Nascer em suas casas, depois deste primeiro contato fui convidada a participar de uma reunião e apresentar os meus interesses em realizar a presente pesquisa. Fui acompanhada de uma professora, minha colega de trabalho, que também era/é responsável pelas aulas de crisma da capela – grande parte dos/das jovens do grupo foram/são seus alunos/as de crisma, o que, acredito, facilitou a aceitação da minha presença naquele espaço. Fomos recebidas com muito entusiasmo pelos/pelas jovens, inclusive com uma música de boas vindas comumente cantada para os novos participantes do Nascer. Depois das boas vindas fomos convidadas a nos apresentar, foi neste momento que expus aos/as jovens o

---

<sup>19</sup> Não encontrei pesquisas onde constassem os números específicos de católicos carismáticos no Brasil, os dados eram definidos como aproximados. No nosso país, segundo o Censo IBGE de 2000, há 125 milhões de católicos. Aproximadamente 11% dos/das católicos/as, da América Latina, são apontados/as como carismáticos/as - conforme o site [www.iccrs.org/rccnomundo.htm](http://www.iccrs.org/rccnomundo.htm) - o que supõe que, no Brasil, há mais de 13 milhões de católicos vinculados a RCC; os dados aqui apresentados são datados de uma pesquisa referente ao ano de 2000. Na página 55 do livro “A cura da nossa afetividade e sexualidade” - escrito pela comunidade Canção Nova e editado em 2004, na cidade de São Paulo pela editora da própria Canção Nova – Dunga, um dos autores do livro, afirma que, no nosso país, 70% dos fiéis que comparecem as atividades promovidas pela Renovação são jovens, o que indica que, aproximadamente, mais de 9 milhões de jovens freqüentam as atividades promovidas pela RCC.

meu interesse em estar ali. Falei do curso de pós-graduação do qual fazia parte, da minha experiência como católica, das leituras que já havia feito sobre a RCC e da sua grande profusão entre os/as jovens - o que muito me interessava/interessa como educadora. Coloquei que os estudos nos quais investia percebiam não somente a escola como um espaço de aprendizagem e construção do conhecimento, mas que também outros espaços vinham sendo compreendidos como pedagógicos; sendo que o Nascer estava/está sendo entendido/percebido por mim como um destes locais, no momento em que ensinava muitas coisas aos seus integrantes, inclusive, entre outros ensinamentos, jeitos de exercer a juventude e de ser homem e mulher.

Percebi Ruivo, coordenador adulto do grupo, bastante incomodado com as colocações que fiz. Quando perguntei se o grupo concordava com a realização da pesquisa Ruivo me pareceu um tanto indeciso, se abstendo, inclusive de dar a sua opinião. O coordenador devolveu, nesta ocasião, a pergunta aos/as jovens interrogando-os: *“O que vocês acham? A decisão fica a critério de vocês, eu prefiro não dar a minha opinião... Porque vocês não votam? Aí a gente vê quem é a favor e quem é contra...”* Os/As jovens acabaram seguindo a sugestão e organizaram a votação<sup>20</sup> do tipo “Quem é a favor levanta a mão... Agora quem é contra”. Penso que a companhia da professora de crisma tenha contribuído, de alguma forma, para que os votos a favor da pesquisa tenham superado os que foram contra<sup>21</sup>. Desde então, passei a estar presente nas reuniões e nos eventos em que o grupo comparecia. Procurei realizar as observações de forma menos participativa possível; mesmo sabendo que a minha presença era notada de qualquer maneira, podendo desencadear comportamentos, sentimentos e atitudes que, talvez, não ocorreriam se eu não estivesse ali. Deixava para redigir o diário depois das reuniões, pois durante os encontros não era comum os/as jovens usarem caderno ou bloco de anotações, o que poderia tornar o diário de campo e a minha presença mais visíveis, levando o grupo ao constrangimento. Durante os eventos, como o XV Cenáculo e o retiro, o diário pôde ser usado de forma menos aparente; além de haver um número maior de pessoas nesses eventos, era comum observá-las fazendo anotações.

<sup>20</sup> Como já afirmei anteriormente, o grupo procurava resolver grande parte dos seus assuntos através da votação, assim não foi o “ato de votar” que me levou a pensar que o coordenador estava inseguro/incomodado com a pesquisa e com a minha presença; mas a sua posição de abster-se de dar qualquer opinião, já que em outras situações o seu posicionamento foi o de participar das decisões tomadas pelo Nascer.

<sup>21</sup> Dos dezesseis jovens presentes na reunião, catorze foram a favor da pesquisa e três foram contra.

Logo no início da pesquisa percebia alguns/algumas jovens do grupo confusos com a minha presença. Foi necessário colocar, para os/as mesmos/mesmas, que eu não estava ali para dar aulas ou palestras, ou mesmo auxiliar na coordenação do Nascer. Acredito que esta “dificuldade” em compreender as minhas atribuições, naquele espaço, se deva ao fato de eu ter lecionado em uma escola próxima ao local onde o grupo se reúne<sup>22</sup>; apesar dos/das seus componentes não terem sido meus/minhas alunos/as, no início dos encontros, os/as jovens enxergavam a “professora” ao invés da “pesquisadora”. Em várias ocasiões precisei demarcar meus objetivos ao comparecer aos encontros e reuniões do Nascer, ou seja, eu estava ali imbuída de arrecadar material para a elaboração dos estudos aos quais me propunha. A nova tarefa também gerou em mim, no início, um certo desconforto e insegurança. Em alguns momentos era difícil até mesmo decidir o lugar que ocuparia na sala, ou seja, onde eu poderia “colocar o meu corpo” para realizar o trabalho ao qual me propunha de forma a deixar o grupo mais à vontade com a minha presença? Foi a partir do contato com os/as jovens e através dos “bate-papos” corriqueiros antes e depois das reuniões que o “gelo” se quebrou e que olhar, ouvir, anotar, conversar, perguntar se tornaram habituais e menos constrangedores.

Acredito que a disciplina cursada com o professor Stigger<sup>23</sup> tenha contribuído, entre outras coisas, para que eu pudesse compreender e também demarcar frente ao grupo as minhas atribuições como investigadora. Estas atribuições, as quais me refiro, não estavam fixas, enumeradas para serem seguidas de forma rígida, muito mais que isso, elas estavam diretamente relacionadas com o bom andamento da pesquisa de campo e o meu engajamento naquele grupo específico, ou seja, poderiam ser repensadas e reelaboradas a qualquer momento, desde que fosse necessário. É importante colocar que busquei aproximar a presente pesquisa do “fazer etnográfico” vinculado às vertentes pós-modernas. A disciplina ministrada por Stigger “apresentou-me” diversos caminhos a serem trilhados dentro

---

<sup>22</sup> Em várias situações os/as componentes do grupo vinham até mim para que eu os/as auxiliasse durante alguma tarefa – principalmente àquelas relacionadas com o estudo do evangelho, ou mesmo para que eu desse a minha opinião sobre a escolha de alguma música ou na organização das atividades... Percebi que os/as adultos que freqüentam o grupo, mesmo aqueles que aparecem de forma esporádica, desempenham a função de orientação junto aos/as jovens, auxiliando-os/as nas diversas atividades; talvez os/as jovens acreditassem que esta também seria a minha função no Nascer.

<sup>23</sup> A disciplina a qual me refiro, relacionada ao “fazer etnográfico”, foi ministrada pelo professor Marco Paulo Stigger no segundo semestre de 2006.

da etnografia, desacomodando os conceitos bastante frágeis que eu trazia e que estavam relacionados com uma concepção mais cristalizada da prática etnográfica. A partir das leituras realizadas durante a disciplina e também de outras buscas após o término da mesma, foi possível compreender um pouco mais sobre algumas “vertentes etnográficas” defendidas por diferentes autores. Penso que é importante refletir sobre os motivos que me levaram a buscar uma aproximação com a etnografia que se reconhece como pós-moderna.

Conforme Geertz (1989, p.15) o que define o empreendimento etnográfico “é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’.” Segundo o autor é a partir do “olhar de dentro”, com a recorrente ida ao campo e da descrição minuciosa e atenta aos detalhes e pormenores que o etnógrafo “inscreve” o discurso social anotando-o. O acontecimento que existia somente no momento em que ocorreu passa a existir em relato, podendo ser consultado sempre que necessário. Geertz (ibdem) critica os trabalhos que definem a etnografia como uma atividade de simples observação; para ele praticar etnografia “é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário [...]” Segundo o autor, etnografia é a interpretação, realizada pelo etnógrafo, dos “sinais culturais”. O etnógrafo, aqui, realiza a análise interpretativa da concepção ou entendimento que o informante tem da sua própria cultura. O etnógrafo, ao descrever o discurso social, anota-o, transformando o acontecimento em um relato sujeito à consulta e à interpretação. Autores/as como André (1986) chamam a atenção para o cuidado necessário na utilização do termo “etnografia”, segundo a autora o mesmo não envolve somente a observação, mas também uma infinidade de outras técnicas como: anotações de campo, entrevistas, gravações de áudio, estudos de documentos e questionários. A autora argumenta que a entrevista e a observação participante constituem-se nos meios eficazes para que o pesquisador/a possa manter uma maior aproximação com os fatos e acontecimentos estudados.

O “fazer etnográfico”, antes restrito à área de atuação da antropologia, passa a se constituir cada vez mais em uma ferramenta comum em diferentes áreas de estudo e pesquisa. Algumas destas pesquisas que se reconhecem como



etnográficas e que não são provenientes da antropologia<sup>24</sup>, ou mesmo aquelas que assumem um caráter de “inspiração” etnográfica - por não estarem dentro dos limites, práticas ou metodologias que alguns/as autores/as afirmam caracterizar este tipo de pesquisa – assumem o compromisso de recriar, reinterpretar e conceber a etnografia de outras maneiras, tornando-a útil para as suas formas de análise e interpretação. Estas “outras” formas de conceber a etnografia alimentam algumas posições antagônicas sobre o que constitui uma pesquisa de caráter etnográfico ou não.

Vera Helena Wielewicki (2001)<sup>25</sup> – em oposição a autoras/autores como Marli André (1986, 1995) que argumenta que os antropólogos fazem etnografia e os estudiosos/as da educação fazem estudos do “tipo etnográfico” - afirma que mesmo os/as especialistas em antropologia não têm uma conceptualização do que realmente é etnografia, ou mesmo do que pode ou não ser considerado pesquisa etnográfica. A autora alerta para o fato de que um trabalho pode ser reconhecido e editado por certa linha de pesquisa ou revista científica e não ser legitimado ou aceito por outra/s. Conforme ela devemos desenvolver nossas pesquisas e estudos com seriedade e rigor, nos preocupando em corresponder às exigências teóricas e metodológicas do campo teórico ao qual estamos vinculados/as.

Wielewicki (ibidem), como outras/os estudiosas/os vinculadas/os a uma vertente pós-moderna da etnografia, defende a possibilidade de concebê-la como uma construção discursiva. Segundo essa autora são autores como James Clifford e Georges Marcus, entre outros, que representam este movimento que tem buscado suas argumentações teóricas em pensadores como Foucault, Barthes, Bourdieu. É importante reconhecer que os autores dessas críticas sofreram fortes influências da Antropologia Interpretativa desenvolvida principalmente por Clifford Geertz. O antropólogo procurou ver a cultura como um texto sujeito a interpretações, onde o etnógrafo faz a interpretação de segunda ou terceira mão - a interpretação de primeira mão seria feita, nessa concepção, pelos “nativos”. A análise cultural

---

<sup>24</sup> Diferentes áreas de estudo têm se valido da etnografia para realização das suas pesquisas, comumente, algumas/alguns estudiosas/estudiosos da educação tem se valido de práticas referentes ao fazer etnográfico.

<sup>25</sup> Disponível no site [www.ppg.uem.br/](http://www.ppg.uem.br/)

Docs/ctf/Humanas/2001/04\_215\_Vera%20Helena\_A%pesquisa% Acessado em 27/05/2006.

interpretativa vem afirmar os limites do texto etnográfico e o caráter provisório e particular das suas análises, mas foi somente a partir da etnografia Pós-Moderna que o próprio texto do etnógrafo foi posto como objeto de interpretação, passando a ser visto como construção discursiva sujeita a análise. Vera Helena Wielewicki (2001) trata o texto etnográfico como uma produção discursiva que vem representando as culturas pesquisadas. A autora afirma que, muitas vezes, estas produções acabam por produzir binarismos como nativo/europeu, colônia/metrópole, natureza/ciência, entre outros. Segundo ela, o pesquisador poderia ser visto em alguns momentos como o “olhar panóptico” que tudo vigia e ao qual nada escapa; ou ainda como o criador que dota a criatura (informante) do “dom” da fala, quando lhe convém; o pesquisador seria aquele que tem o poder de representar. Algumas ferramentas<sup>26</sup> usadas por mim estão relacionadas à etnografia, mas a forma com a qual me utilizei delas não se restringe à maneira como as mesmas têm sido empregadas pela Antropologia Interpretativa. Percebo o texto que aqui apresento menos como uma interpretação do que vi e ouvi, e muito mais como uma produção discursiva, capaz de produzir representações, dos fatos presenciados por mim durante as idas que realizei a campo.

É importante relatar que depois da definição do espaço onde a pesquisa ocorreria, passei a investir<sup>27</sup> mais nos estudos e leituras que me auxiliariam a “focar o olhar” no “objeto” de pesquisa e a delinear a problematização do empreendimento ao qual me propunha, o que foi melhor “recortado” e focado com o auxílio da banca da proposta de dissertação. Estes estudos e leituras me forneceriam os subsídios para a realização das problematizações e análises em torno das possíveis negociações que se davam/dão em torno da apropriação, pelos/pelas jovens do grupo, dos discursos e verdades propostos pela Renovação. As leituras realizadas nas diferentes disciplinas deste pós-graduação sinalizaram alguns rumos a serem seguidos durante a pesquisa; como também, as orientações que me apontaram novas trilhas sem permitir, no entanto, que eu me perdesse do caminho pelo qual

---

<sup>26</sup> Não vou retomar a forma com a qual me utilizei de ferramentas como o diário de campo, as entrevistas, os documentos produzidos pela RCC e pelo grupo de jovens, entre outros, por compreender que já o fiz anteriormente.

<sup>27</sup> É importante relatar que durante esta jornada de estudos para a elaboração da presente dissertação, não me senti sozinha, a deriva; sempre pude contar com o apoio e a orientação da Guacira e do auxílio dos professores/as deste pós-graduação, que de todas as formas procuraram auxiliar-me para que eu pudesse levar adiante, da melhor forma, esta minha tarefa. Não posso esquecer de citar também os/as colegas de curso que muito contribuíram com críticas e sugestões, e também, com carinho e amizade.

havia optado, esses momentos com a Guacira me deram “um fôlego novo” na realização da dissertação.

As perguntas que nortearam a proposta não são as mesmas que deram seguimento à dissertação, as interrogações que me desafiaram nesta segunda parte da presente pesquisa definiram os caminhos que percorri para a elaboração da mesma. Tem sido a partir das seguintes questões que este estudo tomou o formato que aqui começo a expor: De que forma os/as jovens se apropriam de - rejeitam e/ou negociam - normas de gênero e sexualidade pregadas pela RCC e em circulação no Nascer? Que marcas corporais e estilos de vida estes discursos puderam/podem produzir ao serem apropriados pelos/pelas jovens do grupo?

Dagmar Meyer e Rosângela Soares (2005, p. 31) afirmam que:

Nossas interrogações e as pesquisas que elas instituem nos desafiam, do mesmo modo, a embarcar em viagens que podem nos colocar em contato com mundos e realidades que podem ser, ao mesmo tempo, diferentes e próximas das nossas e, outras vezes borrar completamente, aquilo que aprendemos, até então, a conhecer, pensar, dizer e viver.

As questões que aqui proponho, as problematizações que induzo, o meu jeito de “olhar” e analisar são fragmentos da minha “viagem”, coisas que presenciei, vi, ouvi e sobre as quais procurei refletir a partir dos instrumentos teóricos que me dispus usar e que estão relacionadas aos estudos e pesquisas de autores vinculados aos Estudos Culturais, Estudos Feministas, Estudos Gays e Lésbicos e Teoria Queer como: Judith Butler, Joan Scott, Guacira Lopes Louro, Dagmar Meyer, Tomaz Tadeu da Silva, Rosa Maria Bueno Fischer, Marisa Vorraber Costa, Henry Giroux, Jane Felipe de Souza, Rosa M. Hessel Silveira, Alex Branco Fraga, Jeffrey Weeks, Rosângela Soares, entre outros, cujos temas abordados estão vinculados ao corpo, gênero, educação e sexualidade; também recorri a autores e autoras cujos estudos encontram-se relacionados às teorizações de Michel Foucault, principalmente no que se refere aos conceitos de sujeito, discurso e poder.

As “ferramentas” teóricas que trago na “bagagem” não servem à premissa de descobrir a realidade verdadeira dos fatos e explicar o mundo como ele

realmente é, antes disso pretendem justamente contestar e desconstruir as metanarrativas que procuram dar significados ao mundo e as relações que nele acontecem através das suas verdades reducionistas e totalizantes. Procurei me aproximar, enquanto investigadora, de algumas posições sugeridas por Dagmar Meyer e Rosângela Soares (2005, p.28), ou seja:

Contestar as metanarrativas que prometem descrever e explicar “a” realidade em uma perspectiva totalizante; tensionar as relações usuais que se estabelecem entre saber, poder e verdade; assumir o pressuposto de que a linguagem, como um campo de operação do poder, é constitutiva do social e da cultura e que, exatamente por isso, se propõem a problematizar e a explorar a indeterminação, a ambigüidade, a instabilidade, a multiplicidade e a provisoriedade dos sentidos que ela produz e coloca em circulação nas culturas em que vivemos; focalizar processos de diferenciação e hierarquização social e cultural, procurando compreender e problematizar formas pelas quais estes produzem (ou participam da produção de) posições- de- sujeito (como homem e mulher, heterossexual e homossexual, por exemplo) no interior de uma cultura [...].

A linguagem foi tomada pelas perspectivas iluministas como um recurso imparcial para representar as coisas do mundo, mas muito mais que nomear os fatos e as coisas, a linguagem cria-os dando-lhes sentido e significado. A linguagem, conforme os/as teóricos/as pós-estruturalistas, se constitui no mais importante recurso para a produção e reprodução dos significados. Ao representar os fatos e as coisas do mundo a linguagem acaba por construí-los, a partir dos significados que a eles atribui. Para representar o mundo e as suas verdades é preciso “lê-lo” e interpretá-lo, para depois repassá-lo aos outros representando-o. O conhecimento, e a representação, que construímos dos outros, dos fatos e das coisas pode ser diferente da concepção de outros sujeitos e grupos sociais. O que nos leva a pensar: Quem – ou que grupos - na nossa sociedade tem poder e autoridade para “ler” o mundo e transcrevê-lo, representando-o e produzindo os discursos que pesam na construção e reconstrução das verdades tidas, muitas vezes, como inquestionáveis?

Conforme Hall (1997), é a partir da “virada lingüística” que a linguagem passa a ser percebida na sua posição privilegiada de circulação e construção do significado. A linguagem passa a ser compreendida no seu caráter marcadamente

construtivo dos sentidos atribuídos ao mundo. Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2003), a “virada lingüística” institui um processo de desestabilização das nossas formas de conhecer e representar o mundo, ou seja, da forma pela qual temos acesso ao conhecimento tido como real, “palpável”, material e na forma como este conhecimento é apreendido por nós. Esta crise que vem ocorrendo no centro das representações, ainda, conforme Silva (ibdem), implode, desestrutura, desestabiliza as formas de conhecimento que se encontram ancoradas em verdades absolutas ou certezas essencialistas. Com isto não estou querendo negar a materialidade das coisas, mas sim afirmar que toda a experiência vivida por nós necessita da linguagem para ser expressada. Inspiro-me em Stuart Hall (1997) para argumentar que os fatos podem ser anteriores a nós, ou seja, existirem antes da nossa presença no mundo, mas que é somente através da linguagem que eles ganham sentido. Assim, é válido afirmar que temos acesso aos fatos e às coisas de uma determinada maneira porque elas foram representadas para nós de certa forma e não de outra - ou outras. Os sentidos são atribuídos na cultura, através das relações sociais. Eles não estão lá desde sempre de forma ahistórica, apartes do tempo e das relações, seguros nos significados que lhes foram/são atribuídos.

Foi a partir dos recursos teóricos e analíticos descritos no presente capítulo, que procurei realizar os estudos e análises que compõem esta pesquisa. Foram essas ferramentas que me possibilitaram estranhar o que antes tinha como comum/natural e que me levaram a perceber que os significados e sentidos atribuídos ao mundo, ou no mundo, são provisórios, incompletos, inacabados e adiados, mesmo que - e quem sabe por isso - tentemos a todo o momento fixá-los, prendê-los e amarrá-los num desejo de trazer à tona a nossa verdade, de provar que estávamos, finalmente, certas/os. A perspectiva que hoje abraço não se preocupa em chegar a “verdade” ou a “verdadeira interpretação”, mais do que isso, o seu compromisso está em procurar entender de que forma - como nos sugere Wortmann (2005, p.51) - “[...] tais discursos se ligam ao poder, regulam as condutas, formam ou constroem identidades e subjetividades [...].” Na presente pesquisa me comprometi em analisar as condições que possibilitam/possibilitaram que os discursos da RCC circulem/circulassem no grupo de jovens Nascir contribuindo para a formação das identidades e subjetividades daqueles/daquelas jovens, sendo materializados nos seus corpos e nas suas vidas ao produzirem um jeito jovem de ser, viver e

relacionar-se com a sexualidade e o gênero. Percebo o meu jeito de “ver”, “ler” e interpretar o que lá acontece/aconteceu como mais uma possibilidade, ou seja, como mais uma leitura e não “a leitura final”. Gostaria que a leitura que aqui apresento sugerisse outras, que este olhar direcionado por mim abrisse brechas para que outras pessoas pudessem “espiar” e dizer, também, do que viram. Assim, nos beneficiaríamos com trocas cada vez mais enriquecedoras, que contribuiriam para o alargamento dos espaços de debate e novas formas de pensar e “olhar” poderiam surgir desses encontros.

## **II - CATOLICISMO CARISMÁTICO – POR QUE O “ARREBANHAMENTO” SE FEZ NECESSÁRIO?**

No momento em que situo a Renovação Católica Carismática como uma construção histórica e social que vem, há alguns anos, abrindo espaços dentro da religião católica e contribuindo para a recuperação dos fiéis que se haviam “desencaminhado”, faz-se necessário uma historicização deste movimento para que possamos compreender melhor a sua emergência, como também a popularidade que a Renovação<sup>28</sup> vem alcançando dentro da sociedade brasileira. Não pretendo, contudo, sugerir uma historicização da RCC com caráter evolucionista ou linear. O meu objetivo maior neste capítulo é chamar a atenção para algumas das condições que possibilitaram a RCC emergir na nossa sociedade, como também para as características que lhe foram sendo atribuídas e que lhe conferiram uma certa brasilidade.

Conforme os/as católicos/as carismáticos/as a RCC se constitui em uma “nova forma de evangelizar”, ou ainda, como: “[...] uma nova ponte de comunicação capaz de renovar, fazer do velho o novo, transformar, reviver e revigorar toda a igreja evangelizadora, que busca uma nova maneira de se fazer entender no meio do povo.”<sup>29</sup> O estilo de vida a que se propunham muitos católicos não praticantes e que iam de encontro aos ensinamentos e leis da igreja e o “desgarramento” de milhares de fiéis foram os termômetros que apontaram para a necessidade de renovação do catolicismo. Foi com o objetivo de “arrebanhar” os supostos “desgarrados”, indo em busca daqueles que se perderam e dos que ainda não teriam tido o acesso à “verdadeira” palavra de Cristo, que a igreja começa a pensar e a buscar formas para renovar-se. Essa necessidade de renovação da igreja católica é proposta a partir de um novo Pentecostes, visível na fala do papa João XXIII, quando o mesmo convoca o Concílio Vaticano II: “Renova em nossos dias os

---

<sup>28</sup> A Renovação Católica Carismática também é conhecida como Renovação Pentecostal, Renovação Cristã no Espírito Santo, Renovação no Espírito ou simplesmente Renovação. Vou usar, para referir-me ao movimento nesta pesquisa, as siglas RCC, Renovação Carismática ou Renovação.

<sup>29</sup> Citação retirada do Módulo I da Universidades Renovadas (Renovação Católica Carismática), página 10, acessado no dia 15/05/2007, através do site [www.universidadesrenovadas.com](http://www.universidadesrenovadas.com)

prodígios como em um novo Pentecostes e concede que a Santa Igreja, reunida em unânime e mais intensa oração em torno de Maria, Mãe de Jesus e guiada por Pedro, propague o reino do divino salvador, que é reino de verdade, de justiça, de amor e de paz.”<sup>30</sup>

O concílio, que ocorreu no meio da década de sessenta, foi convocado, desta forma, com o intuito de buscar caminhos para a renovação da igreja. Assim, durante o evento, que transcorreu por três anos, bispos de todo o mundo reuniram-se para, juntos, pensarem sobre os “novos percursos” para a manutenção da liderança católica e da sua influência moral e política no cenário religioso. Segundo a história oficial da RCC, contada nos seus grupos de oração “[...] a Renovação aparece como um acontecimento pós-conciliar estreitamente ligado ao próprio Concílio, em uma conjuntura histórica importante para a Igreja Católica<sup>31</sup>.” Em Pittsburgh, conforme relato da RCC, várias pessoas ligadas à igreja foram “tocadas”, depois do concílio, pelo mesmo desejo de revitalizá-la. Entre estes, William Lewis, sacerdote episcopal; Ralph Keifer e Patrício Bourges, ambos instrutores de teologia; Betty de Schomaker, dirigente de um grupo de oração católico pentecostal; além de vários homens professores católicos da Universidade de Duquesne nos Estados Unidos. Estas pessoas começaram a reunir-se com o anseio de buscarem experiências mais profundas com o espírito, em suas orações pediam que acontecesse entre elas, como aconteceu com os apóstolos, um “novo Pentecostes”.

Foi em um retiro de estudantes, promovido por esta universidade em fevereiro de 1967 – que tinha como leitura obrigatória os livros “A cruz e o punhal” e também “Eles falam em outras línguas”<sup>32</sup> – que, como afirmam os históricos do movimento, aconteceram os primeiros batismos pelo Espírito Santo; descritos como uma “poderosa e transformadora experiência de Deus”.<sup>33</sup> Ainda conforme a RCC, a

<sup>30</sup> Fala retirada da Constituição Apostólica de 25 de dezembro de 1961.

<sup>31</sup> A história da RCC é estudada pelos fiéis nos grupos de orações, seminários, retiros e encontros de formação. Os estudos são divididos em módulos. O Módulo II que se refere à emergência da RCC, encontra-se em anexo nesta proposta de dissertação. A presente citação foi retirada deste módulo, da página 23.

<sup>32</sup> O primeiro livro foi escrito pelo reverendo David Wilkerson com John e Elizabeth Sherrill, sendo publicado originalmente em 1963, o livro traz relatos sobre a suposta história verídica do reverendo que, pregador de uma pequena cidade próxima a New York, afirma ter sido conduzido pelo Espírito Santo a trabalhar junto às gangues do distrito de Beldford-Stuwestand, de New York.

O segundo livro foi escrito por John Sherrill e publicado originalmente por Mc Graw Hill em 1964. A obra trata da pesquisa feita pelo autor sobre o “dom de falar em línguas” ou como o Espírito Santo se expressava vocalmente através da experiência do batismo, que o autor descreve primeiramente como observador e depois como fiel atuante.

<sup>33</sup> Ver site <http://www.iccrs.org/rccnomundo.htm>, acessado em 03/08/2006.



experiência vivida pelos jovens estudantes e seus professores foi, rapidamente, difundida pelo campus da Universidade de Duquesne e por outras universidades americanas, ultrapassando os seus muros ao atingir as paróquias e outras instituições católicas. Depois que os relatos destes estudantes e professores se espalharam, nesta mesma época, outros grupos católicos também se disseram “tocados pelo Espírito”, o que tem levado os membros da RCC a afirmarem que o movimento teve seu início em vários estados americanos ao mesmo tempo e de forma independente. A RCC também argumenta que é falso atribuir a sua expansão para outros países somente à influência americana, apesar dos sacerdotes deste país estarem presentes ou envolvidos com o nascimento do movimento em diversos lugares do mundo. As organizações e associações de leigos começaram a se formar, e em 1970 os congressos católicos carismáticos já reuniam mais de trinta mil pessoas. Nesta mesma época, a Renovação ganha o encorajamento e a aprovação de várias Conferências Episcopais de diversos países, como também o estímulo do papa João Paulo II.

Apesar de procurar seguir uma estrutura e organização comuns, desde os grupos de oração até os seminários internacionais, a RCC não se identifica como um movimento mundial padronizado ou unificado por não reconhecer um único fundador e nem ter especificado uma lista de membros, como outros seguimentos dentro da igreja. A Renovação aponta que a sua linha comum é o “Batismo pelo Espírito Santo” que pode acontecer durante o “Seminário de Vida no Espírito”, embora também seja corriqueiro o batismo acontecer fora deste seminário. O Batismo ou Efusão pelo Espírito Santo é tido como uma graça que renova os dons já recebidos através dos sacramentos e reforça o comprometimento e a devoção do/da fiel com a ideologia católica, sendo reconhecido como uma reconversão de “livre” opção. A efusão pelo Espírito Santo, segundo os/as católicos/as carismáticos/as, não é um sacramento, como o batismo feito com água ou a comunhão, ou ainda a crisma, mas:

[...] a atividade da graça recebida pelos sacramentos; é o momento em que o/a fiel tem o sentimento e a consciência pessoal da presença do Espírito Santo na sua vida. É uma reconversão, uma conversão para dentro da instituição, e também uma ruptura com a vida que era levada antes de receber o Espírito Santo. Depois do

batismo a vida muda, o comportamento muda e os valores. É uma transformação por inteiro. (Diário de Campo do dia 17/09/2006)<sup>34</sup>

É fácil perceber, que o Batismo ou Efunção pelo Espírito indica uma ruptura com a vida que era levada antes da conversão. A percepção do Espírito Santo na sua vida confirma a disposição, o compromisso e a opção do/da fiel para viver em conformidade com os valores e a moral católica. Segundo o sacerdote e teólogo francês Quesnel (1996, p. 142), o batismo pelo Espírito Santo se diferencia dos sacramentos clássicos, pois “O que ele tem de original em relação aos sacramentos clássicos da iniciação, é que o momento é livremente escolhido pelo sujeito em função do seu itinerário pessoal.” Barbosa Neto, em sua tese de mestrado sobre “O Conceito de Renovação no Catolicismo Carismático” (2000), afirma que a efunção pelo Espírito, entre os/as carismáticos/as, é percebida menos como uma herança ou regra fixada pela instituição e mais como uma opção resultante da experiência de vida particular. Assim, o Batismo pelo Espírito Santo parece ser percebido como uma opção “livre” de cada fiel em particular, e que envolve, depois de assumido o compromisso, um jeito de viver que esteja de acordo com os valores morais católicos.

O padre Salvador Carrillo<sup>35</sup> afirma que “A igreja nasceu sob o impulso de Pentecostes e a Renovação traz a experiência de Pentecostes para os tempos atuais. A RCC é o Pentecostes de hoje.” Conforme os textos da RCC, o movimento é percebido, entre os/as católicos carismáticos, como a renovação da igreja através de um novo Pentecostes, um novo ardor, um fortalecimento da fé que torna presente os ensinamentos de Cristo nos dias de hoje. A história contada nos Grupos de Oração indica que a RCC nasceu do desejo de renovar a igreja católica e o batismo no Espírito Santo parece ser o ritual que marca esta renovação, tornando atual a experiência bíblica vivida pelos apóstolos. Esta renovação, antes de ser estimulada ou propagada entre os/as fiéis, foi muito discutida e estudada pelos teólogos e estudiosos ligados à ideologia católica. O Concílio Vaticano II reuniu bispos de todo o mundo com o objetivo de pensar os caminhos que a igreja tomaria para a sua

---

<sup>34</sup> Fala proferida no XV Cenáculo da RCC pelo jovem Valmir Alencar, figura bastante conhecida dentro do movimento de renovação da igreja católica. O evento citado ocorreu na cidade de São Leopoldo, no dia 17/09/2006.

<sup>35</sup> A citação do Pe Salvador Carrillo foi retirada da página 18 do Módulo II da RCC, que consta em anexo.

renovação, logo depois, estimuladas pelo concílio, pessoas ligadas à igreja começaram a buscar, também, novas formas de renovação do catolicismo. A RCC parece ter “surgido”, deste desejo comum, tanto dos dirigentes da igreja como dos seus fiéis mais comprometidos. Apesar de todo o envolvimento do clero com esta renovação do catolicismo, ela é tida como um movimento de leigos, coordenada e liderada por leigos. Os/As fiéis ocupam cargos desde a coordenação paroquial, diocesana, regional e também nacional, são eles/elas os/as responsáveis pelos grupos de oração, pelas comunidades de aliança e de vida, são eles/elas, também, que organizam os seminários, os encontros, os grupos de formação e os cenáculos que reúnem fiéis de diferentes localidades. Apesar de toda a autonomia dos/das leigos/as dentro do movimento, os/as mesmos são acompanhados pelo clero. Tanto os padres como os bispos, têm ocupado papéis importantes dentro da RCC ao assumirem a assessoria e a coordenação adjunta do movimento, ou seja, ao clero parece caber a função de supervisionar e orientar as lideranças leigas da RCC.

A renovação sugerida pelo Concílio Vaticano II estimulou, dentro da igreja católica, não somente os grupos ligados a RCC, mas também a ala da Teologia da Libertação (TL), tida como progressista. Conforme os estudos do sociólogo Rudá Ricci (2006), a TL é caracterizada pela forte politização dos/das católicos/as envolvidos, ao contrário da RCC que enfatiza a espiritualidade, sem envolvimento com as questões políticas. Apesar da tensão que envolve os dois movimentos é possível perceber alguma semelhança entre os mesmos, no momento em que, tanto a TL como a RCC têm nos grupos de leigos a sua célula principal. A Teologia da Libertação surgiu na América Latina, a partir das Conferências Gerais realizadas pelo Episcopado neste continente. A primeira das conferências se deu no Rio de Janeiro, no ano de 1955; a segunda ocorreu em Medellín, em 1968 e a terceira em Puebla no ano de 1979. A Teologia da libertação se popularizou no Brasil na década de setenta, no período do regime militar, contando com o apoio da CNBB (Confederação Nacional dos Bispos do Brasil); muitos bispos e padres lideraram a articulação de núcleos católicos de resistência política. Era nas CEBs<sup>36</sup> que se articulava a ação política missionária para a organização de movimentos populares como o MST (Movimento dos Sem Terra) e a Pastoral da Terra, engajadas no

---

<sup>36</sup> As CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), eram grupos de leigos que se reuniam com representantes do clero e articulavam a organização de movimentos populares.

enfrentamento político<sup>37</sup> em favor das classes menos favorecidas. Entre os teólogos que se destacaram estão Jon Sobrino<sup>38</sup>, Frei Betto e Leonardo Boff.

Apesar dos esforços dos padres Haroldo Joseph Rahm e Eduardo Dougherty, que já no início da década de setenta tentavam exportar o movimento carismático dos Estados Unidos para o Brasil, a Renovação Católica Carismática encontrou dificuldades para estabelecer-se no país nas décadas de setenta e oitenta. Entre os principais fatores da pouca abrangência da Renovação, nesta época, parecem estar o conservadorismo do clero e os freqüentes enfrentamentos com a TL. Conforme Rudá Ricci (2006), a Renovação começou a ganhar espaço com a crescente perda de apoio da Teologia da Libertação por parte do Vaticano, devido ao engajamento dos seus participantes a partidos políticos de esquerda e as freqüentes acusações e pressões em torno do seu suposto envolvimento com o marxismo, o que levou alguns grupos da direita a pressionarem os dirigentes da instituição católica para uma tomada de atitude.

A RCC parece ter desempenhado não somente a função de resgatar aqueles/aquelas que haviam se desencaminhado do catolicismo para ocupar os templos evangélicos pentecostais, mas também para combater e enfraquecer, dentro da própria igreja católica, a Teologia da Libertação. A TL vinha se fortalecendo cada vez mais junto a alguns grupos tidos como excluídos. Os adeptos se multiplicavam, inclusive em outros países da América Latina, atraídos/as pelas idéias de libertação ancoradas em estudos estimulados nas próprias CEBs e que se debruçavam em autores como Marx, Bourdieu e Paulo Freire, entre outros. Foi a partir dos incentivos promovidos pelo Vaticano que a CNBB inicia uma política de oposição a TL e a favor da RCC. Padres e bispos, que antes apoiavam a Teologia da Libertação, passam a reconhecer e a dar incentivo para a Renovação que começa a ser percebida como uma “experiência do espírito”; os representantes do clero que se colocaram contra o movimento foram transferidos ou convidados a se aposentarem.

---

<sup>37</sup> Também o Partido dos Trabalhadores (PT), conforme o artigo “Notícias Silenciadas. A Teologia da Libertação no Poder?”, encontrado no site [www.Lepanto.com.br/NotTLnoPoder.html](http://www.Lepanto.com.br/NotTLnoPoder.html), se constituiu dentro dos movimentos da TL. Os dados que aqui constam sobre a TL também podem ser encontrados nos sites [http://pt.wikipedia.org/wiki/Teologia\\_da\\_liberta%C3%A7%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Teologia_da_liberta%C3%A7%C3%A3o). e <http://www.espacoacademico.com.br/>. Acessados em 14/03/2007.

<sup>38</sup> Como já havia acontecido com Leonardo Boff e outros teólogos vinculados a TL, o Vaticano condenou em março do corrente ano, as obras deste teólogo, alegando que “suas proposições não estão em conformidade com a doutrina da igreja”, segundo o site <http://noticias.uol.com.br/ultnot/afp>. Acessado em 14/03/2007.

A marcada baixa na procura pelos sacramentos católicos apontava para a necessidade de uma tomada de atitude por parte do catolicismo para reverter o avanço pentecostal das igrejas evangélicas e recuperar o monopólio religioso brasileiro. Alguns representantes do clero, no Brasil, chegaram, inclusive, a observar os cultos de igrejas evangélicas pentecostais com o intuito de entenderem os motivos da sua extensão junto às camadas mais populares. Segundo Mariano (1999, p.26), “O padre Antônio Carlos Frizzo, então subsecretário regional da CNBB, após tais visitas, concluiu que a igreja católica deveria recuperar alguns rituais de sua tradição para satisfazer o mesmo público que procura a Igreja Universal.” Os rituais citados, aqui, referem-se às antigas bênçãos das velas, bênção das mulheres grávidas e bênção de São Brás, para curar dor de garganta. Conforme Souza:

Crescia a adesão à proposta de uma liturgia festiva, de linguagem simples e, portanto, mais facilmente compreensível pelas camadas populares. De modo difuso e fragmentado, a Igreja Católica procurava aprender com a concorrente evangélica. Práticas mágicas, de grande penetração na população brasileira, passaram a ser reintroduzidas ou revalorizadas pelo catolicismo dos clérigos, até mesmo pelo catolicismo oficial. (2001, p. 37)

Alguns ritos ou mesmo símbolos considerados profanos pelo catolicismo são recuperados e incorporados pela RCC na luta em favor dos “desgarrados”; ao mesmo tempo algumas tradições católicas são reforçadas, marcando a sua identidade frente aos cultos evangélicos pentecostais, entre elas, a devoção ao Papa, o culto a Maria e a eucaristia. A Renovação, assim, tem a sua expansão incentivada por alguns dirigentes da igreja católica no Brasil e principalmente pelo Vaticano. O catolicismo dá início a um processo de investimento em *marketing* para a recuperação do seu espaço no cenário religioso, fazendo uso de recursos da mídia bastante comuns na nossa época, entre eles as empresas de TV e algumas gravadoras musicais. A igreja católica, primeiramente, se alia a Rede Globo de Televisão, disputando audiência com a Rede Record, promotora da Igreja Universal do Reino de Deus. Desta forma, o investimento em *marketing* e propaganda tornou-

se corriqueiro, também, entre as diferentes igrejas na disputa pelos fiéis. A RCC no Brasil conta, no momento, com três canais de TV, sendo eles, a Rede Vida de Televisão, a TV Século XXI e a Canção Nova; além de editoras, gravadoras e vários sites na Internet, entre outros.

A Renovação se reconhece como um movimento que abriga no seu interior uma “alta diversidade” de indivíduos, grupos e atividades tidos, muitas vezes, como independentes uns dos outros e em vários estágios de desenvolvimento; entre eles os Grupos de Oração (GOs), as paróquias e Universidades Renovadas<sup>39</sup>, os congressos, os retiros e as Comunidades de Aliança e Vida<sup>40</sup>, além de vários apostolados e ministérios. Segundo a RCC os Grupos de Oração têm contribuído para esta variedade que compõe o movimento. É a partir dos GOs que outros grupos, comunidades, ministérios e atividades vão sendo instituídos e ganham espaço dentro da Renovação e da igreja católica de forma mais ampla. Mesmo defendendo uma posição de aparente autonomia e diversificação dos grupos e atividades, os membros da RCC participam de seminários e retiros de formação que ocorrem, geralmente, nos finais de semana e têm como finalidade aprofundar os conhecimentos de Renovação, como também, a formação de novos líderes dentro do movimento. Também são organizados os cenáculos, que ocorrem uma vez por ano e reúnem milhares de pessoas em estádios ou campos de futebol; nestes eventos, organizados a nível estadual ou diocesano, são realizados dias de oração semelhantes aos que ocorrem nos grupos de oração.

O Grupo de Oração parece ser a base da estrutura da RCC. Os GOs geralmente são liderados por leigos/as e formados por um número variado de fiéis. Os encontros ocorrem uma vez por semana, sendo que os seus dirigentes devem ter o cuidado de marcar as reuniões do grupo de forma que elas não coincidam com o domingo, pois este é o dia oficial da celebração das missas. Durante o trabalho de campo fui informada de que os encontros nos GOs devem ocorrer dentro do espaço

---

<sup>39</sup> O Ministério Universidades Renovadas foi criado a partir de um Grupo de Oração da Renovação Católica Carismática. O referido ministério está inserido dentro da organização nacional da RCC na condição de trabalho específico, contando com uma equipe formada por estudantes de graduação, pós-graduação, professores/as e funcionários. O ministério atinge, no momento, mais de dez mil pessoas e tem como objetivo promover a evangelização no meio universitário, através da organização de grupos de oração dentro das universidades. Ver site [www.universidadesrenovadas.com](http://www.universidadesrenovadas.com). Acessado em 15/05/2006.

<sup>40</sup> As comunidades de Aliança e Vida são formadas por leigos e representantes do clero. As comunidades de Aliança fornecem o auxílio econômico e o apoio espiritual para os grupos de fiéis que optam por viverem nas Comunidades de Vida, assumindo a missão de evangelizadores da RCC.

da paróquia e seguir alguns “passos sugeridos pelo Espírito”. Conforme a RCC “Não há uma ‘receita’ de como fazer uma reunião de oração, porém o Espírito vem suscitando na Renovação alguns passos que podem ajudar todos os que queiram a realizar as suas orações.”<sup>41</sup> Apesar do movimento se reconhecer pela diversidade dos grupos e indivíduos que acolhe, a composição e organização dos diversos seguimentos, dentro do movimento, apontam para uma estrutura comum através de “orientações” que devem ser seguidas sem que ocorram mudanças.

O Grupo Nascer não se reconhece como um Grupo de Oração, mas como um espaço para organizar e ensaiar as músicas e coreografias que compõe os encontros nos GOs e também às missas, retiros e outras atividades promovidas pela igreja. Assim, os/as jovens definem os encontros no Nascer como “*mais ligh*”<sup>42</sup>, já que os mesmos não seguem à risca todos “os passos sugeridos pelo Espírito”, mesmo que, em alguns momentos, as reuniões promovidas pelo grupo se aproximem, como pude perceber no trabalho de campo, do ritual “sugerido” pela RCC. Os encontros nos Grupos de Oração são organizados em vários momentos, começando com uma calorosa recepção aos fiéis através da “Acolhida” que parece ter como objetivo mudar o estado de Espírito das pessoas e colocá-las em melhores condições para “abrirem-se à experiência com Deus”. Depois da “Acolhida” a reunião tem o seu início com o momento de “Música e Oração”, o grupo é orientado a cantar músicas mais animadas para “quebrar o gelo” entre as pessoas. Conforme os/as jovens do grupo, este é o objetivo do Nascer: saber escolher as músicas certas para cada momento. As orações realizadas durante os encontros nos GOs devem ser marcadas pelo louvor,<sup>43</sup> pois, conforme a Renovação, “quanto menos o grupo falar e quanto mais a comunidade se manifestar em oração, tanto mais ungida será a reunião.”<sup>44</sup> É nesse momento, marcado por agradecimentos e pedidos, que os/as católicos carismáticos/as acreditam que o Batismo no Espírito Santo acontece. Após, acontece o “Anúncio da Palavra”, que, conforme a RCC, deve ser “curto e objetivo”, tendo um compromisso direto de vida, ou de exemplos que se relacionem

<sup>41</sup> Citação retirada da página 43, do Módulo I da Universidades Renovadas. Disponível no site [www.universidadesrenovadas.com](http://www.universidadesrenovadas.com), acessado em 15/05/2007.

<sup>42</sup> Fala proferida por um jovem do grupo em uma conversa durante o XV Cenáculo da RCC, que ocorreu em São Leopoldo, no dia 17/09/2007.

<sup>43</sup> A oração de louvor, conforme a RCC, é aquela na qual a pessoa reconhece que Deus é Deus e que Ele canta por Ele mesmo, ou seja, se expressa através do canto e da oração dos/das fiéis.

<sup>44</sup> Citação retirada da página 44, do Módulo I da Universidades Renovadas. Disponível no site [www.universidadesrenovadas.com](http://www.universidadesrenovadas.com), acessado em 15/05/2007.

com o dia a dia dos fiéis. O próximo momento é reconhecido como “Testemunho”, os testemunhos devem ser curtos e orientados para o que Deus realizou através do Grupo de Oração, ou seja, as “graças recebidas” e testemunhadas devem estar vinculadas às mudanças alcançadas pelos/as fiéis a partir da sua reconversão. A “Oração Final” deve ser marcada pela autoridade do coordenador em especificar os objetivos daquela reunião e a missão dos/das envolvidos no grupo em alcançá-los. Os participantes devem sair do grupo com uma missão específica, eles/elas são enviados pelo coordenador para, conforme a Renovação, “produzirem frutos” dentro da comunidade em que estão inseridos. Todo Grupo de Oração está ligado a Diocese, sendo os seus coordenadores reconhecidos, dentro do movimento da Renovação, como submissos ao coordenador Diocesano. Os GOs devem estar inseridos em todo o contexto da igreja e participarem da formação que a Diocese oferece, além de contribuírem nos seus eventos e conselhos Nacionais. Parecia fácil notar, já na recepção calorosa que dava início as reuniões no Nascer, algumas aproximações comuns com os textos da RCC que caracterizam e definem a forma como os encontros nos GOs devem transcorrer. As similaridades se acentuavam no decorrer das reuniões, e apesar de serem mais breves, os diferentes momentos ou passos “sugeridos pelo Espírito” pareciam bastante evidentes.

Conforme os jovens do Nascer, os coordenadores dos GOs são orientados para garantir que não haja diferenciações nas posições ocupadas entre os diversos participantes, mesmo entre leigos/as e religiosos/as. Apesar deste aparente cuidado em não atribuir diferentes valorações para as funções desempenhadas no grupo, Barbosa Neto (2000, p.59) argumenta que, “existem duas funções que aparecem com mais destaque para os seus atores: trata-se da função desempenhada pelo músico e pelo coordenador.” Segundo o autor, a função do/da coordenador/a do grupo é garantir que o ritual ocorra de forma que a sua seqüência seja seguida sem variações. A coordenação do GO pode ser desempenhada por um/a leigo/a, mas se houver no grupo algum/a representante do clero este/a deverá desempenhar a função. Barbosa Neto (ibdem) ainda afirma que a posição do/da músico/a é tão ou mais importante que a do/da coordenador. Conforme o autor, sem o músico a animação do ritual não aconteceria, sem ele o louvor através das expressões corporais, das gestualidades, do canto e algumas vezes, da dança poderia ser considerado “frio”:



[...] a música é considerada um dos elementos mais importantes na realização do ritual. É com ela que o GO sempre inicia, e é a partir do seu desenvolvimento que é atingido o “clímax” do ritual, isto é, a oração em línguas cujo significado é o de ser um canto de louvor a Deus através de uma linguagem que oscila entre o comunicável e o não-conceitual, ou entre o sentido e o não-sentido. (BARBOSA NETO, 2000, p. 60)

Durante o trabalho de campo também pude perceber o cuidado e a importância dispensadas a escolha e ao ensaio das músicas que iriam compor os encontros nos GOs, como também a posição de respeito e destaque ocupadas pelos músicos, principalmente por aqueles/as que tocam algum instrumento ou se sobressaem com a sua voz no canto. A música tem a função de produzir a atmosfera necessária para a realização do carisma das línguas. É através da glossolalia, fala em outras línguas, que os/as fiéis carismáticos vivem a presença do Espírito Santo e através desse carisma, acreditam, unem-se a Deus. Os músicos têm o compromisso de preparar o espírito do grupo, de tornarem os/as participantes sensíveis para receberem o Espírito Santo e os seus dons. Os carismas são considerados, entre os/as católicos/as carismáticos/as, como dons universais, igualitários e habituais, ou seja, comuns a todos os indivíduos, sem distinção hierárquica entre clérigos e leigos; basta que estes/as sejam merecedores. Conforme Juanes (1994), não há um número específico de dons, entre os mais comuns estão a glossolalia, a interpretação das línguas, a profecia, o discernimento e a cura - mas, conforme a Renovação, o Espírito que “sopra”, ou concede o dom, é só um. Os dons do Espírito são compreendidos, ao mesmo tempo, como coletivos e individuais, unos e múltiplos, iguais e distintos, universais e locais, pois, segundo a RCC no momento em que santificam e estimulam cada sujeito em particular, edificam e afirmam a importância da identidade eclesial coletiva. Desta forma, o GO é percebido como o espaço onde cada fiel tem a oportunidade de desenvolver os carismas, reconhecidos e exercidos pela comunidade, através da experiência do Pentecostes e em benefício do bem comum.

Como afirma a RCC, é a partir dos carismas que são criados os ministérios dentro do movimento, pois no âmbito da Renovação<sup>45</sup> ministério é o carisma que assume a forma de “serviço bem determinado, envolvendo um conjunto mais ou menos amplo de funções, que responda a exigências permanentes da comunidade e da missão, é assumido com estabilidade, comporta verdadeira responsabilidade e é acolhido e reconhecido pela comunidade eclesial”.

Os ministérios, ainda conforme a Renovação, são atividades evangelizadoras que configuram o conjunto amplo de funções fundadas a partir dos carismas do grupo e que assumem a forma de serviço dentro da comunidade. O movimento carismático afirma considerar legítimo os mais diversos carismas e as mais variadas lideranças que se originam a partir dos diferentes dons do Espírito, o que resulta, segundo a RCC, numa pluralidade interna que tem sido a marca da Renovação. Ainda que o movimento afirme abranger e apoiar os distintos ministérios originados a partir dos mais variados carismas, os objetivos e metas dos ministérios para a sua formação e criação devem integrar os objetivos e metas da Comissão a que pertencem dentro da Renovação. Os ministérios poderão ser criados ou extintos a partir da avaliação do Conselho Nacional da RCC. Os representantes dos ministérios devem, ainda, participar do serviço de evangelização desenvolvido pela RCC, sendo que cada ministério deve encaminhar os seus membros para a formação com estes serviços. É a partir dos diferentes ministérios que são organizadas as atividades e grupos dentro do movimento.

A Renovação Católica Carismática, conforme o *site* do movimento<sup>46</sup>, está presente em, aproximadamente, 238 países, contando com 119 milhões de adeptos em todo o mundo, ou seja, aproximadamente 11% do total de católicos; sendo que grande parte se encontra na América Latina. O Brasil, ainda segundo a Renovação, está entre os três primeiros países com o maior número de adeptos da RCC, atrás das Filipinas e do México. Foi bastante difícil encontrar pesquisas acadêmicas que apontassem, de forma mais exata, o número de católicos que compõem o movimento no nosso país; conforme as fontes da RCC, no Brasil, eles se aproximam dos 3,8 milhões. O sociólogo André Ricardo de Souza (2001) organizou uma pesquisa com o objetivo de fazer a estimativa do tipo de católico que participa das

---

<sup>45</sup> Citação retirada da Apostila da Universidades Renovadas Módulo I, página 41, acessada em 15/05/2007, através do site [www.universidadesrenovadas.com](http://www.universidadesrenovadas.com)

<sup>46</sup> Disponível em [www.rccbrasil.org.br](http://www.rccbrasil.org.br), acessado em 03/08/2006.

missas e eventos organizados pela RCC. Na primeira tiragem de dados 56% dos católicos presentes em uma missa celebrada pelo padre Marcelo Rossi<sup>47</sup> se reconheceram como católicos carismáticos. No final da pesquisa essa porcentagem foi reduzida para 24%, na medida em que o fator que definia um católico carismático de um católico tradicional era o pertencimento ou não ao Grupo de Oração. O sociólogo, com base nos seus estudos, afirma que é quase impossível contabilizar o número exato de fiéis que compõem o movimento, pois os partidários da RCC se encontram em meio aos católicos tidos como tradicionais. Já um estudo encomendado pelo centro de pesquisas religiosas americano *Pew Fórum on Religion and Public Life*<sup>48</sup> afirma que os adeptos de religiões pentecostais e os católicos carismáticos somam 49% da população brasileira. Luis Lugo, diretor do *Pew Fórum on Religion and Public Life*, argumenta que em cada dois católicos entrevistados, um se reconhecia como carismático. A pesquisa citada foi realizada em maio e julho do ano passado, através de entrevistas nas cidades de Recife, São Paulo e Porto Alegre. É importante refletir sobre o fato de que as fontes pesquisadas, além de apresentarem distintos interesses para realização das suas pesquisas e formas variadas para o seu cumprimento, apontaram diferentes resultados para o número de partidários que compõem o movimento, ao mesmo tempo em que indicaram porcentagens que sugerem milhões de adeptos.

André Ricardo de Souza (2001) afirma que a popularização da RCC no Brasil se deve a grande organização do movimento. Desde a origem da RCC, os seus integrantes organizaram-se em equipes de âmbito local, regional, nacional e internacional. Conforme a Renovação, essas equipes têm como função promover a articulação entre as coordenações garantindo a sua unidade. A RCC afirma que a sua organização interna lhe oferece um elevado grau de maleabilidade, a partir da suposta autonomia permitida aos diferentes grupos dentro do movimento, no momento em que cada um tem a possibilidade de organizar as atividades conforme as necessidades específicas dos seus membros; ao mesmo tempo em que garantem uma linha comum ao movimento. Foi nas décadas de oitenta e noventa que a Renovação investiu na consolidação das organizações nacionais e

---

<sup>47</sup> O Pe Marcelo Rossi tornou-se bastante popular, dentro do movimento de Renovação do catolicismo, através da grande repercussão das suas missas embaladas por músicas, danças e brincadeiras. O padre Marcelo já gravou vários CDs de música, além de participar de shows carismáticos que reúnem milhares de pessoas.

<sup>48</sup> Disponível no site [www.costaricaweb.com.br](http://www.costaricaweb.com.br), acessado em 06/10/2006.

internacionais e na ampliação das suas relações com a hierarquia católica. Na década de setenta foi criado, em Michigan, um centro de comunicação informal chamado de ICO - *International Communication Office*. Em 1981 o ICO foi transferido para Roma, passando a ser chamado de ICCRO (*International Catholic Charismatic Renewal Office* – Escritório Internacional da Renovação Carismática). Através do ICCRO foi solicitada à Santa Sé um reconhecimento oficial da RCC; foram, então, organizados e apresentados ao Vaticano os Estatutos do ICCRO que, depois de serem analisados pelos seus teólogos e sofrerem os ajustes recomendados pela instituição, foram aprovados no ano de 1993 sob o título de ICCRS (*International Catholic Charismatic Renewal Service* – Serviço Internacional da Renovação Católica Carismática). No ICCRO são detalhados a natureza, estrutura e objetivos do serviço internacional da RCC. O ICCRS reúne seus membros, através de retiros e encontros internacionais, para discutir e planejar a Renovação em âmbito mundial.

Outra organização internacional importante é a CFCCCF (*Catholic Fraternity of Charismatic Covenant Communities and Fellowships* – Fraternidade Católica das Comunidades de Aliança e Vida). Esta organização da Renovação Católica Carismática é composta por mais de cinquenta comunidades espalhadas pelo mundo, tendo sido reconhecidos, em 1990, os seus estatutos pelo Pontifício Conselho para Leigos na América Latina. Conforme os estudos de Cecília Loreto Mariz (2005), as Comunidades de Aliança e Vida se originaram a partir de iniciativas de dentro do movimento da RCC, algumas destas comunidades foram criadas por lideranças leigas, inclusive de jovens, e outras por representantes do clero. Segundo as entrevistas realizadas durante a pesquisa de Mariz (*ibidem*), os membros das Comunidades de Vida afirmam procurar um tipo especial de consagração; os mesmos passam a compartilhar as finanças e o cotidiano com outros/as fiéis, dividindo o mesmo teto e as despesas domésticas. Já as Comunidades de Aliança são compostas por fiéis que continuam a viver com as suas famílias, conservando a sua autonomia financeira, mas mantendo um forte vínculo com as comunidades de vida através de orações e da contribuição financeira para a sua manutenção. As Comunidades de Vida podem se manter, também, a partir do trabalho dos seus adeptos. Estas comunidades podem abrigar no seu interior fiéis de ambos os sexos,

até mesmo casais com filhos ou possuem as casas femininas e masculinas. Duas comunidades bastante conhecidas no Brasil são a Canção Nova e a *Shalom*<sup>49</sup>.

Outro organismo considerado bastante importante dentro da Renovação é o CONCCLAT (Conselho Carismático Católico Latino Americano), criado em 1972 o órgão afirma ter como objetivo a promoção do intercâmbio entre os grupos e atividades de Renovação entre os países latino-americanos, além de refletir sobre a experiência da RCC nos seus ambientes culturais. Através do CONCCLAT, sediado atualmente no México, acontece, anualmente, o ECCLA (Encontro Carismático Latino Americano). Conforme o histórico da Renovação, ao mesmo tempo em que o movimento se organizava a nível internacional, buscava, também, meios para a sua estruturação em âmbito nacional. No Brasil, ainda segundo a RCC, o movimento teve início através dos padres Haroldo Joseph Rahm e Eduardo Dougherty. A Renovação reconhece que os Grupos de Oração surgidos no Brasil tiveram a sua origem “seja nas ‘Experiências de Oração no Espírito Santo’ do Pe Haroldo Rahm, seja nos retiros dados pelo Pe Eduardo Dougherty”<sup>50</sup>. Esses padres, como outros religiosos que vieram depois deles ao Brasil com o objetivo de promover o movimento de renovação da igreja, tiveram as suas experiências com a RCC nos Estados Unidos para depois buscarem o seu agenciamento e expansão junto a outros países.

No Brasil, a Renovação teve o seu início na cidade de Campinas, espalhando-se para outras cidades e Estados. Em 1973 foi organizado o I Congresso Nacional da RCC no país, “[...] no qual compareceram cerca de 50 líderes para discernir a obra do Espírito Santo no Brasil.”<sup>51</sup> Os responsáveis pelo movimento percebiam-no como “uma nova ‘onda’ de evangelização com identidade própria.”<sup>52</sup> Em 1972 o padre Haroldo lançou o livro “Sereis Batizados no Espírito”, com o objetivo, conforme os relatos da RCC – a exemplo das obras “A cruz e o punhal” e “Eles falam em outras línguas”, editadas nos EUA e usadas no retiro da Universidade de Duquesne – de promover a inspiração e preparar o espírito daqueles/as que desejavam receber o Batismo no Espírito Santo. O livro trazia

---

<sup>49</sup> Para maiores informações acessar o site [www.shalomrj.com.br](http://www.shalomrj.com.br). Acesso feito em 25/07/2007.

<sup>50</sup> Citação retirada da página 26, da Apostila de Formação, Módulo I, através do acesso feito ao site [www.universidadesrenovadas.com](http://www.universidadesrenovadas.com), em 15/05/2007.

<sup>51</sup> Citação retirada da página 26, do Módulo I, da Universidade Renovadas; disponível no site [www.universidadesrenovadas.com](http://www.universidadesrenovadas.com), acessado em 15/05/2007.

<sup>52</sup> Ibidem citação anterior.

orientações para a realização dos retiros de “Experiência de Oração no Espírito Santo” e, segundo a RCC, agiu como motivação para a emergência de vários GOs. A obra, ainda conforme a Renovação, foi reconhecida e aprovada pelo bispo de Campinas Dom Antônio Maria Alves, o que, para os/as católicos carismáticos/as da época, parece ter significado a legitimação do movimento no Brasil.

A partir de 1980 o movimento afirma ter alcançado a sua consolidação institucional, ao atingir todo o território nacional e ocupar um espaço significativo na mídia “seja como objeto de notícias seja como usuária dos meios de comunicação social.”<sup>53</sup> Neste mesmo ano o Pe Eduardo Dougherty fundou a Associação do Senhor Jesus (ASJ) que investiu na venda de diversos materiais religiosos, como livros de formação e cânticos. A arrecadação dos valores, provenientes das vendas, tinha como objetivo a realização de um programa de TV, o que aconteceu logo em seguida com o programa Anunciamos Jesus, que em 1986 cobria três redes de TV, alcançando 60% do território nacional. Logo no início da década de noventa a ASJ fundou o Centro de Produções Século XX, que possui três grandes estúdios de TV na cidade de Valinhos em São Paulo. Atualmente a Associação do Senhor Jesus possui um sistema televisivo próprio, com o objetivo de estar, em breve, com retransmissoras em todas as regiões do Brasil.

A Renovação afirma ter ganhado “um grande impulso” com a adesão do Pe Jonas Abib, que teve acesso a RCC a partir do padre Haroldo. Segundo alguns documentos da Renovação Carismática, o padre Haroldo foi o responsável em divulgar o movimento para muitos dos que viriam a se tornar suas lideranças. Pe Jonas alcançou muita popularidade ao constituir em 1975, juntamente com um grupo de jovens, a Comunidade de Vida Canção Nova<sup>54</sup>. O clérigo argumenta que foi motivado por cerca de doze jovens para fundar a comunidade e dedicar-se ao carisma de “evangelizar através dos meios de comunicação”<sup>55</sup>. A Canção Nova, no seu site da Internet, afirma priorizar a formação espiritual dos/das jovens, investindo na restauração da dignidade da família para a “construção de homens novos para um mundo novo.” A Rádio Canção Nova foi inaugurada em 1980 e nove anos depois ocorreu a inauguração da TV Canção Nova, que, atualmente, conta com cinco

---

<sup>53</sup>Citação retirada da página 28 da Universidades Renovadas, site [www.universidadesrenovadas.com](http://www.universidadesrenovadas.com), acessado em 15/05/2007.

<sup>54</sup> Mais informações acessar o site [www.cancaonova.com/](http://www.cancaonova.com/). Acesso feito em 25/07/2007.

<sup>55</sup> Citação retirada do site [www.cancaonova.com/](http://www.cancaonova.com/), acessado em 25/07/2007.

produtoras instaladas entre os estados de São Paulo, Sergipe, Rio de Janeiro, além do Distrito Federal. A TV Canção Nova atinge todo o território nacional, como também o continente americano, a Europa Ocidental, a África e o Oriente Médio. No site da comunidade, a mesma garante que tem buscado aplicar-se para usar os meios de comunicação, entre eles a Internet, como uma “poderosa ferramenta de Deus” para a evangelização. Recentemente foi construído, dentro da comunidade, um espaço conhecido como “Rincão do meu Senhor”, neste lugar são organizados encontros e shows carismáticos que podem reunir até 60 mil pessoas.

A RCC, afirma estar presente em todos os estados brasileiros e também no distrito federal, somando 285 coordenações (arqui)diocesanas organizadas e cadastradas junto ao Escritório Nacional.<sup>56</sup> Conforme a estimativa feita pelo próprio movimento, foram contabilizados, junto às coordenações estaduais, vinte mil Grupos de Oração no país, sendo que dentro deste número não foram previstas as comunidades de vida, de aliança e uma infinidade de outras atividades que, segundo a RCC, estão agrupadas dentro do movimento.

A juventude tem sido o lugar de muitos investimentos direcionados pela igreja católica para a recuperação dos seus devotos. Conforme Souza (2001), o catolicismo constatou, através de pesquisas encomendadas pela própria igreja, que grande parte dos/das fiéis definidos como não praticantes ou que têm procurado outras religiões são jovens. Assim, os esforços do catolicismo para recuperação dos fiéis têm se voltado, principalmente, para esta parcela da população. A Renovação tem se utilizado de diferentes recursos para emprestar à religião católica um “ar mais juvenil”; os padres cantores talvez sejam uma amostra deste interesse em rejuvenescer o catolicismo. As músicas marcadas pelo ritmo pop, com letras de fácil aprendizagem e que lembram canções infanto-juvenis são embaladas pelas vozes dos padres cantores, tornando a religião católica mais “*light*”, como afirma Souza (ibdem), e de fácil entendimento e apropriação. Padres como Marcelo Rossi, encabeçam a promoção da igreja católica e dos seus discursos, mostrando para a juventude que ainda é possível viver as “verdades divinas” pregadas pela instituição. Marcelo Rossi parece representar a encarnação do “bom moço”: um jovem bonito e carismático que vem privando-se de certos prazeres para viver em prol do resgate dos valores morais católicos. Suas missas são embaladas por uma grande

---

<sup>56</sup> Conforme o site [www.rccbrasil.org.br](http://www.rccbrasil.org.br). Acesso feito em 03/08/2006.

quantidade de músicas, danças e brincadeiras, enquanto o sermão é direcionado para tratar de questões espirituais, sem envolver-se com os problemas sociais e políticos da nossa época. Frases curtas como “Jesus é o caminho eu sou apenas a seta que aponta para o caminho” ou “Sou feliz porque sou católico”, são usadas durante as missas, reafirmando a identidade católica e o papel da juventude como “apóstolos de uma nova época”<sup>57</sup>.

Penso ser importante refletir sobre os meios usados ao longo do tempo e da história, para que as verdades, os ensinamentos, enfim, a doutrina católica continuasse viva – ou fosse reavivada - e repassada para os seus fiéis. É através da linguagem e do discurso que a ideologia católica se faz presente entre nós, sendo os seus significados e representações reconstruídos e reiterados. É através da linguagem<sup>58</sup> que as representações católicas ganham sentido e, também, é através da linguagem que as suas verdades são construídas e consolidadas. A cultura tem a linguagem como um dos recursos básicos de transferência e produção dos costumes, das crenças, dos valores morais e éticos, dos conhecimentos e dos saberes. A linguagem representa o mundo e ao representá-lo “reapresenta-o” à sociedade e aos diferentes grupos sociais. Como nascemos imersos/os na cultura tomamos a linguagem como um recurso natural e não construído, nos esquecemos de que a linguagem obedece a regras - inventadas e transformadas historicamente - que a articulam e formam os discursos e que o controle que imaginávamos ter sobre os discursos, muitas vezes, nos escapa.

A linguagem muito mais que nomear os fatos e as coisas, representa o mundo, criando-o, dando-lhe sentido e significado. A criação de sentidos e representações sobre o mundo e as coisas se dá de uma forma tensa, conflituosa e carregada de disputa. A representação a qual me refiro é aquela que, segundo Tomaz Tadeu da Silva (2003, p. 65), é visível e audível, ou seja, pode ser percebida através dos traços, das marcas e signos – imagens, sons, desenhos, objetos, modelos, símbolos – que imprime. Alguns sentidos e representações são tornados “reais” e acabam por construir as coisas e os valores tidos como “verdadeiros”. É através da linguagem que os diversos grupos sociais disputam pelo poder de

---

<sup>57</sup> Conforme entrevista dada pelo padre Marcelo a Folha de São Paulo em 06/02/2000. Não foi possível identificar o título desta reportagem e a sua página.

<sup>58</sup> Refiro-me, aqui, a todas as formas de linguagem usadas na nossa cultura, desde a linguagem escrita e falada até a “linguagem corporal” e, também, dos meios de comunicação, entre outras.



fixarem os seus significados, construirão as suas representações e consolidarem as suas verdades. Também a igreja católica participa da luta pelo poder de fixar os significados que para ela são importantes, buscando materializá-los através da representação dos seus discursos e verdades. Os diferentes grupos sociais concorrem pelo poder de imporem os seus significados e representações, tentando fechá-los e fixá-los em um sentido único, tido pelo grupo como verdadeiro. Conforme Silva (ibidem) “A representação é uma tentativa - sempre frustrada – de fixação, de fechamento, do processo de significação. Fixar, fechar: é nisso que, precisamente, consiste o jogo do poder.” A RCC constitui-se em mais um local para a produção e reprodução dos significados católicos. É neste sentido que percebo o grupo de jovens Nascir como um espaço privilegiado para observar a veiculação das representações católicas, muito especialmente (conforme meu foco de estudo) aquelas referentes ao gênero e a sexualidade. Este jeito católico de ser homem ou mulher e de viver a sexualidade e os seus prazeres se propõe através de um estilo de vida condizente com “um/a bom/boa jovem cristão/cristã” ou com “uma boa juventude”. No presente trabalho, tentei identificar e analisar alguns jogos de poder (e também os focos de resistência) que buscam a fixação (ou, em outros momentos, o questionamento) das representações de gênero e de sexualidade que circulam no grupo.

Quando me refiro ao poder faço-o na concepção foucaultiana, segundo a qual o poder não é algo que se possa localizar, ou que se adquira e se mantenha em um certo lugar como, por exemplo, o Estado. O poder, para Foucault (1988), vem de todos os lados, ele é pulverizado e móvel, circulando de um ponto a outro na rede de relações que constitui o social. O poder atravessa e investe todos os sujeitos e grupos sociais, não se restringindo, apenas, a grupos determinados ou a instituições e aparelhos estatais; do mesmo modo, também, as suas fontes de resistência não se encontram de forma fixa ou sitiadas em um dado local, mas sim compostas de resistências múltiplas e móveis. Foucault afirma que:

O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. [...] o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. (1988, p. 89)

Foucault argumenta que o poder não é simplesmente repressivo ou destrutivo, como muitas vezes imaginamos, mas sim produtivo. O poder age sobre a ação dos outros, produzindo e potencializando, enquanto exercitado, as possibilidades para que a ação do outro possa existir, ao mesmo tempo em que reconhece o outro, até o fim, como o sujeito da ação. Ainda conforme Foucault (1995, p. 245) “Viver em sociedade é, de qualquer maneira, viver de modo que seja possível a alguns agirem sobre a ação dos outros.” Os diferentes grupos sociais disputam pelo poder de fixarem os seus significados e também pelo poder de falarem de si e dos outros. A luta pela construção e imposição do significado é ininterrupta, pois este processo nunca está fechado, pronto ou acabado; ao contrário, está sempre em aberto, carregando a instabilidade do “vir a ser”. O significado precisa, então, ser citado, lembrado, reiterado a todo instante, e isso acontece em meio a jogos de poder que podem reforçá-lo ou desestabilizá-lo. Foucault (1993) argumenta que os jogos de poder estão sempre imbricados com o saber, ou seja, não existem relações de poder sem estarem enredadas a elas saberes que potencializam e encobrem o poder. O saber mascara, traveste as relações de poder. Assim, na luta pela imposição dos significados, o poder é “disfarçado” pelo saber que, ao mesmo tempo em que encobre, potencializa o poder. É fazendo parte da disputa pelo poder de dar significado ao mundo e as relações que nele acontecem que, muitas vezes, as verdades católicas são desestabilizadas, que os seus discursos são questionados por outros discursos correntes que podem ser considerados, em alguns momentos, contraditórios à cultura católica. Em outras situações algumas verdades católicas são reforçadas ou potencializadas por discursos que vêm fortalecer os seus significados.

Foucault argumenta que “[...] os discursos não são combinações de palavras que representariam as coisas do mundo. Eles não são conjuntos de signos; (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam.” (1987, p. 56). Os significados que compõem os discursos só existem a partir do momento em que são enunciados, ou seja, o significado não existe antes de ser citado e tão pouco de forma isolada. Os discursos, por sua vez, mais que descreverem as coisas do mundo, as fazem existir. Os discursos criam e dão sentido para a realidade em que nos encontramos, é através dos discursos que materializamos as verdades da nossa

cultura. O discurso dá vida, dá movimento ao corpo social e também ao corpo físico. O discurso católico habita os corpos dos/das jovens, ensinando-os/as a falar, a agir, a pensar e a existir de um jeito católico. Vale lembrar que o “jeito jovem de ser católico” também se transformou ao longo do tempo. O ideal de jovem a ser alcançado, proposto pelo catolicismo, não foi sempre o mesmo.

Nas diferentes épocas históricas é possível observar que, mesmo dentro da cultura católica, ocorreram – e ainda ocorrem - diversas interpretações acerca das suas verdades. A recuperação, pela RCC, de alguns rituais e simbolismos que em outros momentos foram considerados profanos pelo próprio catolicismo, como, também, os diferentes grupos, muitas vezes, antagônicos formados por fiéis e componentes do clero sugerem uma disparidade de posicionamentos e opiniões dentro da instituição. O discurso cristão usado como um recurso fiel para descrever os fatos e os acontecimentos divinos parece ser interpretado, também, pela doutrina católica de formas diversificadas. O catolicismo vem se valendo da linguagem como um recurso seguro para descrever as “verdades” divinizadas pela instituição e que são responsáveis pela sua estruturação; estas “verdades” são percebidas como se as mesmas tivessem sido produzidas em um tempo ahistórico, ou seja, fora da história, da cultura e das relações de poder que caracterizam a vida em sociedade. Foucault (1993, p. 12), afirma que:

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade: isto é, tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

O discurso constitui-se a partir do conjunto de enunciados que se referem a um determinado saber; os enunciados, articulados entre si, formam os discursos e juntos estabelecem regimes de verdades que instituem formas de pensar e “olhar” o mundo, representando e criando a suposta realidade dos fatos e das coisas. É na cultura que atribuímos certos valores para alguns fatos bíblicos e não outros, é,

também, na cultura que associamos diferentes significados às diversas religiões, algumas auto definindo-se como “mais verdadeiras” ao alegarem estar mais de acordo com verdades “divinas”, ou seja, com os ensinamentos de Deus. Acredito que pensar sobre a construção das “verdades religiosas” que circulam no Grupo de Jovens Nascer, a partir do seu caráter histórico e cultural, pode levar-nos a refletir sobre as condições que permitiram que estas verdades fossem aceitas e, muitas vezes, naturalizadas pela nossa sociedade. A cultura católica vem construindo e solidificando as suas verdades através dos tempos, usando diferentes recursos para reafirmá-las e torná-las atuais nos nossos dias. O catolicismo vem representando as suas verdades quanto ao corpo, ao sexo, ao gênero e a sexualidade através de modelos atuais de uma juventude que não se “perdeu” em meio a uma sociedade onde, segundo a RCC, o sexo promíscuo, as drogas e a violência têm sido companheiros comuns dos/das jovens. Estudar os sentidos atribuídos pelo catolicismo para o corpo, o gênero e a sexualidade poderá auxiliar-nos a compreender melhor as condições que permitiram a emergência, na nossa sociedade, de algumas representações e também de algumas verdades católicas.

A legitimidade conferida aos discursos católicos vem estabelecendo formas de os sujeitos viverem as relações de gênero e de sexualidade. Durante as reuniões, congressos, seminários, missas e encontros são produzidas diferentes narrativas que constituem representações sobre o modo cristão de amar e relacionar-se com o corpo e os seus prazeres. Esta proposta de pesquisa constituiu-se em uma tentativa de “olhar” para o Grupo de Jovens Nascer e para as relações que se estabeleceram naquele espaço, assim como para os discursos que lá circularam e que são responsáveis pela produção de sentidos nos corpos e na sexualidade dos sujeitos. Pretendo, desta forma, problematizar o modo dos/das jovens relacionarem-se com o corpo, o gênero e a sexualidade e as condições que possibilitaram a emergência de certas verdades e de certos discursos construídos ou em circulação naquele espaço, como também, quem está autorizado/a a produzir e a reproduzir tais discursos e a forma pela qual os diferentes sujeitos se reconhecem dentro destas narrativas.

### III - UMA JUVENTUDE “SAGRADA” – O GRUPO NASCER

Observar os corpos de meninos e meninas; avaliá-los, medi-los, classificá-los. Dar-lhes, a seguir, uma ordem; corrigi-los sempre que necessário, moldá-los às convenções sociais. Fazer tudo isso de forma a que se tornem aptos, produtivos e ajustados- cada qual ao seu destino. Um trabalho incessante, onde se reconhecem - ou se produzem - divisões e distinções. Um processo que, ao supor ‘marcas’ corporais, as faz existir, inscrevendo e instaurando diferenças. (LOURO, 2000a, p. 61)

#### - O *Por Hoje Não Vou Pecar* e a “cura” da juventude

A igreja católica<sup>59</sup> tem demonstrado, em várias situações, o seu empenho em evangelizar a juventude e formar, entre os/as jovens, missionários para a propagação da sua fé. Também os textos da RCC são direcionados para estimular a juventude carismática a promover a “nova evangelização” e resgatar aqueles/aquelas que, conforme os seus discursos, se encontram em situação de risco e desequilíbrio. Os investimentos da Renovação são dirigidos a todos os/as jovens, mas, talvez, de uma forma especial para os/as que tiveram/têm envolvimento com álcool, drogas, delinqüência, prostituição ou mesmo para os/as que vivem em lugares considerados de risco, como o bairro em que o grupo Nascer se localiza. A RCC tem se empenhado de diversas maneiras para promover a cura da juventude;<sup>60</sup> muitos livros têm sido escritos, diferentes atividades tem sido organizadas<sup>61</sup> para

<sup>59</sup> O Papa Bento XVI reuniu no estádio do Pacaembu, em São Paulo, por ocasião da sua vinda ao Brasil em 2007, cerca de 41 mil jovens latino-americanos, pertencentes à juventude católica. Entre outras coisas, o Papa reforçou a fala de João Paulo II dirigida aos jovens, em sua passagem pelo Mato Grosso no dia 16/10/1991. Naquela oportunidade, o Papa em exercício se referiu à juventude dizendo que os “os jovens são os primeiros protagonistas do terceiro milênio [...]”, conforme a fala de João Paulo II, reforçada por Bento XVI, são os jovens que deverão “[...] traçar os rumos desta nova etapa da humanidade.” Bento XVI afirma para a juventude que “Sois jovens da igreja. [...] Por isso eu vos envio para a grande missão de resgatar os jovens e as jovens que andam por este mundo errantes, como ovelhas sem pastor. [...] Cristo vos chama a serem santos.” (09/05/2007) Para acessar a mensagem do Papa aos jovens ver o site [www.cançãonova.com/home/papanobrasil](http://www.cançãonova.com/home/papanobrasil) acessado em 25/07/2007.

<sup>60</sup> Inclusive através de centros de recuperação para dependentes químicos. Ver o livro “Jovem, o caminho se faz caminhando”, escrito por Dunga e editado pela Canção Nova no ano de 2004.

<sup>61</sup> A RCC tem procurado investir em atividades modernas e inovadoras para atrair a juventude, em São Paulo têm ocorrido às festas Raves que podem se estender por dias e noites. Estas festas são

agenciar os/as jovens e ensinar o PHN (Por Hoje Não Vou Pecar). Os/As católicos/as carismáticos/as parecem acreditar que os/as jovens correm perigo, segundo padre Jonas Abib (1998, p. 101), também eles/elas estão dando “espaço para o demônio vivendo no vício, longe de Deus, passando droga, bebendo, se prostituindo, na adolescência eles precisam muito mais ainda do Espírito Santo.”

Talvez Pe Jonas acredite que os/as jovens precisem “muito mais” do Espírito Santo por estarem neste suposto momento de passagem, como é definida a adolescência pela RCC, marcado pela instabilidade, insegurança, indefinição e a busca de uma identidade “equilibrada” e “verdadeira”. Os textos da RCC argumentam que a Renovação deve estar presente na vida dos/das jovens e que os/as mesmos/as precisam ser devidamente acompanhados/as e amparados/as pelas suas famílias, assim eles e elas poderão passar por esta “fase”, denominada como adolescência, e serem adultos bem resolvidos, seguros na sua identidade e devidamente “curados na sua espiritualidade, afetividade e sexualidade”<sup>62</sup>.

É através do PHN que a Renovação leva aos jovens o seu “jeito de viver”, propondo a cura dos males que atingem a juventude e a possibilidade de alcançar uma vida plena através da salvação. Escolhi a expressão “Por Hoje Não Vou Pecar” como título desta dissertação devido a sua importância dentro da Renovação e a impossibilidade de falar da RCC e da sua influência em grande parte da juventude católica sem falar do PHN. O PHN é apresentado como a estrutura da Renovação Jovem, é através dele que o certo e o errado vão sendo pregados, que um suposto jeito de viver livre de pecados e sofrimentos vai sendo ensinado, que o bem e o mal são apontados, distinguidos e tornados “claros” para os/as jovens em renovação.

Dunga<sup>63</sup>, em seu livro “Jovem, o caminho se faz caminhando”, argumenta que foi a partir da tristeza e da miséria que ele sentiu - enquanto pregava a

---

embaladas por músicas tocadas pelas bandas da Renovação, também são vendidos diferentes objetos – camisetas, pulseiras, colares, brincos, mochilas... - com slogans da Renovação e do PHN. No RS têm sido mais comuns os retiros e as Cristotecas – discotecas embaladas ao som de músicas compostas pela RCC. É importante ressaltar que nestas festas não são consumidas bebidas alcoólicas ou qualquer tipo de cigarros ou entorpecentes.

<sup>62</sup> Afirmação presente em vários livros publicados por missionários da RCC, como:

A cura da nossa afetividade e sexualidade, Comunidade Canção Nova, São Paulo: Editora Canção Nova, 9ª edição, 2004.

Jovens em Renovação, Pe Alírio J. Pedrini, São Paulo: Edições Loyola, 12ª edição, 2004.

Jovem, o caminho se faz caminhando, Dunga, São Paulo: Editora Canção Nova, 4ª edição, 2004.

<sup>63</sup> Dunga é reconhecido como um importante missionário leigo do movimento de Renovação do Catolicismo no Brasil, tendo inclusive editado livros sobre o tema, além de fazer parte de um conjunto musical da RCC e apresentar programas evangelizadores através da rádio e da rede de TV Canção

Renovação em FEBEMs<sup>64</sup>, cadeias, casas de recuperação e atendimento a soropositivos - a necessidade de ensinar os jovens a dizer e a viver o PHN. Dunga afirma que:

Vê-se pelo brilho do olhar, percebe-se a luta desses jovens querendo sair da droga e do pecado... [...] os jovens estavam morrendo na minha frente... Muitos deles injetaram cocaína apenas uma vez. Outros tiveram a primeira e a última relação sexual, pois logo em seguida descobriram que estavam infectados pela AIDS... Por que não ensinar os jovens a dizer PHN antes de entrarem nesta situação? Assim nasceu o PHN. Deus me inspirou... Passei a acreditar no jovem, em sua recuperação e vontade de recomeçar a vida, encontrando no PHN o antídoto contra todo o pecado... Você não pode apontar o dedo, nem julgar as pessoas. Precisa se aproximar delas e viver bem o PHN, todos os dias, ser firme. [Ele continua...] Por tantas vezes vi a força dos jovens ao dizer: ‘Só por hoje serei sóbrio! Só por hoje não vou beber, não vou trair, não vou me masturbar, não vou me prostituir’. (2004, p. 28-29)

Como o AA (Alcoólicos Anônimos) o PHN parece se propor a ensinar os/as jovens, dependentes químicos ou não, a viverem um dia de sobriedade, e livre de pecados, após o outro. Uma jovem integrante do Nascer argumenta que: “*A conquista é diária, cada dia alcançado é uma vitória da força de vontade de cada um e do apoio do grupo.*”<sup>65</sup> É fácil perceber nos textos da RCC uma disposição do PHN em instruir os/as jovens a dizerem não para as drogas, para o álcool, para o sexo fora do casamento e para tudo o mais que estiver em oposição aos interesses e a ideologia da igreja católica e da RCC. O PHN é descrito por Dunga como “*um antídoto*”, ou seja, um remédio para os males que, conforme a Renovação, assolam a juventude; um contraveneno que cura e promove a recuperação dos/das que se encontram em pecado.

---

Nova. Ele era dependente químico de drogas e alega que a sua recuperação se deu através da Renovação. A sua popularidade se deve, em parte, pela “criação” do PHN.

<sup>64</sup> A sigla foi substituída por FASE – Fundação de Assistência Sócio Educativa.

<sup>65</sup> Fala proferida por uma jovem do grupo no dia 03/12/2006, por ocasião do retiro espiritual realizado pelos/as jovens do Nascer a Santa Maria do Herval.

Conforme os/as componentes do Nascer esta é a missão do grupo: Levar o “Por Hoje Não Vou Pecar” para outros/as jovens através da música e resgatar aqueles/as que não foram curados ou que vivem em situação de risco. O compromisso e a disponibilidade destes/destas jovens em “viver bem o PHN” parece apresentar-se como mais uma forma de persuasão para convencer outros/as jovens a seguirem este modo de vida. Em uma reunião do grupo, Ruivo faz o seguinte comentário para os/as jovens que haviam animado com as suas músicas o retiro de crisma<sup>66</sup> na igreja matriz do bairro:

*A gente tem que dar valor pros que estão aqui, mas também tem que dar valor pros que não têm vindo e buscá-los, motivá-los a vir. [...] Vocês poderiam estar em qualquer lugar, mas estão aqui. Tem tanto jovem por aí caindo no vício, sei lá, na prostituição e vocês estão aqui cantando... Hoje de manhã estavam animando o crisma, permitindo que o Espírito chegue até nós, buscando mais jovens para fazerem parte do nosso grupo.*<sup>67</sup>

Os/As jovens do grupo Nascer parecem ter assumido um compromisso, tanto com a comunidade católica em que estão inseridos/as como também com o bairro onde vivem. Eles e elas tomaram para si o dever de “viver bem o Por Hoje Não Vou Pecar”. O PHN vem sendo vivificado através da conduta destes jovens que em meio a um bairro marcado pela violência, pelo consumo de drogas e pela prostituição demonstram que é possível assumir e viver conforme os preceitos de uma boa juventude, sendo reconhecidos e valorizados pela Renovação e na comunidade em que vivem, como uma “juventude sagrada”.

Esta identificação do grupo Nascer com uma juventude sagrada parece colocar outras juventudes como o seu outro, o seu oposto. Em um livro que tem

---

<sup>66</sup> Mais de setenta crismandos/as estiveram reunidos em retiro no sábado do dia 28/10/2006, antes da crisma que ocorreu no domingo, dia 29/10/2006. Houve palestras, momentos de reflexão, canto, debate e atividades de integração entre os/as jovens. O motivo maior deste retiro de um dia, segundo o grupo Nascer, era discutir com os/as jovens o que eles iriam fazer com o sacramento da crisma daquele momento em diante. A contribuição do grupo Nascer, para o evento, conforme os/as seus componentes, se deu na forma da animação com as músicas e preparação do espírito, através das mesmas, para que os/as jovens recebessem o Espírito Santo e continuassem firmes no propósito de seguir a religião católica.

<sup>67</sup> Esta fala de Ruivo aos jovens ocorreu na reunião do dia 28/10/2006.



como público alvo à juventude da RCC, Felipe Aquino, o autor, se dirige aos/as jovens dizendo que:

A juventude é uma bela época da vida. É nesta fase que tomamos as decisões mais importantes: que profissão escolher, com quem casar, como viver a vida religiosa, etc... É o momento em que o jovem desperta para a busca de sua complementação com uma pessoa do outro sexo, ou então abre mão da vida conjugal para ser inteiramente de Deus. Qualquer que seja o caminho será muito forte no jovem a sua afetividade e a sua sexualidade, duas forças enormes que Deus colocou em nós. Bem orientadas e usadas, essas duas energias nos fazem felizes, mas, desequilibradas podem gerar muitas dores e lágrimas. Sabemos que muitos jovens carregam consigo problemas sérios, [...] muitas vezes por causa das marcas familiares, especialmente adquiridas na infância e na adolescência. A destruição dos lares, a separação dos pais, a falta de uma educação adequada têm marcado muito a vida de tantos jovens. Mas há uma grande esperança: Deus pode mudar este quadro se você quiser. (2004, p. 7-8)

A juventude, aqui, parece marcada como uma fase de transição para a idade adulta, conforme a RCC é nesta fase que decisões importantes são tomadas, inclusive as que dizem respeito à sexualidade. Os caminhos a serem seguidos são propostos de forma bastante distinta, ou o/a jovem vive a sexualidade de forma conjugal e heterossexual ou opta pela vida religiosa e casta. Todas as outras formas possíveis de viver a sexualidade parecem restritas aos “desequilíbrios” ou “problemas” que, supostamente, só poderão ser resolvidos a partir da entrega particular a Deus, através de uma nova vida em renovação. O texto indica a afetividade e a sexualidade como forças poderosas que habitam os/as jovens e precisam ser bem orientadas e direcionadas sob a pena de serem usadas de forma indevida. O perigo parece rondar a juventude frente a má orientação destas duas “forças”, se isto, de fato, acontece o sofrimento e as lágrimas são tidos como inevitáveis; nesta situação a culpa é arrogada para a educação e para a família supostamente “desestruturada” e problemática.

A Renovação aponta a importância dos períodos definidos como infância e adolescência para a formação do caráter e da identidade dos/das jovens; sendo que os/as mesmos/as devem buscar em Deus a reversão dos “problemas” oriundos dos momentos ou fases que, conforme a RCC, são marcados pela dor e sofrimento causados pelas dificuldades ou desestruturas familiares. O texto, ainda, parece

sugerir duas formas de viver a juventude. A primeira caracterizada pelas boas escolhas, por uma convivência harmoniosa na família e também pela afetividade e sexualidade equilibrada, onde o resultado seria a felicidade alcançada através de uma vida estável. A segunda é descrita como o oposto da primeira, ou seja, as suas marcas apontam para a falta de orientação, para as escolhas desequilibradas e para a instabilidade que resultam em sofrimento e nos “problemas sérios da juventude”, supostamente causados pela separação dos pais, pela destruição dos lares e, também, pela falta de educação das crianças e jovens. É possível perceber um limite, uma fronteira construída entre a juventude considerada santa<sup>68</sup> e a juventude daqueles/as que se deixam envolver pelo “mundão”. Dunga afirma aos jovens que:

[...] a nossa luta não é para sermos santos, e sim para não perdermos a santidade da qual Deus já nos capacitou... Não posso perder aquilo que Deus me deu. Não estou lutando para ser santo, mas para não deixar de ser santo. Não posso ceder aos apelos deste mundo que priva a condição tão privilegiada que Deus me deu. (2004, p. 58)

Também o Pe. Alírio J. Pedrini alerta os/as jovens acerca do perigo de perderem a sua santidade para o “mundão”:

Jovem em renovação você está ‘no’ mundo, mas não é ‘do’ mundão. O mundão não o deixa em paz, não! Ele lhe faz seduções constantes! Apresenta-lhe mil atrações sedutoras. Mas quem encontrou tão grande tesouro [falando da santidade], tão preciosa pérola, cuidará, lutará empenhar-se-á para não perdê-la, para que não lha roubem. (2004, p. 49)

Aqui, é fácil perceber o agenciamento da juventude para a luta, para a guerra em favor dos valores católicos; uma guerra onde o triunfo particular de cada jovem pode ser compreendido como a vitória. Uma vitória “de si sobre si”, da dobra da própria vontade, ou talvez da rendição das vontades opostas a RCC. Parece que

<sup>68</sup> Esta referência a uma suposta forma de vida em santidade, reafirmada e pregada pela Renovação, aparece em vários livros da RCC como:

A cura da nossa afetividade e sexualidade, Comunidade Canção Nova, São Paulo: Editora Canção Nova, 9ª edição, 2004.

Jovens em Renovação, Pe Alírio J. Pedrini, São Paulo: Edições Loyola, 12ª edição, 2004.

Jovem, o caminho se faz caminhando, Dunga, São Paulo: Editora Canção Nova, 4ª edição, 2004.

Céus novos e uma terra nova, Pe. Jonas Abib, São Paulo: Edições Loyola, 5ª edição, 1998.

o equilíbrio de uma vida santa é bastante frágil e a recomendação para que o/a jovem possa sustentar este equilíbrio é manter-se leal a Deus através da sua fidelidade para com a Renovação.

Os textos da Renovação Católica Carismática demonstram a sua disposição em orientar a juventude na distinção das coisas boas e más que compõem o “mundão”<sup>69</sup>, sendo que os/as jovens devem seguir o que é representado pela RCC como bom e afastar-se do que não se identifica com o estilo de vida pregado e condizente com uma juventude sagrada. Tanto Dunga como o Pe Alírio Pedrini, citados anteriormente, falam em seus livros dos cuidados que os/as jovens devem ter para não perderem a sua santidade para o “mundão” ou para as seduções que este mundo apresenta. Pe Léo<sup>70</sup>, outro importante missionário do movimento católico pentecostal, reforça a ideologia da Renovação, fazendo um alerta para a íntima relação da doença – física, espiritual e psicológica – com a vida que se leva, sendo que só estarão curados/as os/as que aceitarem viver em renovação. Ruivo também faz um alerta aos jovens do grupo Nascer acerca dos riscos e perigos que o mundo pode oferecer, argumentando que: *“O Papa João Paulo II falou, quando ele esteve no Brasil, que nós precisamos de Santos que vivam no mundo, mas que não sejam mundanos... Quer dizer que a gente tem que ter cuidado pra não se deixar seduzir.”*<sup>71</sup>

Mesmo a juventude considerada santa parece – a partir das citações feitas anteriormente - correr riscos constantes, necessitando estar sempre alerta para perceber as suas fragilidades e então procurar fortalecer-se e corrigi-las. Mas e aqueles/as que não circulam nos territórios sagrados, que não incorporaram o/a bom/boa moço/a e que habitam ou se reconhecem dentro de outras culturas juvenis? Como vêm sendo definidos estes outros modos de ser jovem? De que forma esses/essas sujeitos tem sido visibilizados?

Alguns desses grupos ocupam o lugar de outro da “boa juventude”. A adolescência vem sendo descrita por discursos plurais, entre eles o da psicologia e biologia, como um momento de passagem para a idade adulta onde alguns comportamentos turbulentos, desequilibrados e conflituosos são, em certa medida,

<sup>69</sup> O “mundão” – conforme os textos católicos/as carismáticos/as – diz respeito ao que é o mundano, ou seja, aos prazeres materiais que se contrapõem aos espirituais.

<sup>70</sup> Conforme a homilia feita por este sacerdote e veiculada no canal de TV Canção Nova às 8 horas do dia 04/01/2007.

<sup>71</sup> Declaração feita na reunião do dia 21/10/2006.

considerados normais. Estes discursos, em certos momentos, se tornam contraditórios, na medida em que permitem à juventude um certo grau considerado normal de transgressão e, ao mesmo tempo, se as fronteiras impostas são ultrapassadas, lhe imprimem a “marca” do “anormal” e do “fora de controle”. A juventude passa a ser uma preocupação social permanente, uma época de risco constante, onde os limites do normal e do anormal são muito tênues. A preocupação e a vigilância sobre os/as jovens parece tornar-se mais efetiva se os/as mesmos pertencem a classes sociais discriminadas e marginalizadas, conforme afirma Fraga, há:

[...] o risco em potência das fronteiras serem ultrapassadas e, dependendo para o lado que se vá, é possível que de lá não se volte. Esse temor repousa sobre a idéia de que uma suportável, e até mesmo desejada, transgressão ‘aborrescente’ se transforme em uma transgressão ‘fora de controle’. Para evitar tal risco, é preciso aumentar a vigilância e fazer com que as fronteiras se inscrevam e se exponham nos corpos jovens. (2000a, p.61)

As responsabilidades por esse desajuste juvenil recaem, geralmente, sobre a família e a escola, como se estas fossem as únicas envolvidas na educação dos jovens e das crianças. Esquecem-se, os que culpabilizam a escola e a família, de que os/as meninos e meninas são atravessados/as por diferentes discursos nos diversos lugares por onde circulam. A mídia tem se constituído, na modernidade, em uma instância com grande força de imposição de significados sobre os corpos das crianças e jovens. Para Fraga (2000a, p. 64), “Na mídia, dentro de um jogo de inclusão e exclusão, essa adolescência ‘fora de controle’ vai ocupar lugares muito específicos, onde seus corpos são mostrados como estandartes do desvio – como um reverso da normalidade.”

Algumas culturas da juventude vêm sendo definidas a partir do sexo pervertido, da apropriação da cultura popular discriminada e também da violência incontida. Para as crianças e adolescentes das classes sociais discriminadas e marginalizadas, as representações reservadas ainda podem ser mais degradantes, encerrando, nesses sujeitos e em suas famílias, as causas da situação de pobreza e decadência na qual vivem. Giroux (1996), em sua crítica ao filme Kids, argumenta

que o mesmo contribui para uma cultura de demonização da juventude. O filme, em forma de documentário, representa a adolescência com imagens degradantes de uma juventude perdida nas drogas, decadência sexual, desordem e criminalidade. Conforme Giroux:

Ao representar a vida jovem como se ela existisse fora das forças da história, da cultura dominante ou da poderosa ação interpelativa das instituições dominantes, o filme tem ressonâncias com uma ideologia conservadora que culpa a instabilidade psicológica dos/das jovens urbanos/as brancos/as e negros/as pela decadência social, pela pobreza e pelas inúmeras desordens que afetam suas vidas cotidianas. (1996, p. 129)

As descontextualizações históricas e sociais que, muitas vezes, vêm sofrendo certas representações da cultura jovem abrem possibilidades para que as suas experiências sejam compreendidas e explicadas por alguns discursos reducionistas e universalizantes. Nessa visão, a precariedade das condições de sobrevivência e as violências sofridas por muitos meninos e meninas no decorrer da sua infância e juventude são esquecidas, apagadas para que o uso de drogas, as atitudes violentas e o sexo promíscuo, entre outros, sejam esclarecidos pela ciência a partir de uma suposta “fase” adolescente recorrente a todos/as os/as jovens, necessitando de vigilância e controle.<sup>72</sup> Os “sintomas” comuns da adolescência acabam por estabelecer “um jeito de ser adolescente” no momento em que deixam de fora muitas outras formas de viver a juventude, constituídas entre outros marcadores sociais e não somente pela faixa etária dos diferentes sujeitos, mas

---

<sup>72</sup> As manchetes sobre violência envolvendo jovens se tornam cada vez mais comuns. Na madrugada do dia 08/07/2007 um jovem de 14 anos foi morto em frente a uma boate, na cidade de Caxias do Sul. O fato, além de ter ganhado destaque na mídia, também parece ter mobilizado, de alguma forma, as autoridades mais amplas, já que depois do ocorrido foram organizadas, naquela cidade, algumas palestras e seminários envolvendo o tema. Outra notícia que ganhou grande visibilidade na mídia se refere à agressão de três jovens contra um aposentado, devido a um desentendimento no trânsito da cidade de São Paulo. Ambas as notícias foram manchetes do Jornal NH, respectivamente nos dias 09 e 25 de julho do ano corrente. Uma outra manchete, esta não tão recente, do mesmo jornal datada do dia 12 de outubro de 2003 perguntava, frente à superlotação das casas de recuperação para menores infratores, “Quem vai Recuperar os Menores Infratores?” A pergunta, ainda hoje, parece servir para demonstrar toda a incerteza e insegurança que rondam a nossa sociedade frente a violência juvenil. Acredito na impossibilidade de alcançarmos uma resposta acabada para resolver as questões que envolvem violência e juventude, mas penso que a intensificação da violência aponta para o fato de que as medidas tomadas, até então, precisem ser repensadas e questionadas já que não têm alcançado os resultados esperados.

também através das relações de gênero, sexualidade, raça, etnia, classe social e religião, entre outros, vivenciadas no decorrer das suas vidas.

Muitos autores, ligados aos estudos das culturas juvenis, assinalam que a juventude veio a conceber-se na forma como a vemos hoje a partir das mudanças sociais originadas pelo período pós-guerra (REGUILLO, 2003; VALENZUELA, 1998). Estas mudanças sociais incluem o intenso crescimento populacional juntamente com os processos de urbanização, o aceleração das produções, o crescimento econômico do pós-guerra, que possibilitou o surgimento de um mercado de consumo juvenil, o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, que fazem circular diferentes discursos sobre jovens e juventude, além da segregação dos espaços urbanos sociais. Valenzuela (1998) afirma que a condição de ser jovem está intimamente relacionada aos fatores anteriormente citados, entre outros, sendo que os mesmos provocaram um grande impacto nas relações sociais. O autor afirma que foi depois destes indícios que algumas expressões culturais começaram a ser reconhecidas como próprias da juventude, o que não quer dizer que antes deste período não houvesse jovens ou juventudes.

Valenzuela (1998) também argumenta que a segunda revolução industrial corroborou para as configurações do “ser jovem” e da “juventude”, tal como as percebemos na atualidade, a partir da expulsão dos/das jovens do mercado de trabalho. Segundo Magro (2002) a retirada das crianças e jovens das indústrias ocorreu, entre outros motivos, devido ao fato de se buscar cada vez mais a mão de obra especializada. As crianças e jovens desde então, tiveram o dever e o direito de estar nas escolas. A autora afirma que a juventude foi fundamentada teoricamente e cientificamente pela sociologia, medicina, psicologia e pedagogia, sendo "inventada e descoberta" a partir dos discursos destas áreas do conhecimento. Assim, a juventude se tornou, na sociedade moderna, a partir do século XX, uma fase etária onde os/as jovens supostamente possuem menores responsabilidades, vivendo sob a tutela dos pais e/ou do Estado.

Mais do que uma fase etária, talvez seja possível falar, contemporaneamente, na juventude como uma espécie de “identidade”. Ainda que a juventude seja vivida de muitas formas, é possível reconhecer alguns elementos, ou algumas marcas, que são tomadas como características de uma tal identidade juvenil. Autores como Tomaz Tadeu da Silva (2004) e Stuart Hall (1997), ligados aos

estudos sobre identidade e diferença, nos levam a pensar a identidade e a diferença como a atribuição de uma marca não somente a um corpo, mas a todo o grupo social ao qual este corpo está ligado. É em torno de marcas, ou seja, de características comuns que os indivíduos se unem e se ligam, construindo a sua identidade e definindo-se como grupo social. As marcas e as características não dizem somente o que os sujeitos são, mas, também, o que os sujeitos não são; elas falam sobre o que é deixado de fora, sobre o que não pertence ao grupo, mas que é necessário na demarcação das suas fronteiras, das suas diferenças com outros grupos sociais. Aquilo que o grupo é, ou seja, a sua identidade, não pode ser separado do que ele não é.

Silva (2004, p. 74), argumenta que “[...] identidade e diferença estão em uma relação estreita de dependência. A forma afirmativa como expressamos a identidade tende a esconder essa relação.” O autor usou uma série de exemplos para melhor explicar as suas afirmações. Como ele, vou trazer um exemplo para auxiliar-me na exposição de minhas idéias. A afirmação “sou católico carismático” esconde (ou traz junto) muitas afirmações do que não sou. Eu só posso dizer o que sou a partir do que não sou: não sou crente, não sou praticante de cultos afro-brasileiros, não sou espírita, entre outras negativas. Identidade e diferença constroem-se em um processo conjunto e inseparável. O autor ainda afirma que:

[...] consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos. (2004, p. 75-76)

É a partir do que eu sou que defino o que os outros são. A identidade cultural dos grupos sociais também se constrói desta forma, ao afirmar a identidade do meu grupo como a referência positiva eu atribuo aos outros grupos sociais a identidade da negação. Os outros grupos sociais constroem o exterior constitutivo da identidade do grupo ao qual pertenço. Eu preciso do outro, diferente de mim, para

construir os limites da minha identidade. Também os/as jovens do grupo Nacer necessitam de outros/as jovens e de outras culturas juvenis para estabelecerem a sua identidade e diferença com os mesmos. Os grupos sociais não têm uma essência verdadeira, algo de natural nas identidades dos seus sujeitos que os ligue, definindo-os como grupo social. Tanto a identidade como a diferença, entre os indivíduos e grupos, são construídas culturalmente. Ainda conforme Silva:

A identidade não existe 'naturalmente': ela é construída pelo próprio grupo e pelos outros grupos. [...] Certamente existem condições 'sociais' que fazem com que os grupos se vejam como tendo características em comum: geografia, sexo, 'raça', sexualidade, nação. Mas mesmo essas características têm de ser 'representadas', têm de ser produzidas por meio de alguma forma de representação. (2004, p. 77)

As marcas e distinções que unem os indivíduos de um mesmo grupo são marcas materiais visíveis/audíveis, ou seja, não existem em um espaço livre das relações sociais, do tempo ou da história. As características não são fixas ou essenciais, elas carregam consigo os sinais da instabilidade, da oscilação e do movimento, do processo sempre em aberto e inacabado. Os sentidos atribuídos para as diferentes marcas são construídos na cultura em um processo permeado pelas relações de poder onde o direito de se auto-representar e de representar os outros se dá de uma forma tensa, em meio a disputas pelo poder de atribuir significados e de falar de si e dos outros, ou pelos outros. Os grupos sociais que ocupam o centro das representações além de se auto-representarem, apropriam-se do direito de representarem os outros grupos.

O/A jovem que faz parte do grupo carismático não é visto como um corpo isolado, mas como um corpo ligado à identidade do grupo religioso do qual faz parte. É necessário que a sua postura esteja de acordo, nos diversos lugares freqüentados pelo/a jovem, com a ideologia e as práticas do grupo ao qual pertence. Os/As jovens carismáticos são ensinados a agirem de determinada forma frente a variadas situações. Eles/Elas aprendem a manterem-se em silêncio, a usarem palavras e termos respectivos ao grupo, a suportarem o calor e posições corporais, muitas vezes incômodas, durante as reuniões e missas, a ouvirem, a cantarem e a movimentarem-se conforme a coreografia ensaiada das músicas, a rezarem as



orações católicas, a falarem de si e darem testemunho das suas experiências de vida, a controlarem as vontades e os desejos que não condizem com um/a jovem que pertence ao grupo carismático.

O grupo “Nascer” constitui-se em um espaço para a construção de sentidos e representações sobre um jeito de ser adolescente, recuperando valores considerados, muitas vezes, perdidos na nossa sociedade. Os jovens que freqüentam o grupo são vistos e definidos, pela comunidade em que estão inseridos, como o reverso de uma adolescência problemática, bastante comum no bairro em que os participantes do grupo vivem. Naquele local, parece que o convívio com o uso de drogas, assaltos e mortes é considerado comum, fazendo parte da rotina dos/das seus/suas moradores. Os/As jovens que “decidem” participar do grupo são, geralmente, incentivados pelas famílias, vizinhos e amigos. Eles e elas são vistos como modelos positivos para os outros jovens da comunidade. Desta forma, muitas vezes, a igreja, a comunidade e a família unem-se, reforçando certos modelos e estimulando outros/as jovens a fazerem parte dos ensinamentos e da doutrina do grupo Nascer, buscando colocar os/as mesmos/as a salvo dos perigos e riscos que, conforme os textos da RCC, a adolescência parece estar sujeita nos dias de hoje. Como afirma Fraga:

[...] família e Igreja se articulam em linhas de força e operam entre sujeito e discurso [...] aparando as arestas, lapidando as saliências, atravessando as mais diferentes camadas do corpo até que se instale nele; até que pareça vir naturalmente de dentro dele; até que, enfim, passe a ser irremediavelmente o próprio corpo. (2000a, p. 114)

É, pois nestas instâncias culturais que os/as jovens se constituem ou constituem seus corpos. A cultura vem se instituindo como um local de disputa para a imposição das representações e dos significados dos diversos grupos sociais, que podem divergir entre si ou reafirmarem-se, onde os sujeitos vão sendo atravessados por práticas discursivas que buscam se impor no que os estudos e pesquisas - fundamentados nas teorizações de Michel Foucault voltadas para a constituição do sujeito e para as relações de poder - apontam como “interpelação dos indivíduos”.

Conforme estes estudos e pesquisas, um indivíduo só será interpelado por determinado significado se passar a identificar-se com ele e com o seu sistema de significação, conectando-o com outros significados que, para o mesmo indivíduo, já existiam. Assim, como afirma Larrosa (1994, p. 43), vai se estabelecendo:

[...] um complexo processo histórico de fabricação, no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade. É a própria experiência de si que se constitui historicamente como aquilo que pode e deve ser pensado. A experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando, se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo. E esse ser próprio sempre se produz com relação a certas problematizações e no interior de certas práticas.

Desta forma, constitui-se o que Foucault (1984a) chamou de “tecnologias do eu”. Eu sou o meu próprio juiz que me auto-julgo, condeno ou absolvo; é a produção do sujeito auto-governável. O sujeito que se auto-regula sem necessitar da vigilância do outro. Hall (1997, p. 26), nos leva a refletir sobre a formação cultural das “nossas identidades”:

[...] o que denominamos ‘nossas identidades’ poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos ‘viver’, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. (1997, p. 26)

Neste estudo observei, mais uma vez, que a interpelação dos sujeitos não se dá de uma forma homogênea, comum a todos os/as participantes de um grupo. A identificação com os discursos produzidos nos grupos sociais se dá em todos os momentos, reafirmando ou desestabilizando o sentimento de pertença ao grupo. O

pertencimento não está seguro, fechado ou acabado, ele não é fixo ou estável, ao contrário carrega as marcas culturais da fluidez, da instabilidade e da mobilidade visíveis, também, no grupo de jovens “Nascer”. A mãe, católica praticante, de um jovem do grupo, ao participar de uma missa com o filho, disse ter ficado desapontada consigo mesma, pois não havia sentido o espírito santo da mesma forma que os/as outros/as participantes. Segundo ela:

*Todo mundo começou a rezar em voz alta, a falar e a chorar e eu não consegui me sentir como eles/as, eu tentei até, mas não consegui. Então pensei: será que existe algo de errado comigo? Ou será que as pessoas se sentem na obrigação de sentirem aquilo tudo? Sei lá, parece até que eu estou blasfemando.*<sup>73</sup>

O rapaz, que hoje se encontra afastado do grupo, também afirmou: “*Eu não ficava do jeito que eles ficam. Eu gosto de rezar, de cantar, mas não consigo sentir até o ponto de chorar... A gente se emociona, mas não desse jeito. Então tu te sente meio estranho, deslocado... Ah! E tem outra né, homem não chora. (risos)*”.<sup>74</sup> Parece que mãe e filho se sentiram deslocados pois, apesar de fazerem parte da religião católica e de o jovem freqüentar o grupo carismático, não conseguiram sentir a mesma emoção que as outras pessoas pareciam sentir. Isso, talvez, os tenha levado a definirem-se como “católicos de pouca fé”, como “fiéis com algo de errado”. O rapaz, na sua fala, disse que “*A gente se emociona, mas não desse jeito... [...] Ah! E tem outra né, homem não chora. (risos)*”. Talvez este jovem esteja em conflito frente aos diferentes discursos sobre masculinidade correntes em nossa sociedade. Crescemos em uma cultura em que, muitas vezes, podemos ouvir dizer que “homem que é homem não chora” e em outros momentos se faz necessário chorar para comprovar a fé, a cristandade, a sensibilidade e o amor. Somos interpelados por diferentes discursos, respondendo afirmativamente para alguns, enquanto resistimos a outros. Enquanto construímos um sentido de lealdade para um grupo de referência podemos entrar em conflito com os discursos de outros grupos, com os quais também nos identificamos. Conforme Louro (2001, p. 12):

<sup>73</sup> Declaração feita pela mãe de um ex-participante do grupo Nascer, no dia 10/01/2006.

<sup>74</sup> Falas proferidas por um jovem, ex-participante do Nascer, por ocasião do primeiro contato que tive com o grupo no dia 10/01/2006.

É, então, no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe, etc). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um tipo de pertencimento a um grupo social de referência. Nada há de simples ou de estável nisso tudo, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias.

Podemos nos reconhecer dentro de um respectivo grupo ou identidade, para depois nos identificarmos com outro, ou outros, rejeitando os primeiros ao buscarmos novas formas de identificação. As identidades carregam consigo as marcas do inacabado, do provisório, do processo em construção afirmado pelos/as estudiosos/as culturais. Assumir uma identidade ou responder afirmativamente a uma identidade é um processo carregado de constrangimento e renúncias pelo outro que representa o meu reverso. Mesmo dentro de um grupo específico há diferentes formas de identificação com os discursos que estabelecem a verdade do grupo; alguns sujeitos identificam-se mais com os discursos vigentes, outros menos. Entre os binarismos – homem/mulher, sagrado/profano, heterossexual/homossexual, bem/mal e muitos outros pregados pela nossa sociedade – podem ser pensadas diferentes possibilidades. Penso que é na busca, na necessidade de fixar uma identidade acabada, normal e de acordo com as normas morais vigentes que se abrem espaços para a ruptura e o questionamento. É no esforço por preencher o lugar da identidade normal que se percebe que ela não poderá ser preenchida totalmente. É nesse caminho pelo constrangimento à norma que percebemos, conhecemos outras formas de pensar, agir, viver e sentir diferentes das que são reafirmadas como boas, corretas ou normais. É no percurso que as identidades transbordam, que conhecemos novos sujeitos, novas idéias, novas formas de ser, pensar e agir.

Durante a pesquisa de campo, enquanto observava os/as jovens do grupo Nascer me pareceu que, em algumas situações, os/as seus/seus integrantes enfrentavam dificuldades em conciliar as diferentes opiniões dentro do grupo com o compromisso firmado de viver “bem” o “Por Hoje Não Vou Pecar” e divulgá-lo dentro

da comunidade. Nestas situações foi possível perceber a dúvida, a tensão e as disputas entre os/as participantes do Nascer, demonstrando que as suas relações não se davam sempre de uma forma harmônica e tranqüila. As idéias dos integrantes do grupo, muitas vezes, entravam em discordância causando divisões entre os/as mesmos/as. Em outros momentos os/as jovens pareciam se unir para questionarem as demarcações do Ruivo ou até mesmo as definições do padre, para em outras situações se dividirem e alguns/algumas participantes se colocarem ao lado daqueles que anteriormente haviam criticado, criando, assim, uma certa resistência frente à coordenação do grupo ou mesmo frente aos seus colegas.

### **- Algumas tensões e disputas dentro do grupo**

Esses momentos marcados por tensões, resistências, críticas, questionamentos, divisões, reafirmações, disputas, adesões e revigoramentos de idéias e opiniões nas relações do grupo, onde o poder circulava de um/a para outro/a dando movimento e instabilidade para as diferentes posições ocupadas, foram percebidos e analisados por mim em uma tentativa de me aproximar da forma como Foucault compreendia as relações de poder. Como já mencionei antes, para Foucault (1988), o poder atua em forma de microestrutura e desempenha um papel produtor. Ele se constitui como efeito conjunto das relações móveis que produz – como divisões, diferenças, desequilíbrios. O poder, ainda segundo Foucault (ibdem), é onipresente porque provém de todos os pontos de uma relação; sendo efeito de conjunto, encadeamento que se apóia nas mobilidades das correlações de força, tentando fixá-las. Portanto, não há um local fixo, um lugar de onde o poder emana, ao contrário ele provém de todos os lugares, buscando suporte, apoiando-se aqui e ali para propagar-se e encontrar em outra parte a condição e o apoio para, então, esboçar novos encadeamentos. Para Foucault (1995) não há poder sem possibilidade de fuga, escapatória ou resistência, pois o seu exercício envolve a liberdade de outras ações; envolve o investimento do ponto de apoio pelo poder que ao ter outras possibilidades necessita ser acometido pelo mesmo. Segundo o filósofo o poder atravessa, investe, passa pelos sujeitos modificando-os. E, da mesma forma a resistência, ou as resistências, se encontram pulverizadas em vários lugares por toda a relação de poder, e não de forma exterior a ela. Não há, como

argumenta Foucault (1993), um exterior absoluto ao poder estamos todos “no” poder, ou seja, envolvidos/as em relações de poder.

Foucault aponta no texto “O sujeito e o Poder” (1995, p. 231), que o seu objetivo era “criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos.” O meu interesse nesta pesquisa se aproxima do objetivo do autor no momento em que procuro analisar de que formas e em meio a que discursos e relações de poder os integrantes do grupo Nascer vêm se constituindo como sujeitos de determinada sexualidade, gênero, juventude, religião. Essas marcas são constituídas em meio a relações de poder e, conseqüentemente, não se inscrevem dentro do grupo de uma forma pacífica e segura, mas, ao contrário, precisam ser reiteradas e reforçadas a todo instante. Trarei, a seguir, algumas situações que acreditei pertinentes para refletir as relações de poder que se dão naquele espaço e que estão envolvidas, entre outras, na constituição daqueles jovens.

Uma semana antes do retiro de crisma<sup>75</sup> os/as integrantes do Nascer foram informados/as de que seriam responsáveis pela animação do evento. Um dos componentes do grupo fora alertado durante a semana, por uma neta da ministra da igreja que ele encontrou por acaso, de que o grupo teria esta responsabilidade no próximo sábado pela manhã. O fato dos coordenadores do grupo não terem sido procurados com antecedência para agendar o compromisso causou uma certa tensão durante a reunião. No decorrer do encontro, em várias situações, os/as seus/suas participantes cogitaram de não comparecerem ao retiro, devido ao pouco tempo disponível para o ensaio e organização do repertório das músicas e também pela forma como o convite havia sido feito, sem que nenhum dos/das responsáveis pelo evento entrasse em contato direto com a coordenação do grupo.

Naquele dia até mesmo a forma de organização do encontro foi modificada devido à discussão gerada pelo assunto. Normalmente a agenda do grupo é organizada no final do encontro, naquele sábado o assunto entrou em debate logo depois da oração inicial. Os coordenadores colocaram em votação se deveriam ou não comparecer ao retiro. Segundo um deles: “*Só assim isso vai mudar e a gente vai ser informado das coisas pessoalmente, daí vão perguntar pra gente*

---

<sup>75</sup> Ibidem nota de rodapé nº 66.

*diretamente... É só não ir uma vez que as coisas vão mudar [...].”<sup>76</sup> O clima de tensão aumentou, a maioria dos/das jovens parecia não querer assumir o compromisso. O debate corria inflamado com muitas conversas paralelas quando a fala de um dos coordenadores se sobressaiu no burburinho de vozes ao questionar Ruivo:<sup>77</sup> “*Que tu acha Ruivo? A gente vai ou não vai?*” Ruivo ficou em silêncio por alguns minutos e o burburinho se acalmou: “*Eu acho duas coisas: a gente veio aqui pra cantar, esse é o nosso objetivo. Então vamos cantar e a gente decide isso no final da reunião. E outra coisa: a fé da gente é como o dia e a noite, ela vem e vai... É como eu disse: o dia e a noite. Então fica pra gente pensar.*”*

O encontro transcorreu com os/as jovens parecendo estar mais calmos. O ensaio das músicas que seriam cantadas na missa de domingo foi realizado, assim como a divisão das leituras do folheto da missa e a reflexão de uma passagem da bíblia. Neste dia foi lido e refletido sobre a aparição do anjo Gabriel à Maria e a concepção de Jesus. No final da reunião novamente entrou em pauta o comparecimento ou não do grupo para a animação do retiro de crisma. As discussões recomeçaram, sendo que a maioria dos/das jovens ainda defendia a posição de não ir ao encontro, apenas dois ou três componentes do grupo acreditavam que deveriam comparecer ao mesmo. Foi quando Ruivo tomou a palavra:

*Eu já falei pra vocês que a fé é como o dia e a noite, ela vem e vai. [...] Eu sei que o organizador do retiro deveria estar aqui fazendo o convite pessoalmente a vocês. [...] Mas pensem... Maria, como a gente viu na leitura [...] ficou a disposição de Deus. E nós? Apesar de todos os problemas, estamos à disposição de Deus? Qual é o objetivo maior do Nascer? Pra que a gente se reúne aqui todos os sábados? Pra cantar e buscar mais jovens, não é? Então a nossa missão é cantar, cantar, cantar e trazer mais jovens pro grupo... Quantos jovens a gente pode ‘tocar’ lá no retiro? [...] Mas se a gente for tem que ser em grande*

<sup>76</sup> As falas aqui citadas se referem à reunião do dia 21/10/2006.

<sup>77</sup> Como Ruivo, as duas netas da ministra desempenhavam uma espécie de orientação junto ao Nascer. Elas também participaram da fundação do grupo, há 15 anos. Na época da pesquisa de campo elas pouco compareciam aos encontros, mas, mesmo assim, ainda ocupavam um lugar respeitado dentro do Nascer, o que, em alguns momentos, era questionado pelos/as jovens. Foi uma das netas da ministra que assumiu o compromisso dos/das jovens animarem o retiro de crisma. Esta foi uma das questões que causou tensão entre os/as jovens, pois, segundo os/as componentes do Nascer quem deve assumir os compromissos junto ao grupo são os coordenadores juntamente com os/as outros participantes.

*número e com alegria, pra fazer bonito [...] Vocês tem que fazer Deus ficar presente em vocês, na voz de vocês, na alegria de vocês*<sup>78</sup>.

Depois da fala de Ruivo, os/as jovens discutiram um pouco mais e ficou decidido que grande parte do grupo compareceria no encontro e também auxiliaria a convocar, para o retiro, os/as jovens que não estavam presentes na reunião. Ao mencionar ou lembrar o objetivo do grupo, parece que Ruivo motivou os/as jovens a reassumirem o compromisso que haviam firmado dentro do mesmo: “*Tocar*” outros/as jovens. Conforme Ruivo os/as componentes do grupo além de tocarem instrumentos musicais tinham/têm a missão de tocar, de buscar novos/as participantes para o Nascer. O termo “tocar” era bastante recorrente nas reuniões, sendo comum ouvir os/as jovens e, também, os coordenadores e palestrantes usarem o mesmo nas suas falas, como fez Ruivo no sábado seguinte ao retiro de crisma, no momento em que ele agradecia o comparecimento dos/das jovens ao evento: “*É o Espírito Santo que está aqui, tocando cada um de nós...*”<sup>79</sup>. O coordenador recorreu também ao uso do termo quando tentou estimular, uma semana antes, os jovens a comparecerem ao retiro: “*Quantos jovens a gente pode ‘tocar’ lá no retiro?*”<sup>80</sup>

“Tocar” nos remete ao ato, a ação, ao fazer algo, a manipulação (de um instrumento musical) ou mesmo ao toque do corpo, das mãos. Mas o toque, aqui, não se restringe à música, ao corpo ou as mãos. Este, parece ser um toque mais amplo, pois abrange a captura do outro, a sedução, o envolvimento do outro naquilo que é significativo para o grupo. Este toque, como o toque que se faz ao instrumento, também pode ser percebido como um toque material, na medida em que leva o outro a perceber como seus os discursos da Renovação e a demonstrar nos seus atos e ações o jeito de viver proposto pela RCC.

Esta forma de “tocar” o outro, a qual me refiro, também pode ser percebida no esforço do Ruivo em atingir e estimular os/as jovens do grupo a cumprirem a sua missão com a RCC e a igreja católica. O “toque” ao outro, ou outros, parece não ter ocorrido da mesma maneira com todos/as os/as componentes do Nascer. Na semana seguinte, depois que os/as jovens participaram do retiro e tudo parecia

<sup>78</sup> Declaração feita por Ruivo no dia 21/10/2006.

<sup>79</sup> Fala de Ruivo proveniente da reunião do dia 28/10/2006.

<sup>80</sup> Ibidem nota 78.



resolvido, presenciei uma conversa entre Ruivo e a professora de crisma. Nesta conversa o coordenador adulto disse que estava bem chateado, pois os/as jovens haviam marcado uma reunião extraordinária durante a semana e não o avisaram. Ele afirmou que iria questionar os/as componentes do Nascer sobre a sua presença no grupo, ou seja, se os/as jovens estavam de acordo ou não que ele continuasse vindo e auxiliando na coordenação. A professora de crisma, naquela ocasião, afirmou que a presença de Ruivo era muito importante, pois sem um adulto junto ao grupo o mesmo estava fadado a acabar.

No final daquele encontro, Ruivo questionou os participantes sobre a sua presença nas reuniões, alguns/algumas jovens afirmaram estar bastante seguros da necessidade da presença do coordenador no grupo. Outros jovens se abstiveram de opinar, inclusive os dois rapazes que exerciam a coordenação. Ficou decidido pela maioria, mesmo em um clima de insegurança e tensão, que Ruivo deveria continuar comparecendo e exercendo o seu papel nas reuniões; inclusive o grupo se comprometeu em informá-lo de todas as reuniões, encontros e eventos que os participantes assumissem no futuro.

Mesmo que os/as jovens tenham comparecido ao retiro de crisma, contrariando a idéia inicial de não participar do evento e, depois, reforçado a necessidade da presença de Ruivo na coordenação e orientação do grupo, foi possível perceber algumas fissuras na forma como as relações vinham se dando naquele espaço. Alguns/algumas jovens investiram os seus esforços para a sustentação de uma certa iniciativa para tomar as decisões dentro do grupo, como no momento em que decidiram a viabilidade ou não do comparecimento ao retiro de crisma e também por ocasião da reunião extraordinária marcada sem o conhecimento de Ruivo, ou mesmo durante o questionamento sobre a necessidade da participação de Ruivo nas reuniões. Conforme o relato dos coordenadores do Nascer, durante o retiro de crisma, eles buscaram conversar com os/as responsáveis pelo evento para esclarecerem a quem os mesmos deveriam se dirigir quando necessitassem do grupo para alguma atividade. Ficou estabelecido, segundo os dois jovens coordenadores, que os agendamentos, daquele momento em diante, deveriam ser feitos com antecedência e diretamente com os representantes oficiais do grupo, sem o uso de intermediários/as, como havia acontecido da última vez.

Esta tensão e disputa de poder dentro do Nascer também pode ser percebida na fala de uma jovem mulher, que até há algum tempo atrás participava ativamente do grupo, tendo, inclusive, exercido a função de coordenadora. No momento da pesquisa, ela afirmou que estava afastada do Nascer devido às disputas de poder muito acirradas e que haviam ocasionado, na sua época de coordenação, uma divisão do grupo. Esta divisão do Nascer, originou, segundo o relato da ex-participante e de alguns/algumas jovens, um outro grupo em uma localidade bastante próxima. Os/As jovens do Nascer se referem a este outro grupo como o grupo do Belo<sup>81</sup>. A jovem argumenta que:

*Eu, o que tinha que dar pro grupo eu já dei, sabe... No fim já tinha virado um stress. Todo mundo queria a mesma coisa [falando da coordenação], todo mundo queria mandar. Eu ainda continuo com os pequenos, os de catequese...Pra eles eu ainda tenho alguma coisa pra dar [...]*<sup>82</sup>

Apesar da jovem mulher ter afirmado que estava desvinculada do Nascer, ela participou ativamente da organização do retiro anual do grupo<sup>83</sup>, cedendo, inclusive, o espaço onde o encontro de dois dias aconteceu, na cidade de Santa Maria do Herval. Ela e a sua família, o marido e os sogros, auxiliaram para que tudo saísse da melhor forma durante o encontro dos/das jovens. Penso que a sua participação poderia ser definida como uma “ausência-presença”, já que ocorreu de forma quase imperceptível apesar de ter sido essencial.

A jovem pouco circulou entre os/as participantes do retiro, quase não a vi durante as palestras e atividades. Depois de um certo tempo percebi que ela era uma das responsáveis pelas refeições e limpeza do local. Desta forma, apesar de a jovem auto definir-se como uma ex-participante do Nascer, o seu compromisso e o vínculo demonstrados com o grupo ainda pareciam bastante fortes, mesmo não exercendo a coordenação ela se fazia presente na organização de algumas atividades. A mesma jovem fez a seguinte afirmação, quando referiu-se aos/as

<sup>81</sup> Belo também participava do Nascer e há algum tempo atrás, com a divisão do grupo, ele acabou assumindo a coordenação do novo grupo.

<sup>82</sup> A fala da jovem corresponde ao dia 3/12/2006, por ocasião do retiro a Santa Maria do Herval.

<sup>83</sup> Os/As jovens do Nascer organizam, geralmente todos os anos, um retiro para os/as componentes do grupo. Em 2006 o retiro ocorreu na cidade de Santa Maria do Herval, na chácara de um casal de jovens que se conheceu e casou dentro do grupo de jovens.

seus/suas alunos/as de catequese: *“O que eu quero é que eles sejam bons, sabe... Pessoas boas [...]”*<sup>84</sup>. Talvez, este desejo de ensinar os alunos de catequese a serem bons, seja o mesmo sentimento que a estimulou a contribuir e a estar envolvida, de alguma forma, mesmo que de maneira menos direta, nas atividades do grupo Nascer. Com a sua “ausência-presença” a jovem parece continuar comprometida na construção da “boa juventude”. Afinal, esta jovem foi, durante alguns anos, uma integrante ativa da RCC e esteve envolvida em resgatar jovens para fazerem parte do Nascer e viverem o PHN.

Um outro fato que causou polêmicas no grupo foi à organização do retiro a Santa Maria do Herval. Os desentendimentos se deram porque duas meninas não puderam participar do retiro, por não terem condições financeiras. Essas duas meninas são bastante antigas no Nascer, sendo que as mesmas auxiliaram em atividades para a arrecadação de verbas para o caixa do grupo<sup>85</sup>. As meninas, nos últimos meses de pesquisa de campo, haviam comparecido de forma esporádica nos encontros do Nascer, conforme uma delas: *“É que a gente tá indo mais no grupo do Belo, é no mesmo horário [...] É que lá as músicas são mais animadas [...]”*<sup>86</sup>

Assim, as meninas Karen e Ruti circulavam pelos dois grupos, não mantendo um compromisso de lealdade e pertencimento com apenas um deles. Elas freqüentavam tanto o grupo Nascer, como o grupo do Belo. Alguns/algumas jovens acreditaram que foi por este motivo que os coordenadores do Nascer não colocaram para ser decidida em pauta a possibilidade de o grupo custear o retiro das duas jovens. Como as jovens haviam falado diretamente com a coordenação do grupo sobre a sua impossibilidade financeira de participar da atividade, os outros componentes do Nascer não foram informados do problema. O fato gerou opiniões divergentes, visto que as meninas haviam auxiliado nas promoções organizadas e, conforme alguns/algumas componentes do Nascer, tinham direito a usufruírem do dinheiro ou, ao menos, o direito da decisão ser tomada por todos/as os/as componentes do Nascer a partir do voto em reunião. Conforme uma das meninas: *“O Tiago, ele também vai nos dois grupos tocar. Vai ver... Bom, eu acho que todo*

<sup>84</sup> A fala da jovem corresponde ao dia 3/12/2006, por ocasião do retiro a Santa Maria do Herval.

<sup>85</sup> Os/As jovens promoviam, rifas, bingos, venda de doces, e outros para arrecadar dinheiro e custear os passeios, retiros e festas daqueles/daquelas que não tinham condições financeiras para participar das atividades, desde que os/as mesmos/as tivessem participado das promoções para angariar fundos.

<sup>86</sup> Fala proferida por Karem em uma conversa que tive com alguns/algumas componentes do grupo, após o término da reunião do dia 26/11/2006.

*mundo recebe ele de sorrisinho por causa da guitarra. É, ele toca e eu danço... Aliás, acabei de dançar (risos).*<sup>87</sup>

Como foi mencionado nesta fala, um jovem também circulava entre os dois grupos, sendo que as reuniões em que ele comparecia eram marcadas pelo acentuado movimento e alegria. Talvez seja importante reforçar que este jovem possuía uma guitarra, enquanto os outros jovens do grupo tinham violões. Além disso, ele parecia entender dos instrumentos e aparelhagens musicais, inclusive trazendo alguns para o ensaio, como caixas de som, microfones, amplificadores, o que gerava uma grande movimentação em torno dele, como também um encontro bastante diferente do usual. Seria possível dizer que esse jovem possuía algumas “qualificações”, habilidades e instrumentos que lhe permitiam exercer poder e ser admitido, ou desejado, pelos dois grupos.

Um outro fator importante para as análises, talvez seja o fato de que havia apenas um freqüentador negro no grupo, além das duas meninas que compareciam de forma esporádica. Este rapaz negro, além de assíduo nas reuniões, tocava violão juntamente com um dos coordenadores; sendo que, geralmente, o grupo contava somente com estes dois instrumentos de corda, já que o menino que tocava guitarra vinha aos ensaios de forma não muito freqüente. Assim, a presença do jovem negro parecia bastante importante para que os ensaios pudessem acontecer, o que já não seria possível afirmar em relação as jovens negras. Esta maioria branca do grupo, talvez pudesse passar despercebida, na medida em que os dois bairros, Lomba grande e Feitoria, foram colonizados pelos imigrantes alemães, mas é importante ressaltar que no bairro Feitoria situa-se a Cohab, local onde a igreja está localizada e onde os encontros ocorrem. O bairro Cohab, como já foi explicitado antes, é um conjunto habitacional do estado direcionado para pessoas de baixa renda. É possível visualizar nas ruas do bairro que boa parte dos/das seus/suas moradores é afro-descendente, o que causa um certo estranhamento não ter encontrado no grupo mais jovens desta etnia.

Nas primeiras observações que realizei, logo no início da pesquisa de campo para a proposta de dissertação, percebi a participação das duas jovens negras de forma mais assídua. Depois da qualificação do projeto, voltei ao campo

---

<sup>87</sup> Ibidem nota anterior.

para buscar o material empírico necessário para a elaboração da dissertação, nesta época as duas jovens já circulavam pelos dois grupos. Logo que mantive os primeiros contatos com o Nascer, a paróquia contava com um sacerdote que, apesar de não ser carismático, deixava, conforme o grupo, a escolha das músicas e coreografias ao encargo dos/das jovens, o que lhes permitia, neste aspecto, uma maior liberdade. O padre que assumiu a paróquia no momento em que a pesquisa de campo foi intensificada é apontado como “*mais tradicional*”.<sup>88</sup> As duas jovens afro-descendentes, no início das observações, pareciam manter uma certa liderança no grupo. Elas inventavam novas coreografias, estimulando os/as jovens a imitá-las; segundo alguns componentes do grupo, o Nascer “*bombava*”<sup>89</sup> nesta época. Com a mudança de padre e a divisão do grupo, algumas modificações ocorreram nos ensaios, desde então, tanto as coreografias como as músicas passaram a ser avaliadas pelo sacerdote em exercício. Assim, as duas jovens começaram a freqüentar o grupo do Belo, onde, conforme a fala de uma delas: “[...] *a gente canta e dança de tudo [...]*.”<sup>90</sup>

A liberdade para cantar e coreografar as músicas da RCC parece ser maior no outro grupo de jovens. Ruti, outra jovem que também freqüenta o grupo do Belo, afirma que “*O padre lá é dez. E aqui, agora, esse padre tranca tudo... Não pode nada*”.<sup>91</sup> A jovem se refere ao padre da paróquia vizinha como “dez”, ou seja, “legal”.<sup>92</sup> Durante o retiro a Santa Maria do Herval,<sup>93</sup> foi possível ouvir muitos comentários sobre este padre. Tanto os/as jovens como os pais vinculados à igreja se referiam ao cônego como brincalhão, animado, “mais aberto” e próximo aos jovens, “*um padre diferente, ele participa das coisas e até brinca com eles (se referindo aos jovens)*.”<sup>94</sup> O padre da igreja a qual o Nascer está vinculado é descrito como o que “tranca tudo”, aquele que não permite, nas suas missas, algumas

<sup>88</sup> Declaração feita por Ruivo em uma conversa que antecedeu a reunião do dia 13/05/2006.

<sup>89</sup> Termo usado de forma recorrente entre os/as jovens. “Bombar” pode significar movimento, alegria, sucesso.

<sup>90</sup> Fala proferida por Karem em uma conversa que tive com alguns/algumas componentes do grupo, após o término da reunião do dia 26/11/2006.

<sup>91</sup> Declaração feita por Ruti depois da reunião do dia 26/11/2006.

<sup>92</sup> O padre “dez”, como é apontado pelos/pelas jovens, é o sacerdote responsável pela paróquia em que o grupo do Belo realiza as suas reuniões e encontros. .

<sup>93</sup> O padre descrito como “dez” foi convidado pelo grupo Nascer para palestrar no retiro a Santa Maria do Herval, como também para rezar a missa nesta ocasião. O retiro ocorreu no fim de semana correspondente aos dias 2 e 3/12/2006; o padre “dez” acompanhou o grupo durante todo o sábado, só indo embora depois da missa que acabou por volta das 22 horas deste dia.

<sup>94</sup> Declaração feita pela mãe de uma jovem que acompanhou a filha ao retiro a Santa Maria do Herval, no dia 02/12/2006.

coreografias ou inovações no que diz respeito a participação dos/das jovens. Ruivo se refere a ele como *“um padre mais tradicional, é que ele não é carismático... Bom, a gente tem que respeitar isso.”*<sup>95</sup> O padre anterior ao que é definido como “tranca tudo”, apesar de não ser carismático, conforme o relato dos/das jovens, parecia simpatizar bastante com a RCC, estimulando, inclusive, o grupo a participar dos grupos de oração da Renovação que aconteciam em dois bairros próximos ao local onde o Nascer se reúne. No momento da pesquisa, os/as jovens ainda mantinham fidelidade com estes grupos de oração e auxiliavam na sua animação, mesmo sem o estímulo do padre em exercício. Em uma reunião do grupo, foi possível perceber o alívio e a satisfação dos/das jovens ao serem informados/as pelo Ruivo de que o padre responsável pela paróquia não compareceria na celebração da missa, sendo substituído pelo padre “dez”. Um dos jovens, o que possui a guitarra, afirmou para que o grupo ouvisse: *“Nossa, então vai dar pra arrasar [...]”*, ao que Ruivo respondeu: *“É, hoje o repertório é livre [...]”*<sup>96</sup>. O ensaio, naquele sábado, pareceu transcorrer de forma mais animada do que usualmente.

Os/As jovens do grupo Nascer são conhecidos e apontados na comunidade onde vivem como “Jovens do Sagrado”. No retiro a Santa Maria do Herval<sup>97</sup>, alguns/as destes/as jovens usaram camisetas, feitas em um estilo que lembra o rock “pauleira”, na parte frontal estava escrito com letras pretas “Grupo Nascer” e nas costas “Jovem do Sagrado”. A última expressão foi escrita com letras vermelhas bastante chamativas, sendo que algumas letras tinham em torno de si o que pareciam ser gotas de sangue. A arte usada para a impressão - ou para causar impressão - me fez lembrar de uma citação de Judith Butler, uma importante estudiosa feminista, por ocasião de uma entrevista feita com Prins e Meijer (2002, p. 163). Butler referiu-se aos discursos afirmando que “[...] eles se acomodam em corpos [...]” ou ainda que “[...] os corpos, na verdade, carregam discursos como parte de seu próprio sangue [...]”. Talvez, o objetivo das palavras escritas nas

<sup>95</sup> Fala proferida pelo Ruivo em uma conversa que antecedeu a reunião do dia 13/05/2006.

<sup>96</sup> Falas proferidas na reunião do dia 28/10/2006.

<sup>97</sup> O retiro citado foi organizado pelos/as jovens do grupo e contou com a participação de quatro moças e oito rapazes, além do padre, dos proprietários da chácara e de três pais e uma convidada (para realizar as atividades de integração). Como eu vinha acompanhando o grupo nas suas reuniões e encontros também recebi o convite para participar do retiro. O retiro foi organizado em dois momentos, sendo que o primeiro dia ficou conhecido como o “dia de cuidar do espírito”. Neste dia ocorreram palestras organizadas pelo padre, algumas atividades de integração, além dos intervalos para almoço, lanche e horário de banho. Para o segundo dia, “o dia da integração”, foi organizado um passeio até uma cascata, onde fizemos churrasco e tomamos banho na corredeira; neste dia as atividades foram mais livres.

camisetas era sugerir que o sangue ali representado era o de Jesus Cristo crucificado. Mas, ao observá-las atribuí outros significados para o que ali estava impresso. Acredito que os discursos se acomodam nos corpos, como argumenta Butler e penso que o sangue impresso nas camisetas pudesse simbolizar o sangue dos/das jovens ali presentes e a forma como os discursos católicos habitam seus corpos e produzem marcas que podem distingui-los. Pertencer ao grupo Nacer parece significar, para aqueles/aquelas jovens, fazer parte de uma juventude “endeusada”<sup>98</sup>, ou seja, que tem Deus dentro de si e que por este motivo se diferencia dos/das outros/as jovens. Os/As integrantes do Nacer se distinguem dos/das outros/as jovens do bairro a partir das suas atitudes e de um jeito de viver condizente com o “eu sou de Deus”. Durante o retiro o padre “dez” usou diversas vezes as expressões “*vocês são de Deus*” e também “*vocês são jovens do sagrado*”. Nas falas do padre, muitas vezes, estas expressões eram usadas de forma colada a um compromisso como:

*Vocês são de Deus e hoje estão aqui para dar este dia para o espírito [...]. Outros jovens fazem outros retiros. Eles se retiram para as drogas, para a falta de responsabilidade... Mas vocês são jovens do sagrado, de Deus [...] Vocês se retiram para receber o Espírito Santo.*<sup>99</sup>

Que compromissos podem carregar estas expressões? Talvez, naquele momento de retiro, pudessem representar o compromisso de escutar com atenção as falas do padre, participar ativamente das atividades de integração, criar uma pré-disposição para receber o Espírito Santo, além de manter-se fiel às responsabilidades e ideologias condizentes com a RCC. “Ser um/a jovem do sagrado” carrega muitos significados e responsabilidades que estão atreladas a um jeito de ser, de agir, de pensar e viver no mundo. O padre Alírio Pedrini (2004), se dirige aos jovens, chamando-os a assumirem o compromisso como jovens em renovação:

---

<sup>98</sup> Alex Branco Fraga em seu livro “Corpo, Identidade e Bom-Mocismo” fala de uma “adolescência endeusada” incorporada por jovens de uma escola de Cachoeirinha, onde os valores católicos são bastante valorizados e reforçados. Tomei de empréstimo do autor o termo “endeusada/o”, por acreditar que os/as jovens do grupo Nacer, muitas vezes, também se reconhecem – e são reconhecidos/as – dentro desta característica.

<sup>99</sup> Declaração feita pelo padre Dez no dia 02/12/2006.

Você, jovem, já deve estar experimentando mais ou menos intensamente a experiência da vida nova em Cristo, movida pelo Espírito. O católico que se torna novo pelo Espírito passa a ter uma nova vida: vida nova com Deus, vida nova na família, vida nova no matrimônio, vida nova no namoro, nas amizades, no estudo, no trabalho, nos negócios, no lazer. Vida nova, pessoa nova, novos relacionamentos [...]. (2004, p. 23)

Vida nova, um jeito novo de ser, de viver, de se relacionar, novas amizades, novos pensamentos, novos ideais, novos ídolos, novas formas de agir, novas expressões no rosto, um brilho novo no olhar, um sorriso novo. Como afirmou o Ruivo em uma reunião do Nascer: *“Vocês têm que fazer Deus ficar presente em vocês, na voz de vocês, na alegria de vocês.”*<sup>100</sup> Ser um/a jovem do grupo Nascer parece indicar o compromisso com uma certa alegria, uma felicidade que deve ser exalada pelos que fazem parte desta juventude sagrada, assim, a fé na ideologia da RCC se comprova, muitas vezes, através da alegria em viver os seus valores. Dunga argumenta que:

O jovem de Deus, além de ser bonito tem um brilho que contagia as pessoas [...] Algo acontece em seu interior e quando chega a este estágio, você exala [...] Deus usa até o charme de uma pessoa, santificando todos os gestos, palavras, maneira de rir ou chorar, de olhar, enfim. Ela passa a exalar Deus. (2004b, p. 41)

Dunga argumenta que para exalar o brilho interior, a maneira santificada de olhar, de rir ou chorar o/a jovem precisa chegar a um certo estágio. Conforme os/as católicos/as carismáticos é através das mudanças interiores que este “charme santificado” pode ser alcançado, sendo a partir do exercício da vida em renovação que o/a jovem vai adquirindo a felicidade e a alegria citadas por Dunga. Em outro livro Dunga afirma que:

É impossível envelhecer quando temos um brilho interior que se reflete no sorriso e no olhar. Por isso sempre digo aos meus filhos: ‘Escovem bem os dentes, passem o fio dental e sejam batizados no Espírito Santo, para que possam ter um sorriso maravilhoso. Sejam verdadeiros *outdoors* de Deus na terra, muitos estão a procura de pessoas que brilhem para se encontrar com a fonte de Deus. (2004a, p. 54)

<sup>100</sup> Fala decorrente da reunião do dia 21/10/2006.



Ter Deus dentro de si aponta para o comprometimento de exalar este brilho interior que santifica o/a jovem, refletindo nele a imagem de Deus. A fala de Dunga parece indicar que ser um componente da RCC, assegura, de alguma forma, o não envelhecimento do/da fiel, propondo o estilo de vida carismático como uma garantia de juventude perene. Também a higiene parece se propor como uma comprovação do Deus presente. O que me faz lembrar de um cartaz que havia na porta do banheiro feminino da escola católica em que realizei o curso de magistério. O cartaz dizia em letras grandes: “Deus habita lugares limpos”. Parece que ser “um/a jovem do sagrado” supõe alguns cuidados básicos de higiene do próprio corpo e também dos lugares onde este corpo circula. Também no grupo Nascer este cuidado com a higiene parece se propor através da barba feita, dos cabelos bem penteados e das roupas limpas.

O estilo de vida da RCC se constitui em uma pedagogia religiosa que ensina os/as jovens a demonstrar a fé e a santidade através das suas atitudes, das emoções e expressões do rosto, do modo de chorar, de rir, das gestualidades empregadas, enfim, da forma como este/a jovem se apresenta no mundo. Dunga estimula os/as jovens a cuidarem do seu sorriso para, através dele, cativarem outras pessoas, outros/as jovens. O sorriso e a alegria do/da jovem da RCC parece ter o compromisso de envolver outros/as jovens, levando-os a desejar para si esta suposta felicidade e sorriso limpo, alcançado pelo uso do fio dental, da escova de dente e pela retidão de conduta moral, que faz dos jovens em renovação “verdadeiros *outdoors*” para a veiculação dos discursos pregados pela RCC.

Este brilho interior que, conforme os /as católicos/as carismáticos, santifica e traz felicidade parecem ser aspirados, buscados pelos/as jovens do Nascer. Os/As integrantes do Nascer, geralmente parecem alegres, sorridentes, brincalhões e dispostos a ajudar quem esteja necessitando. A disposição, o sorriso, a alegria, as gestualidades, o tipo de vestimenta usada - moderna, mas não ao ponto de ser largada ou escrachada<sup>101</sup> - o corpo limpo, bem barbeado e penteado são sinais, marcas que supostamente apontam para uma alma bondosa, alva que presume o “Deus presente”. Esta forma de viver a juventude ensinada pela Renovação busca

---

<sup>101</sup> “Escrachar” é um termo recorrente entre os/as jovens, seus significados giram em torno do ridicularizar, diminuir. Assim, uma roupa “escrachada” é percebida como ridícula, atirada, fulera, largada, mulamba.

fazer presente a imagem do Deus e dos ensinamentos católicos. Acredito que os discursos da RCC corroboram para a fixação e essencialização de um suposto jeito santificado de ser jovem que, segundo os/as católicos/as carismáticos, pode “libertar” a juventude de “problemas” com drogas, sexualidade, violência, irresponsabilidades e tantos outros tidos como comuns às juventudes contemporâneas.

Deste modo, toda a sorte de violências, fome, miséria, abandono e preconceito que vem envolvendo diversos segmentos da juventude são apresentados como sendo motivados por culpa dos/das próprios/as jovens e das suas famílias que teriam se desviado de Deus, liberando, assim, de qualquer comprometimento uma sociedade envolvida em ensinar e a manter as suas bases estruturadas na diferenciação, discriminação e hierarquização dos diferentes sujeitos e grupos sociais. Ao perceber a juventude como uma essência naturalmente fora de controle, onde os instintos falam mais alto e que por isso precisam de uma regulação constante e efetiva, a sociedade se exime do envolvimento com os discursos responsáveis pela representação e produção das juventudes que ela própria busca meios de disciplinar. A cura e a libertação da juventude, propostas pela Renovação Carismática, envolvem algumas escolhas e compromissos que apontam para “um jeito de viver” ensinado através da “nova evangelização”<sup>102</sup>.

### **- O bem e o mal**

A RCC conta com diversos apóstolos da nossa época para levarem até o povo a ideologia católica “com um novo ardor”.<sup>103</sup> Entre estes evangelizadores se encontra o padre Jonas Abib, fundador da Comunidade Canção Nova. O padre Jonas vem sendo considerado pela Renovação como um João Batista dos nossos dias. No livro, de sua autoria, “Céus Novos e uma Terra Nova”, considerado uma leitura básica para os/as católicos/as carismáticos/as, o mesmo afirma que existem dois reinos em nosso mundo. Um é o reino do mal, onde Lúcifer, o príncipe das

---

<sup>102</sup> Conforme a RCC a sua missão é promover a “nova evangelização”, ou seja, levar até o povo a palavra de Deus usando os diversos recursos da nossa época, entre eles a mídia. Sobre o assunto ver o livro escrito por Jonas Abib: “Céus Novos e uma Terra Nova”, Edições Loyola, 1998.

<sup>103</sup> Expressão usada por Ruivo, na reunião do dia 21/10/2006, para referir-se a forma como os/as jovens deveriam promover a doutrina católica e trazer novos participantes para o grupo.

trevas reina imperiosamente, e o outro o reino do bem, de Deus e da salvação eterna. Conforme o livro, Deus deu a terra para muitos anjos - entre eles Lúcifer, o anjo dotado de maior sabedoria, inteligência e beleza. Deus mandou que Lúcifer e os anjos que estavam ao seu serviço preparassem a terra para a chegada de seu filho e os anjos o obedeceram, até que Deus informou o restante do seu plano a Lúcifer, ou seja, de que o filho de Deus chegaria a terra através do ventre de uma mulher muito humilde. Segundo consta no livro este foi o motivo da revolta de Lúcifer e dos outros anjos por ele influenciados. Eles não aceitaram que o filho de Deus chagasse a terra de forma tão pobre e simples, mas acreditaram que a sua chegada deveria ser feita de glória e esplendor, e que o lugar de Lúcifer, era ao lado de Jesus para reinar sobre a terra.

Jonas Abib (1998) afirma que Deus poderia ter aniquilado todos os que estavam se rebelando, mas Ele não fez isso porque é um Deus de vida e não de destruição. A terra havia sido dada a Lúcifer para que ele construísse aqui um outro céu, isto não aconteceu e desde então ele, o diabo, passou a reinar sobre a terra e atrapalhar os planos divinos. Conforme os textos da RCC esta é a origem do mal. Os/As católicos carismáticos/as parecem acreditar que estão no meio de uma guerra espiritual onde há somente dois caminhos a seguir: o do bem ou o do mal. “Inserido nesta batalha, o homem deve lutar sempre para aderir ao bem; não consegue alcançar a unidade interior senão com grandes labutas e o auxílio da graça de Deus”<sup>104</sup>. O antropólogo Valdir Pedde (2000) argumenta, em seus estudos sobre a RCC, que os/as católicos carismáticos/as crêem que o demônio age de forma independente de Deus, mas está subordinado a ele; apesar do diabo ter autonomia para fazer o mal, esta autonomia é controlada por Deus que pode interceder quando for de sua vontade, já que, conforme afirma Jonas Abib (1998, p. 110), “[...] se Deus não quiser, o mau não pode atacar a quem a divindade não permitir.”

Não há, conforme a RCC, como ficar “em cima do muro”, ou você está de um lado ou de outro. Somente aquele/a que é bom/boa receberá a salvação. Mas que significados podem compreender “o ser bom” na visão católica carismática? Ser bom/boa pode denotar, para os/as católicos/as carismáticos/as, estar do lado do

---

<sup>104</sup> Citação retirada da página 98 do livro “Renovação Carismática Católica”, Coleção Paulo Apóstolo, v.3, São Paulo: Santuário, 1994. A obra é indicada como de autoria dos “carismas”, ou seja “dons” do Espírito.

bem, ou seja, de Deus: “*É viver no mundo, mas não ser mundano*”.<sup>105</sup> Ser bom/boa parece compreender, entre outros valores, não se deixar seduzir pelo consumo irrefreado, pelos prazeres sexuais fora do casamento, pelos vícios; ser bom envolve a fidelidade aos valores cristãos e o distanciamento de tudo o que não está de acordo com esta moral. O diabo ou o mal ganham uma representação moderna (ou talvez, nem tão moderna assim) ao serem materializados nas drogas, no álcool, em alguns programas de TV, nas letras de algumas músicas, no divórcio e na desagregação familiar, assim como na livre orientação e expressão sexual. Alguns sentimentos, e os atos provenientes destes sentimentos, também são considerados diabólicos como o ódio, a vingança, a falta de humildade, de fé, de compaixão, e tantos outros que divergem dos sentimentos ou postura condizentes com o/a do/da bom/boa católico/a cristão/ã.

Acredito que é importante trazer para a reflexão alguns significados dados às palavras bem e mal, que nem sempre foram concebidas da forma como as vemos hoje. Nietzsche, em seu livro “*Além do bem e do mal*” (2005), fala da necessidade que sempre existiu entre os sujeitos, desde que há humanidade, de andar em rebanho, ou seja, de viverem em comunidade para subsistirem. Segundo ele, a preservação da comunidade levou os “rebanhos humanos”<sup>106</sup> a organizarem regras de conduta, que se diferenciam no decorrer da história. As virtudes, que, conforme o autor, depois vêm a coincidir com o conceito de moralidade, eram alimentadas a partir da necessidade de autopreservação da comunidade. Ainda segundo Nietzsche, na antiga Roma a astúcia, a ânsia de domínio, a vingança, o manejo com as armas, a coragem e outras qualidades comuns ao bom guerreiro eram virtudes louvadas e respeitadas pela sua utilidade social na comunidade. Hoje estas qualidades podem não carregar o mesmo valor da época em que foram essenciais para assegurar segurança à sociedade e também a possibilidade de conquistar novas terras e riquezas. Qualidades como a vingança, o manejo com as armas e a ânsia de domínio podem não ser, entre outras, na nossa sociedade, associadas a pessoas de bem e menos ainda a um/a católico/a temente a Deus.

Tomaz Tadeu da Silva (2003), baseado nos estudos de Derrida, afirma que o significado das coisas não existe separado das suas marcas materiais, dos seus traços visíveis ou audíveis. Conforme ele, os sentidos atribuídos a algo necessitam

---

<sup>105</sup> Afirmação feita pelo coordenador Ruivo dia 14/10/2006, na reunião do grupo Nascer.

<sup>106</sup> Nietzsche, 2005.

da coisa em si para continuarem existindo, eles não existem de forma independente. O autor também afirma que foi Derrida que introduziu a dúvida e a incerteza no processo de significação ao afirmar que o significado não existe como entidade mental separada da materialidade, mas necessita da materialidade para continuar existindo. Assim, os diferentes sentidos atribuídos ao bem e ao mal, entre eles os valorizados pela RCC, necessitam, a todo o momento, da citação e reiteração constantes para continuarem concorrendo pelo poder de impor os significados do grupo que representam.

Esta diversidade na atribuição de significados a uma mesma palavra não é perceptível apenas em análises marcadas pela distância do tempo e da vasta diferença cultural entre um grupo analisado e outro. Também na nossa cultura e presente tempo histórico podemos apontar algumas diferentes atribuições ao “ser bom” e “ser mau”. Em outra pesquisa, onde trato brevemente sobre o assunto, ocorre um diálogo entre alunos da Escola Aberta<sup>107</sup>, local onde trabalhava e também onde a pesquisa ocorreu, que pode contribuir para as análises que estou procurando realizar no momento. Os meninos e meninas da Escola Aberta atribuíram, no momento da pesquisa, outros significados ao “ser bom”. Conforme um deles: *“Ser diabão é ser ‘o bom’... É ter o respeito dos outros, é não ter medo de fazer nada... É saber dá mortal... É ser ligeiro, quando precisa [...]”*

Aparentemente, para os meninos e meninas da Escola Aberta “ser bom/boa” era ser corajoso/a, era não ter medo da polícia e saber “se virar”, era saber brigar, defender-se dos perigos da rua, saber fugir e se “imocosar”<sup>108</sup>, era encontrar comida e lugar pra dormir. “Ser bom/a”, para estes/as meninos e meninas, também era saber fazer as coisas com agilidade e destreza como “dar mortal”<sup>109</sup> ou surrupiar pequenos objetos sem que ninguém visse. Estes meninos e meninas construíram regras e valores para a convivência em grupo, como também, para a sua sobrevivência dentro da sociedade mais ampla. As qualidades valorizadas neste

<sup>107</sup> A referida pesquisa foi realizada por mim no ano de 2003 através da UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. A mesma fez parte do Trabalho de Conclusão do curso de Graduação em Pedagogia. A escola onde a pesquisa foi realizada atendia crianças e jovens considerados em situação de risco social, parte deles/delas vivia nas ruas e tinha passagem pela FASE – Fundação de Assistência Sócio Educativa.

<sup>108</sup> Termo muito usado entre meninas e meninos de rua, pode ser classificado como uma palavra derivada de mocó (esconderijo); se “imocosar” significa esconder-se.

<sup>109</sup> “Mortal” é um tipo de salto comum em jogos de capoeira, os meninos desta escola admiravam muito este tipo de salto e o praticavam entre si nas aulas de capoeira oferecidas pela escola, nos intervalos e também em qualquer lugar por onde andavam. Os meninos que conseguiam dar saltos mais difíceis e elaborados eram bastante considerados e respeitados dentro do grupo.

grupo de crianças e jovens se relacionavam com as necessidades mais imediatas do grupo, ou de cada um em particular, como: alimentação, drogas, lugar para dormir, fuga da polícia ou de qualquer um que oferecesse perigo, entre outras. Talvez a sobrevivência, nas condições de abandono e violência em que viviam, fosse quase impossível, para estas crianças e jovens, se os mesmos/as não dispusessem das qualidades que valorizavam, no momento da pesquisa.

### **- A “cura” espiritual**

Segundo a dissertação de mestrado do antropólogo Barbosa Neto (2000), os/as católicos/as carismáticos/as consideram doentes espiritualmente aqueles/as que não seguem a doutrina da RCC, todas as dificuldades pelas quais estes indivíduos passam são explicadas a partir da sua não conversão. É através da conversão que cada fiel alcança a cura espiritual dos males que o atingem, sendo que, depois da libertação do espírito segue a cura das doenças físicas e emocionais. Cuidar somente do seu interior não é suficiente, como afirma a ideologia da Renovação, é necessário que cada fiel cuide também do exterior que o rodeia e envolve, pois, conforme a pesquisa de Barbosa Neto (ibidem, p. 51), os/as católicos/as carismáticos/as acreditam que o “[...] exterior é o que marca o interior de cada um.” Este exterior ao qual a Renovação se refere parece dizer respeito à forma como o fiel vive e põe em prática os ensinamentos cristãos, ou seja, demonstrando materialmente ou visivelmente a sua opção através dos seus valores, seus posicionamentos, suas amizades, seus afetos, enfim, seu estilo de vida. O padre Jonas Abib (1998, p. 41) afirma que o mundo está doente e que estas doenças são provenientes do “espaço” que é permitido ao demônio na vida de cada um/a. Conforme ele “O demônio é sutil! Se não consegue entrar pelo adultério, roubo, ódio, vingança, ele o faz pelo vício, ressentimento, mágoa, decepção. Mas o que ele quer é entrar, e para isso basta uma brecha.”

A Renovação prega uma divisão binária do mundo onde parecem existir somente duas possibilidades: uma divina, natural e essencial (Deus, bem, sagrado, espírito, céu); a outra o reverso ou avesso da primeira (diabo, mal, profano, corpo, inferno) ou ainda, a falta, a insatisfação, o débito constante com aquela que

representa a medida para uma vida feliz e equilibrada na terra e que também garante a salvação depois da morte. Entre os/as carismáticos, a salvação parece estar sendo interpretada de forma um tanto diferente daquela que é pregada nos seguimentos católicos reconhecidos como mais tradicionais. Na ideologia católica, a salvação, geralmente, se remete a um momento de espera para viver uma vida futura em plenitude, ou seja, a “recompensa” viria após a morte. Entre os adeptos da RCC, o momento de espera, para receber a “recompensa” pela forma como se vive o tempo presente, parece ter sido revertido para o momento atual, ou seja, para o imediatismo de se viver hoje uma vida plena e liberta.

Os/As católicos/as carismáticos/as, conforme Barbosa – Neto (2000), crêem que a cura dos males espirituais reverte para a cura de todos os males que impedem a realização do indivíduo, promovendo a sua libertação de uma forma integral para uma vida de felicidade e plenitude. A fruição dos bens mundanos como saúde, realizações pessoais e profissionais são recebidas como uma bênção proveniente da cura interior. Em um programa de TV da RCC o padre Léo, outro importante missionário da Renovação, afirmou que para ser salvo e ter a oportunidade de viver na terra uma vida plena é necessário que se deseje e queira a cura. Segundo o padre muitas pessoas desejam apenas a solução do seu problema mais imediato, mas continuam vivendo em pecado. Conforme ele:

Há uma íntima relação da doença ou problema com a vida que eu levo, até com os programas de TV que eu assisto... Eu não estou dizendo que é fácil viver uma vida santa. Fácil é ir pro inferno. Eu preciso transformar o meu desejo em vontade de querer. Querer é o desejo alimentado. Eu preciso me abrir nos meus desejos, no meu querer para agir com vontade e chegar ao pai... E só então, começar a viver uma vida plena e feliz.<sup>110</sup>

Foucault (1984a), no livro “Vigiar e Punir”, fala das modalidades do poder de punir que se defrontam nas prisões do final do século XVIII, entre estes dispositivos está o poder coercitivo, uma tecnologia voltada para tolher, no futuro, a repetição do delito. A prisão agiria mais como uma instituição coercitiva do que punitiva. O poder operaria com a recodificação permanente do espírito do condenado a partir da

---

<sup>110</sup> Citação retirada do programa veiculado às 8 horas do dia 04/01/2007, no canal de TV Canção Nova.

ocupação do seu corpo e tempo, enquadrando seus gestos, suas condutas através de uma ortopedia ocupada na correção de cada um de forma individual. A coerção agiria através de processos que objetivavam treinar o corpo para nele imprimir, não mais as marcas das torturas infligidas pelos suplícios, mas os traços impostos pelos hábitos e comportamentos modificados pela correção das posturas e coação calculada que “percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga no automatismo dos atos [...]” (FOUCAULT, 1984a, p. 117). Foi a partir das disciplinas que se impôs “uma transformação pedagógica e espiritual” dos sujeitos, não somente nas prisões, mas também nas escolas, nas fábricas, nos quartéis e nas igrejas, entre outros espaços sociais. O corpo passou a ser o lugar de investimento de uma anatomia política do detalhe que provém de diversos espaços sociais e se reforçam entre si. Os investimentos sobre o corpo se dão de forma ininterrupta e detalhada, envolvendo uma multiplicidade de processos, que se apóiam, se repetem, se imitam, e mesmo apresentando algumas particularidades que se referem a sua área ou espaço de aplicação, convergem entre si e esboçam as características do método geral. Foucault argumenta que o corpo dócil é aquele que se submete às disciplinas numa relação de docilidade e utilidade, ou seja, quanto mais obediente mais útil e produtivo se torna. As disciplinas, assim, permitem o controle minucioso do corpo, buscando a sujeição constante das suas forças e objetivando fabricar corpos submissos e exercitados, ou seja, corpos dóceis.

Nietzsche, (2005, p. 23), nos leva a refletir sobre o nosso querer, somos dentro de nós mesmos, segundo ele, “a parte que manda e a que obedece”. Quando queremos comandar algo dentro de nós, agimos sobre nós mesmos/as e isto acontece depois de incitada à vontade. A RCC parece alimentar o desejo dos/das fiéis com a promessa de uma recompensa, que não faz parte somente de uma vida espiritual futura, mas que também é possível de ser vivida espiritualmente e materialmente nesta vida. O desejo é instigado, a todos/as é dada a mesma oportunidade de alcançar uma vida plena e feliz, fica ao encargo da força de vontade de cada um. Aqui, vontade e ação parecem ser percebidas como sinônimas, é como se “o ter vontade” já materializasse, por si só, a ação. A vontade parece ser vista como suficiente para mudar pensamentos e atitudes, conduzindo a um modelo de vida que garanta a salvação daqueles/as que o seguem.



Foucault, (1984b, p. 28) diz que “Não existe ação moral particular que não se refira à unidade de uma conduta moral; nem conduta moral que não implique a constituição de si mesmo [...]” Ação e conduta moral se constroem e se reforçam em um processo mútuo. As atitudes, as gestualidades, a forma de se portar, as idéias, as ações que identificam um sujeito católico carismático remetem a um estilo de vida pertinente à moral carismática católica. Este jeito de viver promovido pela RCC envolve uma série de “cuidados consigo”, ou seja, de práticas voltadas para “constituição de si mesmo”<sup>111</sup> e que reforçam a moral da Renovação. Este modo de ser caracteriza o sujeito e o identifica a uma moral específica, o sujeito passa a se reconhecer – e também a ser reconhecido – como parte integrante do grupo. Foucault, (1984b, p. 29), ainda afirma que não existe conduta moral que não implique a constituição do sujeito através de “[...] modelos propostos para a instauração e o desenvolvimento das relações para consigo, para a reflexão sobre si, para o reconhecimento, o exame, a decifração de si por si mesmo, as transformações que se procura efetuar sobre si.” As práticas de si são, conforme o autor, instituídas para assegurar a subjetivação moral.

A RCC se propõe a ensinar os/as fiéis a agirem sobre si mesmos e a dobrarem a própria vontade. Os/As jovens católicos/as carismáticos/as são estimulados/as a buscarem a cura do espírito através de uma nova vida renovada pelos valores do PHN e da RCC. Os sentidos atribuídos à palavra renovação giram em torno da restauração, da reconstrução e do revigoramento; sendo possível perceber nos seus significados o estímulo à busca, à mudança e à ação. Segundo a Renovação não basta o desejo de viver uma vida plena e feliz, tem que “querer” viver esta vida. Um dos sinônimos da palavra desejar é esperar, os significados contidos na palavra “esperar”- que comumente compõe alguns textos católicos considerados pela Renovação como mais tradicionais - parecem ter ganhado, na ideologia da Renovação Católica Carismática, um valor pejorativo, já que uma das marcas da RCC é a busca e o movimento. É fácil perceber o movimento não somente na coreografia das músicas e na diversidade de atividades promovidas pelos/as católicos carismáticos/as, mas também na busca de cada um/a para modificar o seu modo de pensar, agir e viver.

---

<sup>111</sup>Foucault, 1984.

Conforme a RCC não basta o desejo de viver uma vida plena e feliz, tem que querer viver esta vida, na medida em que o “Querer é o desejo alimentado”,<sup>112</sup> como afirma o padre Léo. Mas alimentado com o que? Ou por quem? Talvez, o alimento deste “querer” seja à vontade do sujeito materializada na ação; querer, aqui, parece significar agir. O PHN (Por hoje não vou pecar) pode ser percebido como uma forma de alimentar o “querer”, de estimular a ação dos/das jovens do grupo Nascer, e também de toda a juventude carismática, no momento em que é percebido como “um desafio para tudo isso [aqui se referindo para posição apática de alguns católicos], o PHN retira os jovens de uma situação passiva e os leva a uma condição ativa [...]”. (DUNGA, 2004b, p. 31) Conforme os/as católicos/as carismáticos/as é preciso alimentar o desejo de cura, de realização e de libertação através do querer que conduz os pensamentos e ações modificando os mesmos a partir da vontade de mudá-los. Segundo a RCC, para encontrar a solução e a cura dos problemas e doenças é necessário mudar o jeito de viver, de pensar, de agir. O canal de TV Canção Nova a todo o instante foca as câmeras no *slogam* da RCC “Um jeito de viver”. A Renovação parece disposta a ensinar uma forma de vida que, conforme os seus textos, garante, desde já, a paz e a felicidade aos/as seus/suas fiéis.

### **- A “nova” evangelização**

Invente um jeito de anunciar Jesus. Encontre uma linguagem que sua turma entenda. Faça músicas que seus amigos gostem. Se você é jovem, melhor ainda. Faça como o Dunga, que canta, dança, pula, brinca, escreve, viaja, compõe, faz programas de rádio e televisão, CDs, DVD [...]. Continue inventando um jeito jovem de evangelizar. (Pe LÉO apud DUNGA, 2004b, p. 14-15)

O Pe Léo, no prefácio do livro “Jovem o caminho se faz caminhando”, escrito por Dunga, lança para os/as jovens carismáticos/as o desafio de “inventarem um jeito jovem de evangelizar”. Os/As jovens fiéis são convidados a usarem os atrativos de uma nova época, uma linguagem do nosso tempo para divulgar os preceitos

---

<sup>112</sup> Citação retirada do programa veiculado às 8 horas do dia 04/01/2007, no canal de TV Canção Nova.

morais católicos tidos, muitas vezes, como ultrapassados. O objetivo da RCC é construir “[...] uma nova ponte de comunicação, fazer do velho o novo [...]”.<sup>113</sup> Para renovar o catolicismo e construir a “nova” ponte entre a sua ideologia e o povo, a Renovação tem se valido de muitos recursos, entre eles a própria juventude. É possível fazer esta afirmação no momento em que bandas formadas por jovens e ligadas a RCC, como a Anjos do Resgate e a Dominus, reúnem em torno de cem mil pessoas para ouvirem os ensinamentos católicos através de músicas com ritmos que vão desde o pop ao forró. Estas bandas, inclusive, fizeram parte da animação da missa de canonização do frei Galvão, por ocasião da visita do Papa Bento XVI ao Brasil. O que parece demonstrar o apoio do mais importante representante da igreja católica para com os resultados obtidos com o “jeito jovem” de evangelizar, proposto pela Renovação. Os padres Jonas Abib e Marcelo Rossi também fizeram parte da animação do evento, que foi definido como uma grande festa carismática<sup>114</sup>.

Parece que os/as jovens do grupo Nascer têm procurado corresponder de forma afirmativa ao convite feito pela Renovação. Durante o trabalho de campo foi possível perceber, em vários momentos, o comprometimento do grupo em inventar um jeito novo de evangelizar, além de convocar mais jovens para participar das atividades propostas pela RCC na região. Atividades como os encontros do grupo, podem ser citadas, além do retiro organizado pelos/as jovens, a organização para o comparecimento no XV Cenáculo da RCC, a excursão para a praia organizada todos os anos, a veiculação do jornal do grupo na comunidade, a participação dos/das jovens em atividades organizadas nas escolas, a elaboração das camisetas diferenciadas do Nascer e a organização de bingos no salão da igreja, entre outras. É possível perceber uma certa movimentação na comunidade, em torno das atividades promovidas pelo grupo. Parece que o Nascer ao tentar impor um ritmo novo para as músicas que animam as celebrações das missas no bairro, também tem procurado levar a comunidade daquele lugar a se mover em outro “compasso”, a partir das atividades de evangelização que propõem.<sup>115</sup>

<sup>113</sup> Citação retirada do Módulo I da Universidades Renovadas (Renovação Católica Carismática), página 10, acessado no dia 15/05/2007, através do site [www.universidadesrenovadas.com](http://www.universidadesrenovadas.com). Acesso feito em 15/05/2006.

<sup>114</sup> Para mais detalhes acessar:

<http://www.cancaonova.com/portal/canais/entrevista/entrevistas.php?id=392>. Acesso feito em 20/08/2007.

<sup>115</sup> Talvez, seja importante citar que um grupo de jovens carismáticos/as da Diocese de Novo Hamburgo, recentemente, criou um Pub, com características bem próprias. Geralmente, os Pubs são

Os jovens padres cantores também têm procurado cumprir com o compromisso firmado de renovação do catolicismo; as missas, conforme Souza (2005), têm sido transformadas em verdadeiros mega *shows*, onde alguns recursos e ritmos considerados, pelo próprio catolicismo, como mundanos, têm sido comuns para atrair o público. A publicidade em torno da história de vida de alguns destes padres parece contribuir para uma imagem que reafirma a crença de que é possível viver a juventude, sem, contudo, desviar-se dos preceitos e da moral católica. Um exemplo disto é a história de vida do Pe Zéca, um ex-surfista que chegou a reunir, em um encontro conhecido como “Deus é Dez”<sup>116</sup>, mais de 70 mil pessoas na praia de Ipanema no Rio de Janeiro. Conforme o Pe Jonas Abib (1998), é a partir da “nova evangelização” e da renovação de toda a igreja que se poderá alcançar a transformação de cada um e a mudança da sociedade como um todo, construindo, na terra, o reino de Deus.

É importante ressaltar que a Renovação, apesar de obter a simpatia e o apoio de alguns dirigentes da igreja católica para com a sua proposta de evangelização, não alcança uma aprovação unívoca entre os seus representantes. Um exemplo disto são algumas críticas feitas contra a RCC no livro escrito por Beckauser (1999, p. 36), um religioso componente da CNBB (Confederação Nacional de Bispos do Brasil). O autor questiona o trabalho de evangelização, proposto pela Renovação Católica, a partir das seguintes questões: “O que atrai realmente nestas Missas? As músicas, a expressão corporal, mais ginástica do que oração? [...] A simpatia pelo padre que celebra? Trata-se de uma celebração da Igreja ou é a missa do Padre fulano?”

As análises realizadas por Souza (2005), frente os investimentos da Renovação Católica Carismática no que o autor definiu como “mercado religioso”, talvez, se aproximem das argumentações de Beckauser, no momento em que apontam para o fato de que as celebrações e atividades propostas pelo movimento, muitas vezes, são percebidas como uma oportunidade de distração ou como busca

---

barzinhos onde as pessoas se reúnem para, eventualmente, conversar, se divertirem, escutar música, jogar sinuca e beber alguma coisa. Esse Pub, segundo os/as jovens católicos/as, irá se diferenciar dos outros na região, pois, conforme o grupo não irá vender qualquer tipo de bebida alcoólica ou cigarros. O espaço contará com músicas carismáticas ao vivo, jogos e danceteria. O objetivo do Pub, conforme os/as responsáveis, é evangelizar na noite hamburguesa. Mais detalhes na reportagem do jornal NH do dia 27/08/2007.

<sup>116</sup> Ver entrevista com o Pe Zéca <http://www.paroquiadaressurreicao.com.br/entrev/entrevista20.html>. acessado em 22/05/2007.

de sociabilidade e lazer. Souza (ibidem, p. 36), argumenta que “a música e a dança aí se encaixam como luvas, macias e confortáveis, afinal prazer não é necessariamente pecado. E por que não ligar fé e entretenimento?” O chamado turismo religioso, talvez, também possa ser identificado como mais uma possibilidade acessível de ligar fé e entretenimento. No XV Cenáculo da RCC, realizado no Vale dos Sinos<sup>117</sup> e no qual compareci com os/as jovens do Nascer, conhecemos uma empresa, ligada ao movimento, que promovia viagens para pontos turísticos religiosos. Entre as programações oferecidas estavam duas viagens, com diferentes datas, para a sede da Canção Nova na cidade de Cachoeira Paulista, no estado de São Paulo; além de uma viagem para prestigiar a chegada de Bento XVI, no mesmo estado, na cidade de Aparecida. Ao buscar mais detalhes, junto a empresa de turismo, fui informada de que não era necessário fazer parte de nenhum Grupo de Oração para participar. Pude observar, também, que os preços e as formas de pagamento eram mais acessíveis que os oferecidos por outras empresas, sendo que em alguns locais havia a possibilidade de usar barracas e reduzir, ainda mais, os custos. Assim, essas viagens parecem atrair pessoas que não são ligadas ao movimento, mas que buscam esta forma de turismo por se tornar mais barato.

A “nova linguagem” evangelizadora do catolicismo, que, conforme Souza (2005) marca a sua entrada mais “agressiva” no mercado religioso, ganhou impulso na década de noventa, depois de alguns compromissos e metas firmados pelo movimento em um documento intitulado como “Ofensiva Nacional”<sup>118</sup> e que visava reverter o quadro de perda de fiéis para as igrejas pentecostais. É nele que a Renovação assinala alguns objetivos e estratégias para a promoção do seu carisma. Dentre as suas metas estavam o crescimento no número de fiéis de, ao menos, 1% ao ano, a formação de um Grupo de Oração por Paróquia<sup>119</sup>, além de estar em 95% das dioceses no Brasil. Para alcançar os seus objetivos, a RCC traçou estratégias

---

<sup>117</sup> O evento citado ocorreu em São Leopoldo, no dia 17/06/2007.

<sup>118</sup> As estratégias sugeridas neste documento correspondem à formação teológica dos membros, aproximação com os padres, formação de coordenadores de grupos de oração e articulação de encontros de massa. Para maiores detalhes ver: “E sereis minhas testemunhas”: Ofensiva Nacional/Aparecida, SP: Editora Santuário, 1993 (Coleção Paulo Apóstolo).

<sup>119</sup> No Brasil existem aproximadamente 8.600 paróquias e a RCC está presente em 6.000 através dos grupos de oração segundo informações do Escritório nacional da RCC no Brasil. Dados de Fevereiro de 2000.

como o uso dos meios de comunicação<sup>120</sup>, a exemplo de outros segmentos religiosos.

Vale lembrar que, conforme Oro (1998), os pioneiros, no Brasil, a inaugurarem os programas televisivos religiosos foram os protestantes que alugavam espaços em algumas emissoras; já os evangélicos pentecostais se interessaram em comprar seus próprios veículos de informação, tornando-se um dos maiores utilizadores da telecomunicação religiosa. Enquanto os protestantes investiam na qualidade dos programas que apresentavam, os evangélicos apostaram na quantidade de divulgação e na audiência adquirida. Foi somente no final da década de oitenta e início da década de noventa que a igreja católica começou a investir em mídia.

Ainda, segundo Oro (ibidem), os investimentos religiosos em meios de comunicação social, no Brasil, iniciaram a partir de programas de rádio, já na década de quarenta; sendo somente na década de sessenta que tiveram início os programas de TV que, primeiramente, espelharam-se em programas religiosos americanos, mas sem, contudo, alcançar o sucesso que atingiam naquele país. Com o crescimento e a independência da produção nacional de televisão os diferentes seguimentos religiosos procuraram investir em programas que interessassem mais o público brasileiro. Como já assinalei antes, a RCC, atualmente, pode ser reconhecida como uma das maiores referências em termos de comunicação religiosa no país, pois mantém três canais de televisão, além de vários sites na Internet, editoras e rádios.

Com o crescente avanço tecnológico, as diversas religiões também têm investido nos serviços oferecidos pela Internet. A Renovação tem proporcionado uma variedade de possibilidades neste setor, entre elas, o acompanhamento da agenda de atividades proposta pelo movimento em âmbito regional ou nacional, como também o acesso a informações sobre os diferentes ministérios, além das salas de bate papo, venda de livros e outros objetos, sem esquecer dos cliques das

---

<sup>120</sup> No capítulo II “A Historicização do Catolicismo Carismático” niciei algumas reflexões acerca dos investimentos midiáticos feitos pelo movimento de renovação da igreja católica, os quais retomo no presente capítulo por acreditar na sua pertinência para refletir a popularização do movimento no nosso país.

bandas carismáticas mais conhecidas<sup>121</sup>. Souza (2005) afirma que, com o pluralismo religioso, a disputa pelos fiéis tem sido cada vez mais acirrada o que tem levado as diferentes religiões a investirem cada vez mais em *marketing* e propaganda. Souza (ibdem, p. 11) também argumenta que o movimento de renovação da igreja católica tem buscado unir tradição e inovação, podendo ser definido como uma forma de “conformação da igreja ao mercado religioso no Brasil.” Segundo o autor o uso das diversas mídias tem muita influência na propagação dos diversos segmentos religiosos, inclusive entre os jovens. Conforme ele a RCC tem se valido das estratégias de venda e propaganda a exemplo das concorrentes pentecostais, pioneiras no ramo, o que tem gerado um mercado religioso não só de música e imagens, mas de diferentes objetos de consumo. Desta forma, diversas religiões, entre elas a RCC, têm se beneficiado da maneira envolvente e sedutora que a mídia apresenta os seus discursos, dando visibilidade com o seu jogo de som e luz às imagens e aos significados que para ela são significativos.

Jane Felipe Neckel (2003, p. 64), afirma que “As representações sobre sexualidade, corpo e gênero, veiculadas em especial pela mídia, têm subjetivado não só adultos, homens e mulheres, mas também têm trabalhado minuciosamente para a formação das identidades infantis e juvenis nos nossos dias.” A mídia está estreitamente ligada ao jogo de produção de discursos e verdades, atingindo, com o seu poder de alcance e circulação, todas as camadas sociais, enredando os diferentes sujeitos aos significados que ela produz e tem o poder de veicular de forma reduplicada. Conforme Fischer (2002, p. 86):

[...] ela e suas práticas de produção e circulação de produtos culturais constituiriam uma espécie de reduplicação das visibilidades de nosso tempo. Da mesma forma, poderíamos dizer que a mídia se faz um espaço de reduplicação dos discursos, dos enunciados de uma época. Mais do que inventar ou produzir um discurso a mídia o reduplicaria, porém, a seu modo, na sua linguagem, na sua forma de tratar aquilo que deve ser visto ou ouvido.

---

<sup>121</sup>Para maiores informações ver os sites:

[http://www.portaldamusicacatolica.com.br/padre\\_zeca\\_1.asp](http://www.portaldamusicacatolica.com.br/padre_zeca_1.asp) <http://www.cancaonova.com>  
<http://www.anjosderesgate.com.br/> . Acesso feito em 25/07/2007.

Rosimeri da Silva e Rosângela Soares (2003, p.83), afirmam que os/as jovens da nossa época “cresceram imersos em uma cultura da mídia”. A mídia vem sendo apontada, muitas vezes, por professores/as, famílias, estudiosos/as da educação, igreja entre outros, como uma das grandes culpadas pelos problemas da juventude contemporânea, devido à forte influência que a mesma exerce sobre os/as jovens, e que, em alguns momentos, pode ser considerada negativa. O catolicismo vem se valendo dos recursos da mídia, que, muitas vezes, foram/são alvo das suas críticas, para atingir os/as jovens com os seus discursos. A RCC tem reconhecido e usado a seu favor a tecnologia contemporânea, “pegando emprestado” da mesma o seu caráter moderno e atual.

A convocação dos/das fiéis, e em especial da juventude, para fazerem parte da “nova evangelização”, também, pode ser percebida em folhetos, medalhas, camisetas e outros artefatos produzidos pela RCC. Em uma camiseta exposta para venda, no XV Cenáculo, este chamamento parecia bastante aparente. Na camiseta podiam-se ler os seguintes dizeres: “Exército de Cristo...” e nas costas “Aliste-se já”. A roupa se caracterizava pelo tecido camuflado, comumente usado pelos exércitos em batalhas, onde vestimentas deste tipo atuam como mais uma arma contra as tropas inimigas. A camuflagem torna mais difícil a percepção do soldado inimigo no território de combate o que facilita a sua ação sobre o oponente; o uniforme tem a finalidade de confundir o soldado com a vegetação, ou com as características naturais da região. Este tipo de roupa imitando o tecido camuflado tem sido muito comum entre os/as jovens, sendo considerado bastante moderno.

Talvez, este chamamento promovido pela RCC - e que tem como objetivo arregimentar a juventude para que a mesma se converta aos seus princípios morais e propague os seus ensinamentos - tenha ganhado uma nova roupagem a partir da “nova evangelização” pregada pela Renovação. Os antigos preceitos da moral e da ideologia católica têm sido renovados a partir de uma nova imagem. O velho vem sendo rejuvenescido com uma nova aparência. Esta nova aparência pode incluir uma nova forma de evangelizar pregada, muitas vezes, com o uso das diversas mídias, onde as antigas normas e leis que regem a instituição católica parecem ficar camufladas em meio à tecnologia. Este rejuvenescimento do velho também vem sendo ensinado e reafirmado através dos corpos jovens supostamente santificados pelo estilo de vida que levam, demonstrando que é possível conciliar uma vida santa



com uma imagem moderna, em meio a uma realidade social, muitas vezes, marcada pela violência, promiscuidade, drogas e miséria.

É no percurso que, muitas vezes, o velho ganha ares de novo. É na busca pela produção da identidade “normal” que os discursos hegemônicos são citados e reiterados de forma inovadora e moderna. Diferentes recursos são usados para constranger os corpos à norma, reafirmando e tornando atuais práticas e valores tradicionais. Conforme Judith Butler (2001), a força dos discursos normativos dependem da sua reiteração constante. Segundo ela, é através da repetição de uma dada norma que ela se torna atual, apagando os rastros que a trazem do passado. O ato performativo materializa o discurso que afirma, fazendo-o acontecer. Conforme Butler (2001, p. 169) “[...] a citação da lei é precisamente o mecanismo de sua produção e articulação.” Os textos da RCC indicam o caráter performativo dos seus discursos no momento em que tornam presentes as leis que regem o catolicismo. Desta forma, é possível pensar na Renovação como um dispositivo da igreja católica direcionado para a produção e reiteração das suas normas. Assim, ao mesmo tempo em que o movimento cita um antigo discurso católico, ele acaba participando e contribuindo para a sua reprodução e rearticulação no presente. Mas se é a partir da citação que as normas hegemônicas se consolidam, é, também, em meio ao processo de reiteração que se abrem as brechas, que os questionamentos acontecem e os pontos de resistência têm possibilidade de se articular e desestabilizar o que antes era tido como acabado. Com isto não estou afirmando que as resistências, ou os sujeitos e grupos que as representam, ocupem um lugar fora, aparte das normas as quais se opõem. Novamente, corroboro com as idéias de Butler (2001, p. 170), pois “Embora esse constrangimento constitutivo não impeça a possibilidade da agência, ele localiza, sim, a agência como uma prática reiterativa ou rearticulatória imanente ao poder e não como uma relação de oposição externa ao poder.”

Pode-se perceber um novo ânimo dado aos discursos católicos pela “Renovação Católica Carismática”. As reuniões e celebrações são caracterizadas por sentimentos acalorados, pela vibração e pelo ritmo empregado, através das canções e do movimento dos corpos. O corpo vem ganhando grande destaque dentro dos grupos carismáticos, é através dele que as coreografias são possíveis, dando vida às músicas; também é através do corpo que a fé “fala”, sendo

comprovada e demonstrada. O corpo carismático - e aqui, especialmente, o corpo do/da jovem carismático/a - parece encontrar-se em um movimento constante de testemunho da fé. É através das características corporais, dos gestos que emprega, dos discursos que verbaliza, da forma como se posiciona e se movimenta frente a outros corpos sociais, que este corpo busca comprovar as suas crenças, como também, converter outros/as jovens. Desta forma, procurei analisar, no presente trabalho, de que maneira(s) os discursos católicos investem, ou melhor, “vestem” os corpos dos/das seus/suas jovens fiéis imprimindo nos mesmos as suas marcas, materializando a fé e possibilitando, muitas vezes, a identificação e o reconhecimento deste corpo como um corpo marcado pela doutrina católica carismática. É importante lembrar que o corpo, muitas vezes descrito como o local seguro onde reside, intocada, a essência de cada um, também é construído em meio ao incerto e ao contingente. O corpo escapa da “essência” - que lhe é dada culturalmente - ao buscar outras maneiras de experimentar a vida e os relacionamentos. Assim, é possível afirmar que nem mesmo no corpo ancora-se a verdade de cada um. Talvez, seja porque não existe a verdade final do corpo, mas verdades múltiplas, transitórias e não-acabadas.

Penso que não existe um jeito *a priori* de ser jovem ou de viver a juventude. Procurei demarcar, neste capítulo, que percebo jovem e juventude muito mais como posições construídas - e aprendidas, dentro das condições e possibilidades específicas de um dado tempo e cultura histórica - do que como características fixas e de cunho biológico. Deste modo, não entendo o ser jovem ou a juventude como formas acabadas e fixadas de vida, mas sim como um processo incompleto, adiado, aberto e em constante devir. A juventude não é uma essência e sim mais uma construção datada da modernidade, como tantas outras que, hoje, se encontram essencializadas como obras da natureza.

#### IV- O GRUPO NASCER ENSINA O “TOM” DO MASCULINO E DO FEMININO

##### 1- A voz “natural” de cada gênero

*Eu não entendo muito de música, destas coisas de ritmo e tom... O que eu sei é o que eu aprendi aqui. Mas eu acho que cada um tem que cuidar a sua vez de entrar. Os rapazes têm que marcar a entrada com força, sabe... Com a voz forte, a voz dos guris é mais forte [demonstra cantando com a voz mais grossa e batendo com os pés, como se estivesse marchando]. As gurias tem que entrar com voz mais suave, voz de menina mesmo, essa voz linda que vocês têm. É aquela coisa assim... [faz uma expressão engraçada, imitando uma voz mais fina]. (Diário de Campo do dia 11/11/2006)<sup>122</sup>*

A fala e as expressões de Ruivo, reproduzidas acima, foram acompanhadas de um riso geral. Na segunda vez, naquele tarde, que a música “Sonda-me” foi cantada, podia-se, facilmente, reconhecer as vozes dos meninos e das meninas; diferente da primeira vez, onde as vozes de ambos pareciam misturar-se. A deles, a partir da orientação e do estímulo do coordenador, foi marcada pela “força natural” da voz masculina e a delas pela suavidade e beleza que, supostamente, caracterizam a voz feminina. Depois desta reunião do Grupo Nascer, me deparei com uma forte pista dos motivos que me impediram, tantas vezes, de cantar durante as celebrações na escola católica em que fiz o curso de magistério: Eu, com certeza, não possuía o que poderia ser considerado, nos moldes descritos por Ruivo, como uma voz “naturalmente” suave e linda, de “menina mesmo”. Não entendo nada de música, como o coordenador, mas pude perceber o quanto os/as jovens precisavam se empenhar para produzirem a voz “natural” correspondente, conforme ele, a cada gênero.

Penso que, talvez, os significados contidos nas suas palavras, nos seus gestos e expressões não estivessem restritos a ensinar apenas sobre música. Acredito que falavam de coisas mais amplas, de maneiras de se comportar, de jeitos de ser e viver, de formas diferentes de ocupar o espaço na sociedade, no mundo. Ruivo falava de como ser homem e mulher, de como viver de acordo com algumas

---

<sup>122</sup> Fala proferida por Ruivo no ensaio do Grupo Nascer, dia 11/11/2006.

regras sociais inventadas a partir da anatomia corporal que define um corpo como feminino ou masculino. Ele referia características físicas, as quais nos apegamos, muitas vezes, para definir e explicar as diferenças psicológicas, emocionais, fisiológicas, e tantas outras, tidas como “naturalmente” correspondentes a cada gênero. Ele falava das posições assumidas e das diferenças construídas e essencializadas a partir de binarismos como masculino/feminino.

Segundo a perspectiva essencialista, o sexo é tido como uma categoria fixa, imutável, determinando o gênero binariamente e direcionando o desejo sexual, tido como normal, para o sexo oposto. Jeffrey Weeks (2001, p. 43), nos leva a refletir sobre o essencialismo “[...] que tenta explicar as propriedades de um todo complexo por referência a uma suposta verdade ou essência interior”. A sexualidade seria, a partir desta perspectiva, inata, ou seja, própria da essência de cada um/a, com características universais que independem da cultura ou época histórica. Nesta ótica, a heterossexualidade acaba por ser vista como a única forma “natural” de viver a sexualidade. As possibilidades que fogem ou escapam da forma “normal” são marginalizadas, estereotipadas, segregadas e tidas como não naturais. O construcionismo social contrapõe-se ao essencialismo ao acreditar que tanto o gênero, o sexo, o corpo e a sexualidade são construções sociais elaboradas dentro da história e da cultura e não fora delas.

O sexo, quando tido como uma superfície fixa, natural e acabada, mantém-se fora da cultura e da história. Mas de que forma conseguimos chegar ao sexo, senão pela linguagem? E não é ela própria, a linguagem, uma construção social? Butler (2001, p. 153), afirma que o sexo faz parte de uma prática regulatória que “produz os corpos que governa”. É através das relações sociais que diferentes significados são atribuídos ao sexo. A “lei do sexo”<sup>123</sup> é materializada por diferentes instâncias sociais – mídia, família, religião e escola, entre outros – através da reiteração constante dos sentidos atribuídos a cada sexo. Conforme Butler a “lei do sexo” é tornada presente, na nossa cultura, através da sua constante citacionalidade.<sup>124</sup>

---

<sup>123</sup> Butler, 2001.

<sup>124</sup> Conforme Butler (2001), a “lei do sexo” precede o sujeito, funcionando como uma repetição de algo anterior. Desde o nascimento somos convocadas/os a “assumir” um gênero e sexualidade condizente com a nossa anatomia corporal. É através da citação repetitiva que a norma se materializa nos corpos, já que a identidade não se encontra acabada ou fixada; ela tem que ser refeita a todo o momento. A inscrição do gênero e da sexualidade “normal” não acontece somente

Essas diferenças e hierarquizações sociais baseadas no sexo têm atraído o interesse de muitos/as estudiosos, constituindo um campo de pesquisa reconhecido como “Estudos de Gênero”. Foi a partir dos investimentos de algumas feministas interessadas em problematizar as relações entre homens e mulheres e a organização generificada da nossa sociedade que o conceito de gênero tornou-se recorrente como uma importante “ferramenta teórica”, usada em trabalhos e pesquisas vinculados a diversas áreas do conhecimento. Conforme Guacira Louro (1995), estudiosa comprometida com os estudos de gênero e sexualidade, o texto de Joan Scott – “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” (1995) – contribuiu para a intensificação dos estudos e reflexões que recorrem ao uso do conceito de gênero e também a sua conceptualização. Scott (1995, p. 75), afirma que “[...] gênero é uma forma de indicar ‘posições culturais’[...]”, ou seja, gênero é “[...] a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e as mulheres.” É a partir dos sentidos atribuídos ao sexo que os sujeitos são construídos – como aponta Louro (1995, p. 103) - em um “processo não dado e acabado no momento do nascimento”, mas marcado pelos investimentos de “práticas sociais masculinizantes e feminizantes”, segundo a concepção do que é apropriado, em uma sociedade específica, para cada gênero. Gênero, desta forma, é a construção cultural dos sentidos atribuídos ao feminino e ao masculino. Com o seu texto, Scott (1995) rompe com o caráter essencialista e ahistórico das diferenças entre os gêneros e analisa como as hierarquizações sociais são construídas a partir dessas diferenças. A autora ainda aponta a estratégia de desconstrução de Jacques Derrida como uma forma de analisar a maneira como operam as oposições binárias, em um dado contexto, procurando deslocar e reverter a sua construção hierarquizada, ao invés de aceitá-las como parte da natureza das coisas.

Em suas reflexões sobre o trabalho de Scott, Guacira Louro (1995) alerta para o fato de a autora apontar para a necessidade dos estudos feministas romperem com a forma dicotomizada de pensar e agir. Ainda, segundo Louro (ibidem) é através da desconstrução Derrideana, sugerida por Scott, que se abre a possibilidade, de perceber os pólos feminino e masculino como categorias vazias e ao mesmo tempo transbordantes. Vazias porque não podem ser preenchidas ou alcançadas totalmente pelos sujeitos e transbordantes porque existem muitas

---

uma vez, a “assunção” do sexo “normal” depende da citação da norma heterossexual que se reproduz ao ser reiterada.

formas de ser homem e mulher, ou de exercer a masculinidade e a feminilidade. Assim, as teorizações que restringem as suas análises a formas essencializadas de conceber o gênero e as relações entre homens e mulheres acabam por reforçar as práticas que desejam subverter. Louro (1995, p. 117), argumenta que:

[...] se pode pensar, a partir do incitamento de Scott à desconstrução, que esse instrumento permitiria desmontar um ponto basicamente intocável na organização e percepção das sociedades, ou seja, a oposição homem/mulher. Essa oposição (com sua implicação de hierarquização entre os termos) tem determinado os arranjos sociais de inúmeras sociedades, de tal modo que acabou por ser pensada como universal e até mesmo trans-histórica. Mas ainda, o que quero aqui salientar é que não apenas diferentes sociedades operam com a oposição binária do masculino/feminino, como também que nós, historiadoras/es, pensamos e teorizamos dentro desse mesmo esquema; assim fazendo nossos estudos são, na maior parte das vezes, uma confirmação da oposição.

Conforme Louro (ibidem), Joan Scott busca romper com as formas dicotômicas de pensar o gênero, presentes em muitos trabalhos feministas, que buscaram denunciar ora o submetimento das mulheres, ora a sua superioridade sobre os homens. Estes últimos, de certo modo, produziram uma espécie de inversão dos pólos. Butler (2001) argumenta que a compreensão do sexo como uma superfície passiva, fora da cultura e das relações sociais oculta a história, ou o terreno de contestações no qual o seu conceito foi/é formulado. Assim, é possível afirmar que nem mesmo o sexo escapa da cultura, já que os seus significados só adquirem valor no social através da sua construção ou suas formas de representação. Butler (2001, p. 159) afirma que o “sexo pré-discursivo é uma falsidade”. Desta forma, o sexo tido, como a base natural a partir da qual se dá a construção do gênero é, para ela, uma ficção. Vale lembrar, que não é meu objetivo negar as diferenças materiais entre homens e mulheres, mas sim problematizar os sentidos construídos em torno destas diferenças.

A “assunção”<sup>125</sup> do sexo pelo sujeito, conforme Butler (ibidem), é, desde o início, constrangida através da norma regulatória da heterossexualidade - onde um determinado sexo aponta para a constituição de um gênero específico que,

---

<sup>125</sup> Butler, 2001.

supostamente, define a sexualidade do sujeito direcionando o seu desejo para alguém do sexo oposto. As leis do sexo são reproduzidas e reiteradas através da citação constante das suas normas, uma vez que o que permite a sua rearticulação e consolidação no tempo presente é, justamente, a repetição da sua regra. Mas se é durante a reiteração que a lei do sexo se materializa, é, também, durante o movimento da sua repetição que acontecem as fissuras e a norma pode ser questionada, possibilitando o rompimento do que antes era tido como acabado. É no percurso que ocorre a possibilidade do sujeito se identificar com a lei regulatória do sexo, é, também, durante o movimento da sua repetição que ocorrem as “quebras” e as “desidentificações”<sup>126</sup> que permitem outras formas de conceber e pensar.

Acredito que minha posição, frente à naturalização de alguns sentidos atribuídos ao corpo e seus prazeres, já tenha ficado marcada com as colocações que fiz. Pretendo, a partir das análises aqui sugeridas, romper, igualmente, com o caráter essencialista pelo qual, muitas vezes, percebemos certos discursos na nossa sociedade, especialmente os que envolvem o corpo, o gênero e a sexualidade. A reiteração das normas regulatórias pode acontecer através de uma afirmação, como a que foi feita por Ruivo: “a voz dos guris é mais forte”. Ao demarcar a voz dos meninos como espontaneamente mais forte, Ruivo reforça alguns discursos que afirmam a “natureza” masculina como mais intensa e forte, ocultando todo o esforço e empenho, muitas vezes, necessário para denotar esta característica. Também os gestos empregados durante a sua demonstração, de como deveria ser uma voz masculina, pareciam carregados de força e rigidez; a batida cadenciada dos seus pés lembrava os soldados em marcha, prontos para a batalha. Ao se referir à voz feminina, os adjetivos usados giraram em torno da suavidade e beleza, tidos, quase sempre, como componentes naturais da identidade feminina. Quando demonstrou a voz feminina através de uma expressão cômica, o coordenador, talvez tenha proposto ao grupo uma representação de feminilidade “colada” a coisas leves, divertidas e engraçadas; diferente da representação do masculino que foi referida ao lado de um gesto que denotava força e seriedade, podendo ser facilmente vinculado à guerra e a conquista. Masculino e feminino ocupam, aqui, pólos opostos. Um é percebido/demonstrado através da sua força e seriedade, enquanto o outro parece ocupar o terreno das coisas belas e divertidas.

---

<sup>126</sup> Butler, 2001.

As orientações do coordenador ainda pareciam sugerir a necessidade de “libertação” da voz e do suposto jeito natural de cantar. É possível perceber na sua fala uma sugestão de que bastava permitir que a voz de “menina mesmo” apareceria. O mesmo aconteceria em relação a força – ela também iria surgir “naturalmente”, pois é tida como característica essencial da voz masculina. Assim, foi possível notar uma certa indicação de que tanto as meninas como os meninos não estavam permitindo que a sua voz ou o seu jeito natural de cantar se revelasse; era como se ela, a “voz natural de cada gênero”, estivesse escondida, encoberta, necessitando de alguém que a redescobrisse e a trouxesse novamente para a vida.

O aparente interesse católico em despertar a “verdadeira essência” de cada gênero também pode ser percebido na mensagem de Raniero Cantalamessa, responsável pela homilia da última Sexta-Feira Santa, realizada no Vaticano<sup>127</sup>. O padre franciscano dirigiu a sua fala para as mulheres, fazendo um apelo. Cantalamessa aconselhou a elas para que “deixassem de agir como se fossem homens em busca de espaço na sociedade.” Conforme o padre, as mulheres devem “deixar de tentar apagar as diferenças entre os sexos.” O sacerdote também pediu para que a humanidade apóie o que ele nomeou como “era das mulheres”, definida como uma “era de coração e mais amor”. O clérigo ainda lembrou que nenhuma mulher estava envolvida na morte e crucificação de Jesus, apenas homens; o que, segundo ele, aponta para a natureza “mais piedosa” das mulheres. Cantalamessa ainda definiu as mulheres bíblicas, entre elas Maria, como “mães coragem” e “verdadeiras assimiladoras do evangelho.” O padre apontou as experiências do cotidiano feminino, ligadas ao cuidado materno, como comprovações de que a mulher pode contribuir para salvar a sociedade de alguns males que a ameaçam, como a violência e o desejo de poder.

Na sua fala, o sacerdote sugere os sentimentos brandos, entre eles a piedade e o amor, como parte da essência das mulheres. Estes sentimentos aparecem atrelados à missão feminina como contribuinte em potencial para a salvação da sociedade, proposta através do cultivo da sua presumida “natureza” desapegada de questões que envolvem o poder e a violência. A coragem - uma qualidade, muitas vezes, colada ao masculino – aparece vinculada a maternagem, o

---

<sup>127</sup> Matéria no site [http://adadigital.net/index.php?option=com\\_content&task=view&id=94&Itemid=2](http://adadigital.net/index.php?option=com_content&task=view&id=94&Itemid=2). Acessado em 12/06/2007.



que, talvez, suponha que a coragem feminina deve estar a serviço da família e dos filhos. Aos homens é prevista a competência de “abrir espaço” na sociedade e tomar grandes decisões, inclusive, como citou o sacerdote, em tempos mais remotos, a morte e crucificação de Cristo. Apesar do fato ser condenado pela igreja, ele parece ocupar, aqui, um lugar de “grande feito masculino”; a não participação das mulheres, supostamente, indica a sua falta de habilidade “natural” em participar e atuar, significativamente, nos acontecimentos e fatos grandiosos que envolveram/envolvem a sociedade, ainda que negativos.

A fala do frei Cantalamessa reafirma alguns discursos correntes na nossa sociedade e que indicam a “natureza” feminina como conduzida ou guiada pelas questões do “coração”, enquanto a suposta “natureza” masculina é movida pela ordem da razão. Os discursos essencialistas sobre a verdadeira natureza de cada gênero esquecem ou deixam de fora as condições em que suas afirmativas são estabelecidas. Se para as mulheres o lar se constituiu, e por vezes ainda se constitui, no seu lugar de atuação, como elas poderiam demonstrar afinidade ou aptidão para atuar fora deste espaço? O mesmo pode-se afirmar da experiência masculina construída no encargo do espaço público. Quais as possibilidades que eles teriam para demonstrar habilidades com o cuidado dos filhos e as tarefas domésticas, dentro destas condições?

O religioso afirmou que as mulheres têm buscado apagar as diferenças entre os sexos, agindo como homens em busca de espaço na sociedade. É possível perceber, na sua fala, um certo apelo para que as mulheres voltem a ocupar o seu “ambiente natural”, ou seja, o espaço privado do lar e o desempenho das funções tidas, muitas vezes, como parte da “essência” feminina. Parece evidente a conclamação feita, pelo padre Raniero Cantalamessa, para que os gêneros masculino e feminino ocupem a sua “geografia natural”, ou seja, conforme a homilia realizada na Sexta – Feira da Paixão, ao homem é indicado o desempenho de funções no espaço público e a mulher no espaço privado da casa e da família.

O padre Dez<sup>128</sup>, que acompanhou os/as jovens do Nascer ao retiro espiritual organizado pelo grupo a Santa Maria do Herval,<sup>129</sup> também fez referências a uma

---

<sup>128</sup> Os/As jovens do grupo Nascer se referem a este padre como “dez”. Uma pessoa “dez” pode ser reconhecida como “legal”, bacana e divertida, entre outros adjetivos.

<sup>129</sup> O retiro, vale lembrar, aconteceu nos dias 2 e 3 de dezembro de 2006, em uma chácara na cidade referida.

suposta natureza feminina que, conforme ele, pode ser observada, em algumas situações, na face de Deus:

*Deus pode ser visto como uma figura andrógena... Isso porque ele apresenta características tanto do masculino como do feminino. Ele deu o sangue do seu filho por nós, pra salvar a humanidade. Então, no momento da comunhão a gente se torna parte do sangue e da carne de Cristo. É sangue do sangue e carne da carne... O amor de Deus é um amor de mãe, que vem de dentro... Um amor profundo, uterino.*<sup>130</sup>

O amor de mãe, muitas vezes, é considerado e idealizado, entre outros sentimentos, como o mais intenso, abnegado e puro. O padre Dez reforça este ideal de amor como parte da essência feminina quando se refere ao amor de Deus como um amor “profundo” de mãe. A face materna de Deus, ainda é apresentada, em outra fala do padre Dez, com as marcas da doação e do sofrimento, conforme ele: “Nós possuímos um Deus infinito, de diversas faces... A sua face de mãe o faz sofrer junto com o povo, o faz solidário com a miséria [...]”<sup>131</sup> A partir da fala do sacerdote, é possível supor um certo compromisso desta “face materna de Deus” em se fazer sofredora e solidária com as dificuldades alheias; desta forma, a fala do padre parece vincular ou supor que a maternagem está pré-disposta à dor e ao sofrimento.

No livro, “Jovens em Renovação: Espiritualidade, Afetividade e Sexualidade”, escrito pelo Pe Alírio Pedrini e direcionado para os/as jovens da Renovação Católica Carismática, a referência a um suposto caráter “natural” de cada gênero também aparece de forma bastante acentuada. Na sua fala aos jovens em renovação o sacerdote afirma que:

Sua sexualidade masculina não é apenas diferente da feminina na parte física. Você é todo diferente do feminino. Também no seu psiquismo sexual, no seu emocional sexual e no seu espiritual sexual. Você é todo masculino. A mulher é toda feminina. A não ser que haja alguma anormalidade congênita, o que seria, evidentemente, uma exceção. (2004, p. 92)

<sup>130</sup> Fala proferida pelo padre Dez no dia 02/12/2006, por ocasião do retiro a Santa Maria do Herval.

<sup>131</sup> Ibidem nota anterior.

Em seu texto, o sacerdote reafirma a “natureza” binária do gênero, onde o sujeito é apontado, e também a sua dimensão espiritual, como “toda” masculina ou feminina. Desta forma, aqueles corpos considerados ambíguos, por carregarem as características tanto do masculino como do feminino, ultrapassam os limites do natural e do pensável, são, como diz o padre, exceção.

Ao se referir ao gênero feminino, Pe Pedrini (2004) menciona a suposta incompletude da mulher que necessitaria do homem para se tornar um ser inteiro e acabado. Conforme ele (ibidem, p. 103): “Como feminina você é totalmente diferente do masculino. Com o masculino, forma a unidade, o completo. Como mulher, você é incompleta. Para completá-la precisa da outra metade: o homem.” O gênero feminino, aqui, se apresenta como aquele que está em falta, pela metade, incompleto. O feminino, conforme o texto de padre Alírio, é aquele que necessita do outro gênero, no caso o masculino, para se tornar perfeito e acabado. Quando se refere ao masculino o sacerdote não menciona a suposta necessidade ou dependência deste gênero para com o feminino na busca da completude. O texto do clérigo indica que a falta só faz parte da natureza feminina que necessitaria do masculino para se tornar inteira.

O religioso também faz alusões acerca de um “jeito feminino” de olhar o mundo. Conforme ele “Suas reações espontâneas são femininas. Sua visão sobre todas as coisas reflete o seu feminino.” (2004, p. 103). Talvez, aqui, ele estivesse se referindo para um jeito mais “sentimental” de ver o mundo, já que em um texto anterior havia afirmado as jovens que: “Jovem feminina, você também tem seu modo próprio de sentir, de agir e de reagir, completamente diferente do jovem masculino. [...] O feminino é mais coração, afeto e emocionalidade.”(2004, p. 84-85). Mais uma vez, talvez seja possível perceber a aproximação com certos discursos que definem o feminino como “naturalmente” voltado para os sentimentos e a emoção, e o masculino para a razão. Aparentemente, a fala de padre Alírio, aponta para uma certa impossibilidade das mulheres verem o mundo de forma mais coerente e desprendida de sentimentos, já que elas são percebidas como naturalmente inclinadas para a emocionalidade, em oposição aos homens. O padre não faz referências, em seus textos, para “um jeito de ver o mundo que reflete o masculino”, como fez ao referir-se ao feminino. Talvez porque o masculino não seja percebido

como “mais um jeito de ver o mundo” e sim como “o jeito” – universal? ou real? - de ver o mundo.

Ao se referir para as questões de gênero e sexualidade, padre Alírio Pedrini, demonstra um certo ímpeto em auxiliar e orientar os/as jovens na compreensão das reações “naturais” esperadas de cada gênero. Ao se referir às mulheres o sacerdote argumenta que “É importante que você se conheça como feminina, no seu todo; também no seu psíquico e emocional femininos. Saiba como você age e reage como mulher.” (2004, p. 103). Ao mencionar o gênero masculino o clérigo afirma que “É importante que você se conheça como ‘todo masculino’ para poder entender a mulher, ‘toda feminina’.” (2004, p. 92.) Ao prever as ações e reações normais prescritivas de cada gênero, o sacerdote coloca no lugar de “anormal” todos/todas aqueles que fogem ou escapam do que é percebido como o “todo” masculino e feminino. O “todo”, sugerido nos seus textos, indica um caráter restritivo de vida e relacionamento ao propor formas idênticas de atuação e reação dentro de cada gênero. Homens e mulheres, aqui, são indicados como pólos opostos de características próprias e essencializadas, que ao não se identificarem com os atributos do seu gênero podem ser colocados em uma posição marginal.

Padre Alírio, parece buscar, na biologia e psicologia, um certo reforço para os seus discursos na determinação deste “todo feminino e masculino”. O caráter mais “científico” do texto vai se acentuando, no decorrer do mesmo, através do uso de alguns termos e da recorrência a determinados discursos que se identificam com estas áreas do conhecimento; o que é possível identificar no seguinte trecho:

Os seus testículos, jovem, são os responsáveis pela produção de hormônios sexuais, do esperma e espermatozóides.[...] Uma parte de seus hormônios são levados para a corrente sanguínea e, por ela, para todo o seu corpo, para lhe dar e conservar a sua forma masculina: seu jeito de homem, sua barba, cabelo, rosto, braços, voz, força, coragem, etc... A falta de hormônios masculinos gera problemas na formação do masculino e pode tornar o homem efeminado. (2004, p. 92)

Desta forma, o discurso religioso busca amparo, em alguns momentos, no campo da ciência, fortalecendo-se através do selo do conhecimento tido como comprovado. Aqui, até mesmo o suposto “jeito de homem” – proposto como um indicativo das gestualidades, expressões e trejeitos - parece ser de responsabilidade

dos hormônios, ou seja, aquele que não possui as características previstas e que o definam com “um jeito de homem normal e apropriado” pode ser explicado a partir dos distúrbios hormonais e ser colocado no lugar do patológico ou anormal. Os discursos essencialistas deixam de fora as inúmeras experiências e investimentos do cotidiano envolvidos na construção deste suposto “jeito de homem ou mulher normal”. Vale a pena repetir que somos atravessados/as, capturados/as, enredados/as por muitos outros discursos em nossas vidas, como também por muitos outros marcadores sociais, além do sexo ou do gênero. Somos sujeitos de diferentes raças, religiões, classes sociais, etnias que não se encontram prontas, acabadas, mas em constante devir. Ao contrário do que sugere a fala de padre Alírio não há um único modo de ser masculino ou feminino. Todos esses atravessamentos, todas as experiências e histórias de vida certamente produzirão inúmeras formas de ser e de viver os gêneros.

Durante o retiro do Nascer a Santa Maria do Herval, padre Dez também buscou o apoio da ciência, em certos momentos, para reforçar a sua fala, parecendo fácil apontar, em várias situações, a sua aproximação com alguns discursos relacionados à psicologia. O tema usado para as reflexões e debates, durante o retiro, girava em torno dos sonhos, conforme a fala do sacerdote:

*O tema proposto pra gente pensar aqui, hoje é o sonho. Nós estamos fazendo este retiro pra ter a oportunidade de pensar e olhar pra dentro de nós. É o momento de olhar pros nossos sonhos... Mas olhar como cristãos católicos... [...] Freud já falava dos sonhos... Alguém sabe quem foi ele? Quem já ouviu falar de Freud?*<sup>132</sup>

O grupo ficou em silêncio por alguns momentos e o padre continuou: “*A Mariana que é uma moça séria, estudiosa de certo sabe alguma coisa dele?*” Mariana, uma das coordenadoras do retiro, respondeu: “*Freud, até onde eu sei, foi o pai da psicanálise... Ele fez estudos sobre os sonhos, e também sobre a sexualidade humana e o complexo de Édipo... Eu não li muita coisa sobre ele, então não posso falar muito [...].*”<sup>133</sup>

<sup>132</sup> Fala proferida pelo padre Dez no dia 02/12/2006, por ocasião do retiro a Santa Maria do Herval.

<sup>133</sup> Fala proferida pela jovem Mariana no dia 02/12/2006, por ocasião do retiro a Santa Maria do Herval.

Padre Dez retoma a palavra e afirma:

*É isso mesmo, Freud foi quem deu o ‘chute inicial’ na psicanálise, todo estudante de psicologia sabe quem ele é... Então, como eu disse Freud já falava dos sonhos, do consciente e do inconsciente também. O inconsciente é, numa linguagem mais fácil, pra gente poder entender melhor, o lugar secreto onde a gente guarda as bugigangas. [...] quando a gente convive com as pessoas, a família, os amigos tu vai revelando quem tu é aos poucos... Aí, as pessoas vão te conhecendo, sabendo como tu pode reagir frente às situações, os acontecimentos... As pessoas acabam descobrindo mais da gente que a gente... Então, dá pra gente dizer que todos nós somos meio cornos [...].<sup>134</sup>*

O grupo acompanha o comentário com uma risada geral. O sacerdote continua:

*É, eu acho que todo mundo aqui é corno, sabem porque? Porque os outros sabem mais da gente do que a gente mesmo... Mas nesse dia a dia tem coisa que a gente não pode fazer porque na sociedade têm leis, tem ética, têm valores morais. E se tu não cumpre com as leis tu pode até ir preso. E aí, o que acontece? Tu guarda tudo no lugar das bugigangas: no subconsciente. E de noite a gente coloca tudo pra fora, pelo alçapão dos sonhos que é onde a gente descarrega todas as tensões do dia, nossos desejos, o nosso ‘animal’. Muitas vezes a igreja vê só o espírito, mas tudo faz parte da natureza humana, do lado animal... E daí vem à diferença entre as pessoas... Porque só quem se relaciona com Deus, com o sagrado sabe lidar com isso, com o certo e o errado [...]. Então, no sonho a gente pode fazer até bacanal, orgia... Mas isso acontece porque tu sonha com aquilo que tu vê no dia a dia. Então, se tu vê na TV, nas revistas um monte de sacanagem, de mulher pelada, tu vai sonhar com aquilo... Agora se tu busca o sonho coletivo, o sonho divino no teu dia a dia, se tu reza de verdade antes de dormir, então tu sonha com Deus. Gente! É no sonho que Deus fala com nós, isto está na bíblia! [...] Deus quer que a gente sonhe com ele. Mas a gente tem que permitir que os sonhos de Deus façam parte dos nossos sonhos [...].<sup>135</sup>*

<sup>134</sup> Declaração feita por padre Dez no dia 02/12/2006, por ocasião do retiro a Santa Maria do Herval.

<sup>135</sup> Fala proferida por padre Dez no dia 02/12/2006, por ocasião do retiro a Santa Maria do Herval.

É fácil perceber o apoio buscado na psicologia para o fortalecimento das argumentações do padre Dez na comprovação de que os sonhos fazem parte da natureza humana, assim como os desejos. Conforme ele, somente aqueles/as que se relacionam com Deus e o sagrado têm condições de lidar e controlar o seu suposto lado “animal”. Aqui, ciência e religião se unem para auxiliar o indivíduo a conhecer melhor a sua “natureza”, os seus impulsos e anseios e, então, poder exercer um maior controle sobre eles. É possível perceber, na sua fala, a supremacia da ciência e da religião sobre o natural e o animal; é como se fora deste autocontrole, supostamente alcançado através da fé carismática, habitasse algo como o mais selvagem ou o menos humano. Alguns instintos e desejos foram apontados, pelo padre Dez, como parte de um lado da natureza humana mais afastada da razão, apesar destes instintos serem propostos como comuns e naturais a toda a espécie, eles precisam, nesta perspectiva, ser controlados ou superados para que os sentimentos e desejos, tidos como superiores, ocupem o lugar daqueles considerados selvagens.

No fim de semana em que acompanhei os/as jovens do grupo ao retiro a Santa Maria do Herval, foi possível observar mais algumas situações que podem ser instigantes para continuar refletindo sobre as relações de gênero e o caráter acabado e natural do feminino e do masculino, reafirmados pela Renovação e pelo catolicismo de forma mais ampla. Durante a organização do retiro de dois dias, duas meninas tomaram para si o compromisso de organizar e coordenar o evento, ocupando, naquele fim de semana, uma certa liderança. A atitude das meninas pode ser considerada incomum, já que, durante os encontros e reuniões elas não atuavam na coordenação das atividades, apesar de demonstrarem uma atitude participativa, quando compareciam. Foram elas que elaboraram os convites e a lista de mantimentos, que calcularam o valor a ser cobrado de cada jovem e contrataram o ônibus, também foram elas que mobilizaram os/as jovens para que os/as mesmos participassem da atividade. As meninas, inclusive, fizeram o convite para o padre Dez palestrar e rezar a missa durante o evento, além de conseguirem voluntários para as atividades de entrosamento, recreação, preparo das refeições e limpeza do local. Conforme a fala de uma delas:

*Parece mentira que deu tudo certo, eu andava afastada do grupo e, assim... É que parece que eu voltei com essa missão, sabe? De organizar o retiro... Nossa aconteceu tanta coisa, tanto problema pra resolver, mas no fim deu tudo certo. [...] E eu e a Mariana que organizamos tudo sozinhas... Foi legal a gente assumir que queria fazer... Porque só assim a gente viu que também é capaz de fazer as coisas.*<sup>136</sup>

Dois rapazes desempenhavam a coordenação do Nascer, as meninas terem assumido “tudo sozinhas” parece ter sido considerado algo inédito, já que naquele espaço os rapazes exerciam a liderança de forma mais ativa. Foram elas que estabeleceram o trajeto do retiro, que conseguiram a chácara e a casa emprestadas, que organizaram o roteiro das atividades e distribuíram as tarefas na chegada do grupo. Foram elas as responsáveis em guiar o grupo para um afastamento da vida cotidiana, para um retiro cujo objetivo era “cuidar do Espírito”.

Estas meninas ocupavam um lugar considerado no Nascer, a atenção e o respeito dedicados durante as suas falas e orientações eram bastante recorrentes; até mesmo as brincadeiras dirigidas as duas jovens se propunham de forma mais “respeitosa”. Talvez o cuidado e o respeito dispensados as meninas se relacionasse com a forma pela qual o grupo as reconhecia e, também, o padre Dez. O sacerdote, quando se referiu a uma das jovens, definiu-a como “*uma moça séria*”<sup>137</sup>. Penso que é importante refletir sobre os significados que esta expressão ainda carrega nos dias de hoje. Quais as idéias, as atitudes e o comportamento que podem determinar ou distinguir “uma moça séria” de outra “não séria” ou “menos séria”? No dicionário a palavra “séria” vem colada a adjetivos como: ajuizada, ponderada, controlada e respeitosa<sup>138</sup>. O que indica que o seu oposto, ou seja uma “moça não séria” poderia ser definida como descontrolada, impulsiva, emotiva, desajuizado e desrespeitosa. Desta forma, ao mesmo tempo em que as mulheres são definidas como naturalmente mais emotivas, impulsivas e menos ponderadas que os homens, a sua “ascensão” a alguns atributos tidos como mais masculinos é valorizada; entre eles, o controle sobre os sentimentos e a seriedade, sem, contudo, comprometer a suposta natureza feminina da mulher. É possível presumir que há um lugar pré-estabelecido, um espaço que deve ser ocupado pelo feminino. Este espaço se propõe entre o

<sup>136</sup> Fala proferida pela jovem Ana no dia 03/12/2006, por ocasião do retiro a Santa Maria do Herval.

<sup>137</sup> Afirmação feita pelo padre Dez no dia 02/12/2006.

<sup>138</sup> Conforme dicionário Aurélio.



controle e o descontrole, entre o sentimento e a razão, entre o ponderado e o impulsivo. Talvez as jovens coordenadoras do retiro se aproximem, em certa medida, deste ideal de “moça” proposto pela RCC, ou seja, deste jeito de ser que aponta os limites até onde as jovens podem chegar e ainda serem consideradas “moças de bem, direitas e sérias”.

Quando chegamos na chácara em que o retiro aconteceria, um jovem casal já estava lá, nos esperando. A grama estava aparada e a casa muito limpa. Minha colega de trabalho havia sido convidada para fazer as atividades de integração com o grupo, ela era professora de catequese na igreja onde o grupo se reúne. Foi ela quem elogiou a organização e a limpeza do lugar, a jovem, nora dos proprietários do local, agradeceu os elogios e comentou: *“Eu e o Cris estamos aqui desde ontem limpando e arrumando tudo. Ele cortou a grama e ajeitou o pátio, agora que os guris chegaram eles podem ajudar ele a arrumar a lona lá fora e as gurias podem ajudar a arrumar os quartos e o altar [...]”*<sup>139</sup> Neste momento as meninas, coordenadoras do retiro, separaram o grupo dizendo: *“Os guris podem ajudar a carregar as coisas do ônibus e depois vão lá fora, com os homens, colocar a lona... Daí a gente pode arrumar as coisas aqui dentro em paz.”*<sup>140</sup> As tarefas foram divididas: os homens lá fora e as mulheres dentro de casa, tudo parecia estar no “lugar” certo. Enquanto os homens armavam a lona de proteção contra as intempéries as mulheres improvisavam “em paz” o altar com uma caixa de frutas, uma toalha de renda e as flores colhidas no jardim da chácara e colocadas no vaso, ao lado da imagem da Nossa Senhora Aparecida.

A fala da jovem coordenadora sugeriu que os rapazes ali dentro não conseguiriam ajudar muito, indicando, inclusive, que não haveria paz ou tranqüilidade para organizar o ambiente com a presença masculina. Era como se eu estivesse ouvindo, novamente, aquela frase bastante popular: “Homem dentro de casa só incomoda e atrapalha.” Parecia que os meninos não combinavam com aquele espaço, com as flores ou a toalha de renda. Eles foram convidados a se retirar e a fazer, na rua, um trabalho, supostamente, mais de acordo com o masculino. Assim, as tarefas foram divididas de forma generificada, a fala da jovem reforçou a proposição de que o ambiente da casa e das tarefas domésticas não

---

<sup>139</sup> Fala proferida por Sônia no dia 02/12/2006, por ocasião do retiro a Santa Maria do Herval.

<sup>140</sup> Fala proferida por Mariana no dia 02/12/2006, por ocasião do retiro a Santa Maria do Herval.

condizem com o masculino, da mesma forma, as atividades desempenhadas no espaço da rua e que envolvem a força não pareciam combinar com o feminino.

Durante o retiro foi possível notar um certo constrangimento e falta de “habilidade” de alguns rapazes ao desempenharem determinadas tarefas domésticas, o que, em certos momentos, foi motivo de chacota e brincadeira por parte das meninas. A mãe de uma das coordenadoras era a responsável pelas refeições do grupo. No almoço de sábado ela tentou resolver a suposta inaptidão dos meninos em circularem pela cozinha e se organizarem para servir os pratos e lavar a sua louça, da seguinte forma: *“É melhor eu servir vocês que dá menos lambuzo [...] Só empilha ali que depois eu lavo [...]”*<sup>141</sup> Padre Dez também demonstrava um certo desconforto ou inabilidade com as atividades exercidas no espaço da cozinha, ao mesmo tempo em que a sua naturalidade em ser servido podia ser facilmente percebida e, em algumas situações, educadamente determinada nas suas falas: *“Quem vai trazer um cafezinho pro padre?”*, *“Eu vou sentar lá fora, no sol... Daí tu me leva um chimarrão?”* E ainda: *“Ah! Hô coisa boa! O pratinho do padre já tá pronto, muito obrigada.”*<sup>142</sup>

Penso que a pesquisa realizada pela socióloga Sílvia Regina Fernandes (2004) - referente à sua tese de doutorado intitulada como “Ser padre para ser Santo; Ser freira para servir” - possa contribuir, em certa medida, para as reflexões que aqui proponho. A autora realizou uma análise comparativa das relações de gênero dentro da igreja católica. Em seu trabalho Fernandes (ibidem) apresenta reflexões e análises bastante instigantes sobre a divisão generificada das funções dentro da igreja, onde os homens, conforme a autora, além de deter o poder de mediação entre os indivíduos e a divindade, através do exercício sacerdotal, elaboram a narrativa oficial sobre o que seria inerente ao feminino e ao masculino dentro da instituição.

Em seu texto, Fernandes (2004) também argumenta que a adequação e a falta de uma maior reivindicação das mulheres para a ocupação de cargos mais funcionais contribuem para a naturalização das hierarquizações generificadas dentro

---

<sup>141</sup> Fala proferida pela mãe da Mariana no dia 02/12/2006, por ocasião do retiro a Santa Maria do Herval.

<sup>142</sup> Falas proferidas pelo padre Dez no decorrer do dia 02/12/2006, por ocasião do retiro a Santa Maria do Herval.

do catolicismo. A autora entrevistou vários seminaristas e noviças para a elaboração da pesquisa, segundo as suas análises alguns seminaristas, considerados como mais “tradicionais”, argumentaram que a igreja católica vinha, cada vez mais, abrindo espaço para a atuação feminina e que as “mulheres da igreja” não reclamavam das suas funções dentro da instituição, ao contrário, pareciam felizes. Conforme estes jovens às reclamações, quando aconteciam, vinham de fora. A socióloga, argumenta que o espaço concedido às mulheres dentro do catolicismo é bastante restrito, já que os cargos e funções ocupados por elas são previamente determinados e regulados por eles. A autora ainda afirma que enquanto muitas mulheres ligadas ao catolicismo se reconhecem como felizes e realizadas - ao desempenharem um papel suplementar nas secretarias ou servirem os sacerdotes nas celebrações e cuidarem das suas vestes e objetos litúrgicos - outras, mesmo que muitas vezes timidamente, procuram demonstrar a sua insatisfação, como aconteceu com algumas jovens noviças entrevistadas por Fernandes. A socióloga ainda faz referências a formação diferenciada dos/das religiosos/as. Segundo ela, o aprendizado formal de Filosofia e Teologia é obrigatório somente para os homens que queiram ingressar na vida religiosa, as congregações e institutos religiosos femininos não priorizam a formação intelectual para as jovens. O aprendizado, para elas, ainda conforme a autora, parece se dar de forma mais esporádica, sem muita formalidade e a partir da iniciativa dos/das seus/suas formadores/as. Assim, é possível perceber diferenças tanto na formação religiosa dos padres e freiras como, também, na sua relação com a instituição.

Penso que a demarcação destes “espaços generificados” pode ser percebida no grupo Nacer, como também, em algumas situações, o cruzamento das suas fronteiras. A iniciativa das meninas em organizar o retiro talvez possa, em certa medida, ser considerada como uma “quebra” na forma como as relações vinham se dando dentro do grupo, já que naquele espaço os rapazes, geralmente, exerciam a liderança de forma mais ativa. Em outras situações, as mesmas meninas que disputaram, em alguns momentos, a liderança com os rapazes, para comprovarem a sua capacidade de “fazer as coisas”<sup>143</sup>, acabaram por reforçar as diferenças entre homens e mulheres a partir da divisão das tarefas conforme as supostas habilidades essencializadas de cada gênero.

---

<sup>143</sup> Fala proferida por Mariana no dia 02/12/2006, por ocasião do retiro a Santa Maria do Herval.

Essa separação dos espaços geográficos femininos e masculinos também pôde ser notada nos locais organizados para passarmos a noite. A casa da chácara contava com apenas dois quartos, além da cozinha, do banheiro e da dispensa. Antes do retiro, os rapazes foram orientados a levarem barracas para dormir e as meninas somente roupa de cama, pois iriam dormir na casa. Como a noite estava mais fria, os proprietários da chácara<sup>144</sup>, conseguiram uma casa próxima que estava desocupada para os rapazes passarem a noite. Já estava definido, conforme uma jovem: “*Sempre foi assim, em todos os retiros*”,<sup>145</sup> homens e mulheres deveriam dormir em lugares separados, até mesmo aqueles que já eram casados. Alguns rapazes preferiram montar as barracas em vez de usufruírem os confortos da casa. Mesmo aqueles que optaram por dormirem na casa não contaram com os mesmos benefícios proporcionados pelo lugar oferecido às mulheres. Elas contaram com luz elétrica, banheiro e camas, enquanto eles dormiram em colchonetes de barraca em um local sem banheiro ou eletricidade. É fácil presumir que a natureza feminina, tida como mais frágil e delicada, tenha sido a responsável por determinar que elas ocupariam a casa mais confortável; já os homens, percebidos, geralmente, a partir de um “espírito mais forte e aventureiro”, foram impelidos a dormirem em barracas ou na cabana emprestada pelo vizinho e que não oferecia as mesmas condições que aquela ocupada pelas mulheres.

Durante a noite os rapazes fizeram muito barulho e algazarra, até o horário em que foram para a cabana em que deveriam dormir, ao contrário das meninas que pareciam mais sérias e “comportadas”. Esse jeito de “moça bem comportada” também pôde ser percebido, naquela noite, durante a troca de roupa das jovens. Apesar de no quarto haver somente mulheres, as meninas trocaram de roupa debaixo das cobertas, demonstrando muita agilidade e rapidez, era como se elas estivessem bastante habituadas a fazer aquilo. Na manhã do dia seguinte o cronograma de atividades previa um passeio a uma cascata, lá poderíamos tomar banho na corredeira e fazer churrasco. Novamente a troca de roupas se deu de uma

---

<sup>144</sup> Quando chegamos na chácara, no sábado do dia 02/12/2006, dois antigos participantes do Nascer estavam lá para nos receber, era o casal Cris e Sônia. A chácara onde ficamos é propriedade dos pais do Cris, que também passaram o fim de semana conosco. O pai e a mãe do rapaz chegaram na parte da tarde, foram eles que conseguiram uma casa na vizinhança para os rapazes do Nascer passarem a noite.

<sup>145</sup> Fala pronunciada pela Ana, integrante do Nascer, no dia 02/12/2006 durante o retiro a Santa Maria do Herval.

forma bastante original: elas colocaram o biquíni por baixo da blusa ou camiseta, sem tirá-las. Este “cuidado consigo”, freqüente entre aquelas meninas, parecia indicar um “jeito de ser” bastante valorizado e respeitado dentro do grupo.

Havia, no retiro, quatro meninas integrantes do Nascer, três delas participavam do grupo há mais tempo, somente uma menina era novata. A menina que freqüentava o Nascer há pouco tempo, havia participado de apenas três ou quatro reuniões. As outras jovens, em alguns momentos, demonstravam uma certa censura frente às atitudes da novata. Ela se mostrava mais afastada das outras meninas e mais próxima de dois rapazes mais jovens. Suas roupas se distanciavam do compromisso de manter certas partes do corpo cobertas; as blusas tinham um corte mais justo e o decote mais acentuado, a saia parecia mais curta do que habitualmente era usado pelas meninas que freqüentavam o Nascer.

No domingo, durante o passeio na cascata, todos tomaram banho de rio. Os meninos usavam bermudas mais compridas e as meninas biquíni. O biquíni da jovem que freqüentava o grupo há pouco tempo causou comentários entre as outras meninas. A mãe de uma das coordenadoras, a senhora responsável pela elaboração das refeições durante o retiro, comentou com a sua filha e a professora de catequese: *“Nossa senhora! Será que não tinha um mais pequeno? Bom... Também, não dava pra esperar outra coisa numa cabeça fraca dessas.”*<sup>146</sup>

Depois do almoço os/as jovens colocaram alguns CDs no rádio e começaram a dançar o maxixe<sup>147</sup>, eles/elas pareciam estar bastante habituados com o ritmo. Durante a dança de salão, novamente, foi possível perceber o “jeito bem comportado” e o cuidado das meninas e meninos em não deixarem a mostra certas partes do corpo. Os rapazes colocaram a camiseta antes de dançarem e elas os seus vestidos e saias. A menina mais jovem no grupo também vestiu a sua saia, antes de dançar com um dos meninos. Os/As jovens, mesmo dançando juntos, conservavam uma certa distância um do outro, o contato e a proximidade entre eles/elas parecia se dar somente o necessário para que os passos da dança ocorressem. Conforme os casais iam se movimentando pelo galpão aberto, pude perceber que uma das meninas lançava alguns olhares bastante insistentes para a novata. Foi então que a observei mais atentamente e pude notar que ela havia

---

<sup>146</sup> Fala proferida pela mãe da Mariana, no dia 03/12/2006.

<sup>147</sup> Nome dado a um ritmo de dança de salão.

colocado a saia por cima do biquíni, como as outras meninas, mas havia deixado o zíper da roupa aberta, o que atraiu os olhares reprovadores da outra jovem. Parece que o seu jeito, as suas roupas e atitudes a faziam diferente das outras jovens do grupo.

É possível presumir que aquela menina estava excedendo alguns limites propostos no grupo para vivenciar as relações de gênero e sexualidade. A jovem novata ultrapassava as fronteiras estabelecidas no grupo para uma “moça séria e direita”. Os rapazes mais jovens pareciam gostar de estar ao lado dela, de ceder a cadeira para ela almoçar e sentar ao seu lado na escada, eles demonstravam alguma admiração pela sua ousadia em vestir um biquíni tão pequeno ou em usar a saia com o zíper aberto. Já os garotos mais velhos não se aproximavam muito, como também as outras meninas do grupo. Aparentemente, os/as integrantes do Nacer que possuíam mais responsabilidades procuravam manter uma certa distância da novata; isso acontecia com os dois rapazes coordenadores e também com as meninas que haviam organizado o retiro. Os rapazes mais próximos da jovem eram aqueles apontados como “mais criança”, brincalhões e divertidos; conforme afirmou a mãe da Mariana, durante uma brincadeira destes garotos: “*Olha, esses aí são sempre bobos assim... São umas crianças. Só tem tamanho.[...]*”<sup>148</sup> Desta forma, quase sempre eram os meninos “menos ajuizados e mais brincalhões” que procuravam se aproximar da menina “menos séria”. Talvez, a pouca idade destes meninos e a freqüente imaturidade com a qual eram apontados, permitia que eles se aproximassem mais da jovem novata e ao mesmo tempo, de certa forma, os desculpava por isso, já que eles eram considerados “bobos” e infantis para terem o mesmo discernimento que os outros jovens do grupo, considerados “mais sérios e ajuizados.”

Como já salientei, para produzir as marcas, o “jeito de ser” e os comportamentos tidos como “naturalmente” masculinos e femininos é necessário um investimento constante que, muitas vezes, aparece de forma articulada em diferentes instâncias sociais como a escola, a família, a mídia e a igreja, entre outras. Esses investimentos enquanto reiteram as identidades e práticas hegemônicas subordinam e discriminam aquelas identidades e práticas que se desviam da norma. As identidades tidas como desviantes, no entanto, são

---

<sup>148</sup> Fala pronunciada pela mãe da Mariana no dia 03/12/2006.

necessárias na construção da identidade normal, sem elas não haveria como estabelecer a medida, o limite até onde os sujeitos podem chegar e continuarem dentro da norma. Louro (2000b) afirma que a escola possui uma tarefa bastante importante e difícil na produção da sexualidade “normal”, pois ao mesmo tempo em que deve estimular a heterossexualidade precisa adiá-la para mais tarde, ou seja, ao mesmo tempo em que a escola incita o interesse pelo sexo oposto ela deve contê-lo para uma idade “mais apropriada”. No Nascer acontece algo bastante semelhante, já que, a todo o momento, a heterossexualidade é estimulada como a única forma imaginável de exercer a sexualidade, ao mesmo tempo em que deve ser controlada e resguardada para depois do casamento. O comportamento da jovem novata ultrapassou as fronteiras estabelecidas para o gênero e a sexualidade, ela burlou as regras do grupo. Enquanto as outras meninas eram reconhecidas como “moças sérias e direitas”, ao mesmo tempo em que ganhavam algum espaço e responsabilidade dentro do grupo, a novata era apontada como uma jovem de “cabeça fraca”, sem juízo, imprudente e por vezes “atirada”. Ela demarcava o exterior para compor as identidades femininas conclamadas pelo grupo, ocupando o lugar de outro das “jovens bem comportadas”. Conforme Stuart Hall:

[...] é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de exterior constitutivo, que o significado ‘positivo’ de qualquer termo – e, assim, a sua ‘identidade’ – pode ser construído [...]. (2004, p. 110)

Segundo Louro (2001), a construção das identidades “é um processo plural e também permanente”, apesar da sociedade procurar estabelecer, através de diferentes táticas, uma identidade feminina ou masculina “normal” e duradoura. A autora ainda argumenta que os sujeitos participam ativamente da construção das suas identidades a partir do autodisciplinamento e autogoverno que exercem sobre si mesmos, conforme ela “eles não são meros receptores [...] manipulados por estratégias alheias” (2001, p. 25); ao invés disso, mesmo que de forma, muitas vezes, inconsciente, investem na formação e constituição dos seus “[...] ‘jeitos de viver’ a sexualidade e o gênero” (ibdem).

Dentro das formas de experienciar o gênero e a sexualidade são toleráveis pequenas diferenças, desde que as mesmas não ultrapassem os limites

estabelecidos para a normalidade. É permitido, assim, que se viva a diferença, desde que não se constitua, com o cruzamento das fronteiras, o sujeito diferente. Podemos perceber estas “diferenças aceitáveis” quando observamos as formas de viver o gênero e a sexualidade dos/das jovens da nossa época, quando comparadas às experiências dos/das jovens de épocas não muito distantes. Rosângela Soares, em sua tese de doutorado (2005), nos leva a refletir sobre as “novas” formas de relacionamento entre os/as jovens que participaram do namoro na MTV, em um programa intitulado “Fica Comigo”. Segundo a autora, nesse programa se constituía uma pedagogia amorosa, onde algumas atitudes eram valorizadas e outras menosprezadas pelos/pelas jovens. Conforme ela, as relações tradicionais são perturbadas, em certa medida, por relações mais contemporâneas. O deboche e a ironia, presentes no programa, colocavam em questão as relações amorosas tradicionais, mas ao mesmo tempo os valores tradicionais eram reafirmados através da valorização dos relacionamentos longos, da fidelidade, das diferenças entre as “queridas” – que, geralmente, afirmavam relacionarem-se sexualmente por amor – e os “queridos” – que buscavam, muitas vezes, o prazer desprovido de outros sentimentos considerados mais nobres.

Pode-se perceber que, apesar de toda a liberalidade que parece marcar as relações amorosas e sexuais dos/das jovens que participaram dos programas analisados, as mudanças não são tão profundas como aparentam. As diferenças construídas, culturalmente, sobre o desejo masculino e feminino vêm atravessando as gerações e podem ser observadas nas relações dos/das jovens da nossa época. Os/As jovens ainda hoje são, como em gerações passadas, capturados e enredados por discursos que reafirmam as relações de amor duradouras, onde a fidelidade se propõe como um dos pontos fortes. As relações amorosas contemporâneas adquirem, desta forma, um roteiro, talvez, um pouco diferente, mas continuam trazendo nos seus rastros os modelos de amor e de relacionamento cunhados em épocas mais distantes.

Outro exemplo, percebível nos jornais e revistas, seria a emergência de um “Novo Homem”, supostamente mais sensível e comprometido com o cuidado dos/das filhos/as, além de interessado em “auxiliar” a esposa nos trabalhos domésticos. Segundo estas matérias este novo homem estaria emergindo das novas necessidades da nossa sociedade, entre outras o fato de a mulher trabalhar fora e



necessitar dividir as tarefas domésticas e o cuidado com os/as filhos/as com os seus companheiros. Diversos estudos e pesquisas acadêmicas afirmam que este novo homem é um produto da mídia e que estas “Novas Masculinidades”, também, vêm sendo construídas a partir da necessidade de consumo sustentada pela sociedade capitalista. Os discursos correntes sobre o “Novo Homem” encontram-se estreitamente vinculados, pela mídia, com produtos que participam da transformação de um homem mais tradicional em um homem mais moderno e comprometido, também, com o cuidado de si; ou seja, que usa roupas e acessórios produzidos por certas *griffes*, além de consumir certos produtos – como cremes, perfumes, colônias... – sem perder a masculinidade e a hombridade. Desta forma, este “Novo Homem” parece condicionado a sua capacidade de consumir, isto é, ao seu poder aquisitivo ou classe social.

Podemos apontar, também, muitas características que podem diferir entre as nossas formas de experienciar o gênero e as de outras culturas. Estas diferenças, contudo, provavelmente, continuarão a nos remeter a efeitos de heteronormatividade<sup>149</sup> que norteiam e fixam historicamente as relações afetivas, amorosas e sexuais entre homens e mulheres. As diferenças podem ser aceitáveis, desde que não firam a forma heterossexual de relacionamento, tida como universal. Os sujeitos que cruzam as fronteiras e experimentam outros roteiros, outras formas de viver as relações de gênero e sexualidade, são levados a ocuparem as margens dos modelos reconhecidos como “oficiais”. Eles/Elas carregam as marcas do desvio, do “não pertencimento”, do inaceitável e da exclusão.

## ***2- Territórios de Sexualidade Católica e o Trânsito nas Fronteiras***

*Senhor, eu sei que tu me sondas  
Sei também que me conheces*

---

<sup>149</sup> A heteronormatividade presume a heterossexualidade como o padrão normal de sexualidade, ou ainda, como a única forma natural de viver a sexualidade, constituindo as outras identidades sexuais como oposições em relação a esta referência. A heteronormatividade relega à anormalidade todas as formas de viver o gênero e a sexualidade que escapam do modelo hegemônico. Débora Britzman (1996, p. 79) define a heteronormatividade como “a obsessão com a sexualidade normalizante, através de discursos que descrevem a situação homossexual como desviante.”

*Se me assento ou me levanto*  
*Conheces até meus pensamentos*  
*Quer deitado ou quer andando*  
*Sabes todos os meus passos*  
*E, antes que haja em mim palavras*  
*Sei que tudo me conheces[...]*  
 (Diário de campo do dia 11/11/2006.) <sup>150</sup>

Depois que os/as jovens ensaiaram a música “Sonda-me”, Ruivo fez o seguinte comentário:

*Que coisa... Engraçado vocês escolherem pra cantar esta música de novo na missa de domingo. Ela tem uma mensagem bem bonita... Pensem um pouco na letra. Ela diz que Deus nos vê em todos os momentos do nosso dia... Ele nos vê quando trabalhamos, cantamos, ou quando estamos deitados... Até parece um sinal pra gente parar e pensar...*<sup>151</sup>

A música se refere à vigilância e ao zelo divino sobre os fiéis; estes, por sua vez, conforme a letra, não têm a possibilidade de escapar desta observação e cuidado constantes. Segundo Ruivo a escolha do mesmo canto, por dois domingos consecutivos, parecia indicar ou assinalar algo. A letra da música e a fala do Ruivo me trouxeram uma forte lembrança da escola católica onde cursei o magistério. Seguidamente podíamos ouvir, durante as aulas, uma das freiras nos orientando para vivermos de forma a que todos os nossos pensamentos e ações pudessem ser filmados e passados para todas as pessoas verem e ouvirem. Eu e as outras meninas brincávamos de nos imaginar filmando algumas situações bastante engraçadas e inconvenientes do nosso cotidiano – e do dia a dia das religiosas também – para exibirmos em uma tela enorme na frente da escola. Á todo momento as freiras nos lembravam da impossibilidade de fugir ou escapar do “olhar de Deus”. A mensagem se propunha de forma muito clara: alguém sempre estaria nos vigiando. Sempre! Ruivo também parecia querer “lembrar” os/as jovens desta

---

<sup>150</sup> Estribilho da música Sonda-me, cantada pelo grupo no ensaio do dia 11/11/2006. Apesar da letra da música constar no livro de cantos do grupo, os/as jovens não souberam me indicar o nome do seu compositor.

<sup>151</sup> Fala proferida por Ruivo no ensaio do Grupo Nascer, dia 11/11/2006.

vigilância divina ininterrupta, da qual, supostamente, somos vítimas, mesmo quando nos escondemos ou nos ocultamos de todos os olhares.

Fiquei imaginando alguns motivos que podem nos levar a agir escondido. Quando escondemos algo é bastante óbvio que não desejamos que os outros saibam. Talvez porque aquilo que supostamente fizemos em segredo pode contrariar algumas regras e ser considerado errado. Muitas coisas podem ser apontadas, pela nossa sociedade e pela RCC, como erradas e, também, pecaminosas. Mas, entre outras coisas, enquanto ouvia a fala de Ruivo e a música, pensei naquilo que é impossível pensar, no que é proibido imaginar: o impensável, o que ocupa as entrelinhas e as margens do que pode ser concebido e sonhado; aquilo, que, quase sempre, é levado a ocupar as fronteiras do que é considerado humano e natural. Pensei em encontros furtivos, em olhares dissimulados, no toque quase accidental de corpos anatomicamente parecidos, pensei em cheiros que se misturam, nos prazeres e amores, muitas vezes, ocultados, segredados dos olhos alheios, mas mesmo assim, conforme a letra da música, bastante presentes aos olhos de um Deus que tudo vê. Conforme os católicos/as carismáticos, não há como fugir desta vigilância, mesmo os desejos mais escondidos e dissimulados são seu alvo. Os fiéis devem manter-se atentos para não se perderem e desviarem do caminho sinalizado pela RCC. Mas será que este cuidado com os nossos segredos e desejos mais ocultos se restringe ao “zelo divino” apontado na música? Penso que esta vigília e cuidado não é tão somente divina, mas uma velha conhecida de todas/todos nós. Desde muito cedo, aprendemos a nos vigiar, avaliar e a dizer de nós; cada um/a está envolvido/a com o seu próprio cuidado, com a sua autovigilância, e também com a vigilância dos outros/as. Parece que não há como nos esconder de nós mesmas/os e deixar de realizar o nosso próprio julgamento a partir da concepção que temos de certo e errado, ou talvez, das diferentes alternativas entre um e outro.

Os jovens do Nascer, em várias situações, se reconheceram e foram apontados como “jovens do sagrado”, eles e elas pareciam investir e acreditar na constituição e conservação do seu corpo como um “templo do divino”, um espaço para o Deus presente agir, como afirmou Ruivo: *“Quando a gente faz uma oração a Deus, através da música, a voz da gente vai até Deus e volta. Quando a voz volta, ela vem envolvida com o Espírito Santo... Então, dá pra dizer que não é mais a*

*nossa voz, mas a voz de Deus que canta [...]*.<sup>152</sup> Aparentemente, o/a jovem é levado a acreditar que já não é ele/a quem age, mas o próprio Deus que o usa como instrumento. Seria desta forma, Deus a lhe soprar nos ouvidos e a sinalizar o certo e o errado, como sugeriu outra fala de Ruivo: “[...] *vocês escolherem pra cantar esta música de novo na missa de domingo [...] parece um sinal pra gente parar e pensar, mesmo.*”<sup>153</sup> Este suposto zelo divino ininterrupto conduz os jovens a um controle mais intenso de cada um/a sobre o próprio corpo e mente. Assim, se pode presumir que a imagem de Deus como “aquele que tudo vê” sugere os/as jovens a agirem, falarem e pensarem de certa forma e não de outra, ou outras; é possível argumentar que o que move os/as jovens do Nascer seja o discurso carismático renovado no grupo a todo o momento e de diversas formas. “Aquele que tudo vê” pode não ser o olhar de Deus que tudo alcança e vigia, mas o “olhar carismático” presente entre os/as jovens fiéis.

Neste processo de “santificação” dos jovens são realizados diversos investimentos sobre os “rapazes e moças”. Eles/Elas são ensinados a inscrever, nos seus corpos, marcas da sua identidade e da sua diferenciação com outros/as jovens e grupos sociais, entre outras coisas, aprendem a controlar as vontades e desejos que não parecem condizentes com um/a “jovem do sagrado”. Conforme Tomaz Tadeu da Silva (2003) a construção das identidades sociais se dá em meio a jogos desequilibrados de poder na luta pela imposição dos significados particulares de cada grupo; onde o poder define a forma como a representação é concebida e engendrada. Segundo o autor a representação está ligada à construção das identidades culturais e sociais, reforçando, desta forma, as relações de poder. Foucault (1993, p. 146), em seu livro “Microfísica do Poder”, argumenta que quando o poder investe sobre o nosso corpo, “emerge inevitavelmente a reivindicação do próprio corpo contra o poder”. Estamos, todos, sujeitos, a ação do poder sobre os nossos corpos e procuramos diferentes formas de resposta para o seu exercício, desde a acomodação e a resistência, até a subversão e a transformação das suas imposições. Foucault (1988, p. 100), em seus estudos, nos leva a pensar a sexualidade não como uma energia, como um impulso interno natural que precisa ser controlado ou reprimido, mas como “[...] o nome que se pode dar a um

<sup>152</sup> Fala proferida por Ruivo no ensaio do Grupo Nascer, dia 11/11/2006.

<sup>153</sup> Declaração feita por Ruivo no dia 11/11/2006.

dispositivo histórico [...]”, ou seja, a sexualidade é construída na cultura, em meio a relações sociais marcadas pelas divergentes lutas para a imposição de significados.

O autor define dispositivo como:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas [...] o dito e o não-dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que pode estabelecer-se entre os elementos. (1993, p. 244)

Foucault (1988, p. 101), também afirma que “O dispositivo da sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global.” Assim, o que se vem pensando e dizendo sobre o corpo, o sexo, o gênero e a heterossexualidade não são nada mais do que “verdades” fabricadas histórica e culturalmente. A heterossexualidade tida como a única forma natural, normal, saudável e cristã de viver a sexualidade vem relegando todas as outras práticas e identidades sexuais à anormalidade ou a formas inimagináveis de relacionamento. Parece que somos programadas/os para viver a ternura, o amor, o corpo, o sexo e os seus prazeres dentro de uma cultura de relacionamentos, geralmente, propostos de formas fixas, acabadas, prontas e fabricadas sob medida para cada gênero; como se o gênero fosse um marcador que pré-definisse a história particular de cada uma/um. A identidade sexual, como todas as outras, é feita, construída no movimento das relações sociais, sendo neste movimento imprevisível e inseguro que ocorrem as quebras, os rompimentos e, eventualmente, as idéias tidas como impensáveis.

Os discursos que circulam sobre a sexualidade, o gênero e o corpo deixam claros os papéis sexuais cabíveis a cada um/a, o que é e o que não é sexualmente permitido, os limites até onde cada um pode chegar para estar de acordo com os padrões normais estabelecidos. E os que, ainda assim, procuram viver a sexualidade ou o gênero de formas diferentes das ditas “normais”, ou melhor, “naturais”, são, muitas vezes, rotulados e marginalizados. A homossexualidade é tratada, pela Renovação, como um “triste defeito”, uma doença, um problema a ser resolvido através da fé e da força de vontade. Esta percepção da homossexualidade

como “problemática”, foi reafirmada, em alguns momentos, pelo padre Dez durante uma conversa com os/as jovens do Nascer. O sacerdote falou aos jovens sobre os objetivos desumanos e escusos que envolvem, conforme ele, a admissão de negros e homossexuais no exército americano. Ele argumenta que os homossexuais e negros só são aceitos para serem usados no *front* de batalha: “*Eles deixam os gays e os negros entrarem porque são eles que ocupam o front da batalha. É isso mesmo, são eles que vão na frente e morrem primeiro... Como se com isto fossem acabar com o problema de todos os gays.[...].*”<sup>154</sup> Ao mesmo tempo em que o religioso critica a atitude americana, ao afirmar que a medida deste país não consegue “*acabar com o problema de todos os gays*” a sua fala reforça a homossexualidade como “um problema a resolver” e, aparentemente, parece sugerir que o exército deste país, ainda que não resolva todos, acaba com o “problema” de alguns homossexuais.

Em diversos livros direcionados aos jovens e a juventude, é bastante visível à disposição da RCC em ajudar aqueles e aquelas que se encontram, conforme os seus textos, “doentes espiritualmente” e que necessitam da Renovação para serem “curados” e poderem viver uma vida, supostamente, mais feliz e “normal”. O nome do livro “A cura da nossa afetividade e sexualidade” (2004), escrito por vários integrantes da Canção Nova<sup>155</sup>, já supõe esta disposição em promover a “melhora” de uma juventude percebida como afetiva e sexualmente doente. Ali, a cura é proposta através da força de vontade do fiel em se libertar do “pecado”, empenhando-se para modificar desde os seus pensamentos até os desejos e vontades mais secretos. É a partir deste investimento de cada um sobre si que a graça e a cura divinas, conforme a Renovação, podem ser alcançadas.

Neste mesmo livro, Felipe Aquino (2004, p. 43/44), uma importante figura dentro do movimento de renovação da igreja católica, afirma que:

A igreja nos ensina que o homossexualismo não é vontade de Deus. O fato de a pessoa ter em si a tendência para tais gestos não a mancha, assim como não é pecado sentir-se tentado. A falta está em consentir, ceder à tentação. Se chego a sentir atração ou desejo por pessoa do mesmo sexo, não estou pecando. O pecado está em viver

<sup>154</sup> Fala pronunciada por padre dez no dia 02/12/2006.

<sup>155</sup> Vale lembrar que a Canção Nova é uma comunidade de vida onde fiéis da RCC partilham as responsabilidades que envolvem a vida comum, inclusive as finanças.

a homossexualidade. [...] Como um casal assim pode se reproduzir? Estão contrariando as leis de Deus. Não há como justificar legalmente a prática da homossexualidade. [...] Santo Agostinho dizia que aquilo que não é possível à natureza é possível pela graça de Deus. Se você se abrir para a graça de Deus e buscar na oração, no terço a Nossa Senhora, na confissão, na Eucaristia, as forças serão encontradas.

Aqui, a relação heterossexual é apontada como “legal” e permissível, tendo a sua justificativa na reprodução; já a homossexualidade, a partir do seu caráter improdutivo para a perpetuação da espécie, é apontada como uma relação injustificável, ilegal e pecaminosa. O que poderia supor que aqueles/as que não podem gerar filhos, seja por quaisquer razões, não deversem, também, relacionar-se sexualmente, mesmo estando a sua união conjugal dentro dos parâmetros propostos pelo catolicismo. Aparentemente, a homossexualidade é apontada como algo que não “foi possível à natureza”, ou seja, que a natureza não deu conta, que está imperfeito ou não foi concluído, restando ao indivíduo buscar a “cura”, possibilitada, aqui, somente através da “*graça de Deus*”. A homossexualidade é proposta como “naturalmente imperfeita”, um “engano da natureza”, assim a atração homossexual não é percebida como pecado, talvez, por fazer parte da suposta imperfeição ou doença da qual o sujeito foi vítima. Pecado, aqui, seria a não dedicação ou a falta de investimento do sujeito na cura da sua sexualidade, já que isso poderia ser possível, conforme Felipe Aquino, através da “*graça de Deus*” onde o indivíduo encontraria forças para conseguir lutar e vencer tal “*tentação*”. As palavras desejo e atração aparecem de forma coladas à homossexualidade, juntamente com as alegações de que o sujeito precisa de muita força para “vencê-los”, o que, talvez, venha a apontar o/a homossexual como dotado/a de um menor controle sobre si mesmo/a, sendo mais suscetível de ser corrompido/a e de “*ceder*” aos “desejos da carne”.

Pe Edmilson Lopes (2004, p. 47), em um outro capítulo do livro “A cura da nossa afetividade e sexualidade”, contrapõe-se à opinião de Felipe Aquino, quando coloca a “cura dos pensamentos” como o primeiro passo para a cura da sexualidade. Como observamos, Felipe Aquino exime os sentimentos e desejos, e com eles, aparentemente, os pensamentos, de uma atitude culpada, uma vez que, conforme ele, “não é pecado sentir-se tentado”, mas “ceder a tentação”. Padre Dez também parece “livrar” os desejos de uma atitude pecadora, conforme a sua fala

eles fazem parte da “natureza humana” e, reafirmando o texto de Felipe Aquino, argumenta que é através da “relação com Deus” que o sujeito poderá lidar com este seu lado, supostamente, mais ligado com a “natureza”. A fala do padre Dez também parece se aproximar, em alguns momentos, dos textos do Pe Edmilson Lopes quando ambos buscam a psicologia como um recurso para auxiliar os/as fiéis e promover a suposta “cura” dos/das mesmos. Conforme o Pe Edmilson:

Dei o primeiro passo em busca da cura dos meus pensamentos e atitudes confessando os meus pecados, o padre me absolveu [...] Durante os cinco anos em que vivi no seminário tive a oportunidade de ser acompanhado por psicólogos, inclusive pelo padre Guedes, que é um excelente psicólogo. [...] Uma das coisas que mais me chamou a atenção naquele tempo foi voltar ao meu passado e poder encontrar raízes das seqüelas vividas nesta área e, uma vez encontradas, toquei na minha verdade e Deus pôde curá-las. (2004, p.47)

Aqui, é através da confissão e do auto-exame, ao padre ou ao psicólogo - ou, talvez, ao padre-psicólogo, já que os dois aparecem bastante colados um ao outro – que o/a fiel volta ao passado para encontrar as causas dos problemas ou “seqüelas” que o tornam, conforme a RCC, doente. Ao descobrir a sua verdade, com a ajuda do padre-psicólogo, o/a fiel supostamente “tocaria” nas “raízes” da “doença” permitindo a cura divina.

Na tarde do sábado em que aconteceu o retiro a Santa Maria do Herval, durante um intervalo da palestra dada pelo padre Dez aos jovens do grupo, estávamos conversando no jardim da chácara. Os pais de um rapaz, coordenador do Nascer, haviam acompanhado o filho ao retiro. A mãe afirmou que estava gostando das palestras e que tinha vindo em busca de apoio e palavras esperançosas, pois estava enfrentando problemas muito graves devido a dependência química de seu outro filho, que havia sido preso há pouco tempo. A professora de catequese comentou sobre toda a dificuldade, nos dias de hoje, em poder manter os/as jovens “livres” do envolvimento com drogas. O padre Dez chegou junto a nós e ouviu parte da conversa. A mãe, a certa altura da conversa, disse<sup>156</sup>: “[...] a gente se mantém porque precisa... Eu ando a base de remédio pra

<sup>156</sup> O diálogo citado a seguir ocorreu entre a mãe de um dos componentes do grupo, a professora de catequese e o padre Dez, no dia 12/12/2006.



suportar... *É muito difícil, mas eu tenho o outro, esse que é coordenador do grupo, e a gente veio no retiro pra apoiar ele... Ele também tá sofrendo muito por causa do irmão. [...]*” A mãe levantou-se para buscar um café, foi quando o padre chamou-a e disse: *“Passa lá na igreja pra gente conversar mais [...].”* Depois que a mãe se afastou ele sorriu, comentando comigo e com a professora de catequese: *“Eu garanto que é mais barato e o serviço do psicólogo é de primeira.”* A professora de catequese olhou para ele como se não tivesse entendido, o sacerdote complementou: *“Vocês não sabiam? Padre é psicólogo de pobre.”* Desconheço se o padre possui a formação específica na área da psicologia, mas parece que ele se valia de algumas leituras e autores da área, os quais citava de forma um tanto freqüente, para orientar os/as fiéis e auxiliá-los nas suas dificuldades, ocupando, conforme ele, a posição de *“psicólogo dos pobres”*.

Os/As jovens do Nascer demonstravam interesse, ao mesmo tempo em que se divertiam, durante as palestras e falas do padre Dez, estas marcadas pelo uso da gíria e de algumas palavras um tanto “sexualizadas”. A ocasião em que ele comparou o “colo” de Deus com o colo de uma “mama” é um bom exemplo deste “recurso”, usado pelo sacerdote: *“Deus, no momento da oração, é uma mama de peitos bem grandes. [...] Então, no momento da oração sentem no colo desta mama e falem com Deus [...].”*<sup>157</sup> Também vale lembrar a situação em que ele falou sobre os sonhos, usando expressões como: *“[...] todo mundo aqui é corno [...] Porque os outros sabem mais da gente do que a gente mesmo[...].”* ou *“[...] no sonho a gente pode fazer até bacanal, orgia [...] Mas isso acontece porque tu sonha com aquilo que tu vê no dia a dia. Então, se tu vê na TV, nas revistas um monte de sacanagem, de mulher pelada, tu vai sonhar com aquilo [...].”*<sup>158</sup> Aparentemente, o jeito “inovador” do religioso era bastante apreciado pelos/pelas jovens, e também pelos pais que compareceram ao retiro, pois conforme a mãe da Mariana: *“Eles gostam dele, eles falam a mesma língua.. [risos]. Isso puxa eles [...].”*<sup>159</sup> O seu jeito um tanto “desbocado” de promover o evangelho e a palavra de Deus tem sido bem aceito e apoiado, já que *“Isso puxa eles”* para a religião católica e o PHN, colocando-os, supostamente, a salvo de muitos problemas comuns à juventude.

<sup>157</sup> Fala proferida por padre Dez no dia 02/12/2006.

<sup>158</sup> Fala pronunciada por padre Dez no dia 02/12/2006.

<sup>159</sup> Declaração feita pela mãe da Mariana no dia 02/12/2006.

Ao mesmo tempo em que a sua linguagem mais “popular” supõe o rompimento com alguns limites impostos para a sexualidade, pela religião católica e pela Renovação, padre Dez reafirma as regras e as fronteiras concebidas pela instituição, indicando aos jovens do grupo formas de agir para cumprirem com o seu compromisso de “jovens do sagrado”. Enquanto o religioso afirma que “*no sonho a gente pode fazer até bacanal, orgia*” ele demarca que “*isso acontece porque tu sonha com aquilo que tu vê no dia a dia*”; ou seja, se o sujeito não procurar ver coisas relacionadas com “*sacanagem*”, ele também não correrá o risco de sonhar com “*aquilo*”. No mesmo instante em que padre Dez presume uma emancipação dos sonhos e pensamentos frente à moralidade católica ele argumenta que os mesmos estão intimamente vinculados com o “ver” ou o agir. Desta forma, é fácil concluir que aquele/a que não “vê” ou busca a “*sacanagem*”, conforme o sacerdote, não irá pensar ou sonhar com ela. Os sonhos e pensamentos eróticos parecem sinalizar que o sujeito tem, de alguma, forma buscado “*aquilo*”.

Dunga (2004a) reafirma a fala do padre Dez quando argumenta que nem mesmo durante o sono a vigília deve ser “aliviada” por aqueles/aquelas que buscam o equilíbrio da sua “sexualidade”. Conforme ele, há jovens carismáticos que pedem em oração a polução noturna sem sonhos eróticos, pois estes jovens não desejam pecar contra a castidade nem mesmo enquanto dormem:

Tenho colegas e amigos que estão buscando equilíbrio na sua sexualidade, que antes de dormir clamam ao senhor: ‘Senhor, estou há anos sem ter uma relação sexual, sinto que meu corpo já fabricou muitos espermas. Concede-me, durante esta noite, a polução noturna. Não permita, Senhor, que seja acompanhada de sonhos eróticos. Nem dormindo desejo pecar contra a minha castidade.’ (2004a, p. 57)

A polução noturna, aqui, é percebida como uma forma de “medir” o nível de santidade do fiel. Aparentemente, a culpa é anulada frente a involuntariedade do ato que indica um nível mais elevado de castidade. Para Foucault (1987b, p. 34), em seus estudos sobre a sexualidade, na vida monástica a polução noturna ocupava um lugar central, agindo como uma espécie de “[...] ‘analisador’ da concupiscência, na medida em que era possível determinar, ao longo daquilo que a torna possível, a prepara, a incita e finalmente a desencadeia, qual é, em meio as imagens,

percepções, lembranças na alma, a parte do voluntário e do involuntário.” Desta forma, o trabalho do monge sobre si mesmo consistia em “[...] jamais permitir engajar sua vontade nesse movimento que vai do corpo à alma e da alma ao corpo e sobre o qual essa vontade pode atuar, para favorecê-lo ou para detê-lo, por meio do movimento do pensamento” (ibdem). Esta forma de auto-análise também tem sido estimulada entre os jovens carismáticos. Mesmo que a poluição possa, em certa medida, ser percebida como uma “necessidade fisiológica” do organismo, o nível de voluntariedade e engajamento do sujeito aponta o seu grau de pureza e santidade.

Segundo Edmilson Lopes (2004, p. 50), a “cura da sexualidade” envolve “[...] um caminho de luta, de sacrifício, de esforço, dedicação e zelo. [...] se você busca a castidade mas não consegue se desvencilhar dos filmes pornográficos e das seções de piadas, como ser curado?” Novamente a “cura” depende da força de vontade e esforço do/da fiel que precisa estar atento, em vigília constante consigo mesmo já que, conforme o sacerdote (ibdem, p. 50/51), “[...] o diabo não entra na nossa vontade, ele apenas age de acordo com as sensações, os impulsos; ele percebe que ouve uma brecha naquele determinado lugar e entra. Dentro de você precisa haver uma disposição interior para fechar todas as brechas.” Os textos da RCC indicam que a “luta pela castidade”<sup>160</sup> envolve força de vontade, dedicação, cuidado e zelo, atributos que o movimento carismático se dispõe a ensinar aos/as jovens carismáticos para a “preservação da sua santidade”.<sup>161</sup>

Jimena Furlani, em sua tese de doutorado (2005, p. 203), analisa, entre outras, algumas representações de sexualidade e gênero produzidas por “princípios conservadores religiosos”. A autora aponta “A abordagem moral tradicionalista” como central na produção de um certo “tipo de Educação Sexual hoje existente”. Furlani direciona seus estudos para “os possíveis efeitos” desta pedagogia “na constituição das identidades e dos sujeitos sexuais e de gênero”. Conforme Furlani (ibdem) nos Estados Unidos o governo da era Bush têm investido os seus esforços em uma política de governo que defende a abstinência sexual como a única forma segura de evitar as doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez entre a juventude. Segundo os seus estudos, a campanha em prol da “educação pela

---

<sup>160</sup> Dunga 2004.

<sup>161</sup> Ibidem nota 160.

abstinência”<sup>162</sup> juvenil tem ganhado muitos recursos do governo americano, sendo que, fazem parte deste currículo vários programas usados para a sua promoção. O que não tem acontecido sem resistências, já que as manifestações contra este tipo de ES<sup>163</sup> também tem sido comuns. O principal argumento dos/das que se colocam contra o movimento pela abstinência tem sido o fato das suas imposições infringirem a liberdade constitucional do indivíduo ao imporem regras e normas religiosas comuns a “uma suposta vida correta”; além de questionarem o uso de dinheiro federal para a promoção de uma Educação Sexual vinculada com religião.

Ainda conforme Furlani (2005), tais programas também tem sido alvo de críticas a partir dos seus textos que induzem a diferentes formas de discriminação envolvendo sexualidade, sexo, estado civil, raça, classe social e religiosidade ao indicarem atributos como base econômica, base educacional, procedência étnica, grupo de amigos e religião, entre outros critérios, como importantes no momento de “selecionar” um/a namorado/a. Entre os/as católicos carismáticos a “campanha pela castidade” também parece incluir e estimular esta “seleção” de amigos/as e possíveis namorados/as. Em seu texto, Ricardo de Sá afirma ao/a jovem carismático/a que:

Você precisa escolher o que fazer, com quem andar. Junto à vida de oração vêm as práticas das virtudes que você recebeu. Com quem você anda é alimentada a virtude da castidade? As conversas animam, sustentam você na castidade e na santidade a que se propôs? [...] Existe em você uma virtude, mas precisa ser exercitada. Existem aqueles que precisam exercitar-se na castidade nos olhos. Existem aqueles que precisam da castidade no falar. Treine exercite. (2004, p. 67)

A castidade ao mesmo tempo em que é apontada como um dom, uma “virtude” natural do/da jovem, também aparece vinculada ao aprendizado ou treino.

---

<sup>162</sup> A folha de São Paulo, do dia 08 de abril do corrente ano, lançou uma reportagem cujo título era “Movimento pela abstinência cresce com Bush”. O artigo falava dos “Bailes da Pureza”, um cerimonial onde as jovens juram manter a virgindade até o casamento. Conforme a matéria os “Bailes da Pureza” têm se tornado comuns entre as meninas americanas, tendo acontecido no ano de 2006 em 48 estados do país. A cerimônia, que inclui roupa de gala no estilo “baile de debutante”, acontece em torno de uma grande cruz de madeira onde as jovens jogam rosas brancas e juram manter a virgindade. A reportagem ainda afirma que no ano de 2007 o governo Bush aumentou em 37% as verbas para auxílio a grupos religiosos que estimulam a abstinência, o que tem sido questionado através de um processo que tramita na Suprema Corte e que afirma que ao privilegiar grupos religiosos o governo estaria acabando com a separação Igreja e Estado.

<sup>163</sup> A sigla significa Educação Sexual.

Ser casto, conforme Ricardo de Sá, envolve exercício e “sustentação”. O/A jovem é estimulado/a a estar atento/a ao “treinamento” da sua castidade e, também, da castidade daqueles/as com quem se relaciona. O “exercício” da castidade envolve, conforme o texto de Ricardo de Sá, um cuidado constante do/da jovem consigo mesmo, com as suas falas e conversas, com aquilo que vê e também com quem “anda”. Para os/as católicos/as carismáticos, o equilíbrio e a maturidade sexual e afetiva são alcançados através de uma vida profundamente comprometida com os valores católicos e o seu “jeito de amar”. Pe Edmílson Lopes (2004, p.45), afirma que:

O jovem que não é maduro na sua afetividade e na sua sexualidade não conseguirá ter um relacionamento profundo com Deus, viverá apenas na superficialidade. [...] O Senhor nos quer profundamente maduros na afetividade e também na sexualidade.[...] O Senhor precisa de homens e mulheres equilibrados na sua afetividade e sexualidade.

Este aprofundamento da relação com Deus foi apontado, pelo padre Dez, como o objetivo do retiro espiritual realizado pelos/as jovens do Nascido e alguns pais. Segundo ele:

*Jesus, quando se retirou, foi para o deserto. Lá no deserto, todo mundo sabe, Ele foi tentado pelo diabo... Então, vamos fazer hoje o nosso deserto aqui, dentro de nós. [...] Retiro é o lugar de encontrar o diabo que está dentro da gente. É o momento de decidir se eu vou seguir o meu projeto pessoal ou vou aprofundar a minha história de amor e de fé com Deus [...].*<sup>164</sup>

O projeto de Deus para os jovens inclui, conforme o sacerdote:

*[...] regras para que possamos nos integrar com o Espírito Santo e realizar o sonho de Deus; sem o Espírito Santo não realizamos sonho algum... O Espírito santo é o que dá tesão pra realizar o sonho, é o que dá prazer por uma causa, pela vida... Um jovem sem Espírito*

<sup>164</sup> Fala pronunciada por padre Dez no dia 02/12/2006.

*Santo não tem causa, pode dar o viagra que quiser para ele que ele não tem força de luta, não tem tesão*<sup>165</sup>.

Padre Dez afirma, de forma bastante aparente, que é necessário seguir algumas regras para que o/a jovem possa unir-se ao Espírito Santo e realizar o “sonho de Deus”. É fácil presumir que as regras e o sonho “divino”, propostos pela renovação do catolicismo, compreendem a castidade até o casamento heterossexual, além de outros preceitos comuns a um/a “jovem do sagrado”. Conforme o sacerdote:

*Santo Agostinho dizia que o amor é a porta da liberdade, ‘se amas podes fazer o que quiseres’. Então, gurizada se eu amo eu posso tudo, porque eu não vou fazer nada que machuque, que fira, que prejudique o outro. Se eu amo uma menina eu vou respeitar ela, eu não vou querer apressar nada, eu não vou querer que falem mal dela [...].*<sup>166</sup>

Jurandir Freire Costa (1999, p. 55), em seus estudos sobre o amor romântico, argumenta que santo Agostinho, citado pelo padre Dez, percebia a sexualidade como um “obstáculo à plenitude do verdadeiro amor”, sendo esta apontada como razão da queda, do pecado e da incapacidade dos homens em exercerem o domínio de si sem uma direção espiritual. O amor de Deus e para com Deus continua sendo considerado e estimulado, pela Renovação, como o mais verdadeiro e sublime, a exemplo do que pregou Santo Agostinho. Desta forma, o amor é levado a ocupar um lugar mais elevado na escala dos sentimentos, sendo considerado superior ao desejo sexual. Assim, parece que tudo é permitido para aqueles/aquelas que amam, desde que não ultrapassem as concepções de respeito e amor concebidas pela igreja católica. A relação sexual antes do casamento, aqui, é compreendida como falta de amor e respeito com a jovem. O homem é reconhecido como sexualmente mais ativo que a mulher, sendo supostamente dotado de um desejo sexual mais forte e de difícil controle, ele é apontado como aquele que age e que comete o ato. Ela é percebida como o sujeito passivo, aquela que sofre a ação do outro; ou seja que pode ser desrespeitada e mal falada. O sexo, aqui, aparece de forma estreitamente vinculada ao amor. É fácil afirmar que para a

---

<sup>165</sup> Fala pronunciada por padre Dez no dia 02/12/2006.

<sup>166</sup> Fala proferida por padre Dez no dia 02/12/2006.

RCC e a igreja católica de forma mais ampla, o sexo é compreendido como a expressão máxima do amor heterossexual, permitida através do casamento.

Entre os rapazes era possível observar o respeito para com as meninas do grupo, elas eram percebidas como “moças especiais”. Entre os/as participantes do Nascer ocorriam muitas brincadeiras. As meninas definidas como “sérias” também participavam e se divertiam, mas parece que havia um limite quanto ao tipo de piada ou brincadeira dirigido a elas e se alguém, eventualmente, ultrapassasse os limites logo procurava se desculpar; como aconteceu quando dois rapazes “brincaram” com as meninas por elas estarem de mãos dadas.

Durante uma conversa com uma das coordenadoras do retiro, o “respeito” parece ser apontado de forma bastante marcada, conforme ela: *“Eu já namorei com outros guris, mas eu sou virgem. Só que com o Roberto é diferente, ele me respeita... Ele não fica forçando. [...]”*<sup>167</sup> A fala do padre Dez é reforçada, indicando que a “moça” precisa ser zelada e respeitada pelo rapaz. Respeito, aqui, se propõe como sinônimo de não forçar a relação sexual para não prejudicar a reputação da jovem. Novamente, o masculino é indicado como aquele que age e tem o poder de desrespeitar, enquanto o feminino é o sujeito passível de sofrer o ato praticado pelo outro gênero. A palavra respeito, no dicionário Aurélio, remete para um tratamento de reverência a algo ou alguém, já a palavra reverência aparece como uma forma de respeito e cuidado com as coisas sagradas; o que parece sugerir que as jovens do Nascer devem ser preservadas como algo de valor sagrado. Ao mesmo tempo em que os meninos devem respeito as meninas, elas, percebidas como sexualmente menos ativas e não sujeitas ao mesmo desejo descontrolado dos rapazes, têm o compromisso de manter os relacionamentos amorosos dentro das fronteiras impostas.

A jovem coordenadora do retiro afirma não concordar com esta posição da igreja em querer decidir “o momento certo” de cada um “transar”, segundo ela:

*Eu já conversei com a minha mãe e eu disse pra ela que eu vou saber qual vai ser o momento. Sabe, isso eu não concordo com a igreja que é só depois do casamento... Parece que a igreja decide o teu momento. Eu não acho que tem que ser assim. Eu vou fazer*

---

<sup>167</sup> Fala pronunciada por Mariana no dia 02/12/2006.

*dezoito anos e não transei, mas eu quero escolher o meu momento com uma pessoa que me respeite e me ame.*

Mesmo buscando autonomia e discordando de algumas regras católicas a jovem reforça, novamente, a fala do padre Dez ao apontar que o “*momento*” deverá ser partilhado com uma pessoa que, primeiramente, a respeite e por conseguinte a ame. O amor aparece como o resultado do respeito e da reverência dedicada à menina. A “*transa*” seria uma decorrência deste zelo e cuidado. Aos quase dezoito anos a jovem se mantém virgem, em uma época em que grande parte das meninas tem relações sexuais cada vez mais cedo. Mesmo entrando em divergência com o catolicismo acerca do “*momento certo*” de “*transar*”, a jovem tem buscado o sujeito merecedor de tal entrega em um rapaz que se aproxime mais do modelo ideal sugerido pela igreja católica através do padre Dez. Este homem “certo” sugere o fim da busca pelo par ideal, já que ele, supostamente, deverá valorizar e legitimar, através do casamento, o que lhe foi entregue. O casamento continua ocupando, entre os/as jovens do grupo, o lugar de comprovação de um sentimento superior, assim, aparentemente, quem não ama o suficiente não se casa.

Conversei, também, com a jovem nora dos donos da chácara onde o retiro aconteceu. O assunto também girou em torno da sua relação com as regras e os valores pregados pela instituição católica e reafirmados no Nascer. Vale lembrar que esta jovem e o seu esposo participaram da fundação do grupo, ela chegou a ocupar, inclusive, o cargo de coordenadora do Nascer. O casal é bastante jovem, ambos têm cerca de vinte e três anos e já são casados há três. Ela faz graduação em *marketing* e propaganda, além de trabalhar fora. Eles não têm filhos. Durante a nossa conversa a jovem relatou:

*Eu perdi a minha mãe muito cedo, eu tinha entrado pra adolescência... E essa era uma preocupação dela sabe, que a filha não saísse por aí dando pra qualquer um. O Cris foi o único que valeu a pena. Eu tive outros namorados, mas nenhum valeu a pena... Se a gente não ficasse mais junto tudo bem, eu queria que fosse com ele mesmo... Eu perdi a minha virgindade com vinte anos, foi quando a gente ficou noivo, então eu sabia que ia ficar com*



*ele, que a gente ia casar. O padre João disse que a gente viveu em pecado<sup>168</sup>, mas eu não acho isso, a gente se amava e ia casar. O padre Mateus<sup>169</sup>, que antes era responsável pela igreja, não achava que a gente ser noivo e viver junto seis meses antes do casamento, que já estava marcado, era viver em pecado.<sup>170</sup>*

A virgindade parece se propor, novamente, como um prêmio que deve ser entregue àquele que tem um maior grau de merecimento, que “*valha mais a pena*”, que demonstre respeito sabendo esperar o “*momento certo*”, e depois, que saiba honrar o que lhe foi entregue através do casamento. A jovem, ao mesmo tempo em que afirma “*Se a gente não ficasse mais junto tudo bem, eu queria que fosse com ele mesmo...*” garante que “[...] *a gente ficou noivo, então eu sabia que ia ficar com ele, que a gente ia casar.*” O casamento bastante próximo parece ter legitimado a relação sexual dos noivos, até mesmo pelo antigo padre que, conforme a fala da menina, não considerou a atitude dos jovens como um “*pecado*”. Já o padre “mais tradicional” não parece ter partilhado da mesma opinião, ao culpar e criticar a atitude dos noivos. Aparentemente, a iminência do casamento e o compromisso firmado através do noivado amenizaram, em parte, a culpa do jovem casal, e principalmente da menina que não “*deu pra qualquer um*”, mas para o noivo e atual marido. Mesmo que a relação sexual ocorra antes do casamento, se ele de fato acontecer, a moral dos noivos e, especialmente da “*moça*”, é, de alguma forma, preservada dentro do grupo; o que, talvez, não ocorra com as meninas que saem “*por aí dando pra qualquer um*”.

Uma outra jovem, que já não faz parte do Nascer, mas que estava presente na casa em que o retiro aconteceu afirmou que:

*Eu saí do grupo. Nem rezo mais... Se Deus é tão poderoso porque a gente não ficou junto? Eu só fiquei com ele... Quando começam a falar aquelas coisas eu vou lá pro vizinho [aqui se referindo as palestras do padre Dez]. A minha mãe nem sabe. Ela queria que eu casasse virgem. Ela não casou virgem... Mas ela disse que queria uma vida melhor pra mim.<sup>171</sup>*

<sup>168</sup> Aqui se referindo ao padre apontado como “mais tradicional”, ele é o responsável, atualmente, pela igreja onde o grupo se reúne.

<sup>169</sup> O padre Mateus antecedeu o padre “mais tradicional” na comunidade em que o Nascer se localiza.

<sup>170</sup> Fala proferida por Sônia no dia 03/12/2006.

<sup>171</sup> Declaração feita por uma ex-integrante do Nascer no dia 02/12/2006.

Aparentemente, a mulher ao preservar a sua virgindade para o “homem certo” garante para si uma vida melhor a partir do merecimento e do aprofundamento da relação com Deus, através da observação da ideologia carismática; além de, supostamente, alcançar mais respeito e consideração dentro do casamento e da comunidade católica. Esta menina, conforme a professora de catequese, namorava o filho mais novo dos donos da chácara: *“Ela ‘deu’ pra ele e só tem quinze anos... Agora ele tá fugindo dela. Eles são vizinhos, então ela se enfia na casa dos velhos e aqui na chácara. O guri trabalha com caminhão de carga, então ele some. A mãe dele não sabe o que vai fazer.”*<sup>172</sup>

É possível perceber na fala da professora de catequese uma indicação de que a pouca idade da menina tenha, de alguma forma, impossibilitado uma boa escolha ou mesmo a preocupação com o fato de que ela sendo bastante jovem provavelmente não se casaria logo. O que, talvez, indicasse que ela provavelmente continuaria a manter uma vida sexual ativa até a idade de um futuro casamento, correndo o risco potencial de ficar “mal falada” e não alcançar “uma vida melhor” e mais feliz ao não ter “nada” para “entregar ou dar” a um rapaz que “realmente valesse a pena”.

Parece ter se tornado comum o afastamento de certos casais que não cumpriam com o ideal de amor proposto e reafirmado pelo grupo, deixando de participar das reuniões e encontros, tal como aconteceu com o filho mais novo dos donos da chácara e a menina que “nem rezava mais”. O rapaz deixou de freqüentar o grupo depois do rompimento com a menina, pois não estava disposto a ouvir “críticas”, já que, conforme a professora de catequese, ele sabia que tinha agido “errado”<sup>173</sup>. A menina, ainda que ocupando a mesma casa que os/as jovens do Nascer, se manteve afastada do grupo. As outras jovens e também os rapazes, não se mostraram interessadas/os em manter alguma proximidade com ela. Parece que a sua escolha pelo rapaz “errado” a levou a ocupar as fronteiras do Nascer. Mesmo estando ali ela já não fazia mais parte do grupo. A jovem, aparentemente, representava o risco que as jovens correm ao fazer a escolha do rapaz “errado”. Ela demarcava os limites do grupo ou um “preço” a ser pago pelos/pelas que não cumprem as suas regras.

<sup>172</sup> Fala pronunciada pela professora de catequese no dia 03/12/2006.

<sup>173</sup> Fala proferida pela professora de catequese no dia 03/12/2006.

Costa (1999), em seus estudos sobre o amor romântico, argumenta que somos levadas/os a acreditar que os sentimentos ocupam um lugar pré-lingüísticos, sendo comuns a todas pessoas de forma espontânea e natural. Assim, parece que os sentimentos pré-existem mesmo antes de aprendermos sobre os seus significados, desta forma “Quando não realizamos o ideal imaginário do amor, buscamos explicar a impossibilidade culpando a nós mesmos, aos outros ou ao mundo, mas nunca contestando as regras comportamentais, sentimentais ou cognitivas que interiorizamos quando aprendemos a amar.” (ibdem, p. 35) É fácil afirmar que o amor, entre os/as componentes do grupo, se propõe e é reafirmado como um exercício para o crescimento pessoal de cada jovem. Aquele/aquela que tem mais capacidade de amar, sem desviar-se das regras estabelecidas, ocupa um lugar superior na escala de desenvolvimento espiritual, como também aquele/aquela que é capaz de despertar tal sentimento em outrem.

Aprendemos que o amor é uma benção, um sentimento que está ao alcance de todos/as, mas destinado somente a quem é merecedor. A força e a autoridade do amor se constituíram – ou melhor, foram constituídos – de tal forma que, na nossa sociedade, a realização pessoal e emocional dos sujeitos depende, muitas vezes, deste “encontro” com alguém que “valha a pena”, ou seja, que atenda a idéia de realização e completude proposta pelo amor romântico. O casamento, geralmente, é percebido como uma forma de medir o amor e legitimar a relação, podendo ser compreendido como indissolúvel, já que, somente aqueles que “verdadeiramente” amam buscam a “coroação” do sentimento, através do matrimônio. Costa (1999, p.13) argumenta que o amor romântico se ancora em três crenças. A primeira crença afirma que “o amor é um sentimento universal e natural, presente em todas as épocas e culturas”, deste modo, o sentimento é percebido como comum a todas as pessoas, independente da sociedade ou período em que viveram/vivem, sendo colocado em uma posição anterior à razão ao ser definido como um sentimento “natural”. Assim, o amor é separado da cultura, o que impossibilita outras formas de pensá-lo e vivê-lo. Posteriormente, o amor, conforme argumenta Costa (1999, p. 13), “é condição *sine quo non* da máxima felicidade a que podemos aspirar”, ou seja, só alcança a verdadeira felicidade aquele/aquela que partilha do sentimento amoroso. E, por último, a alusão de que “o amor é um sentimento surdo à ‘voz da razão’ e incontrolável pela força de vontade”, o que tem possibilitado que acontecessem

muitas “loucuras” por amor, já que o sentimento supera ou suprime a força de vontade do indivíduo. Aqui, talvez se explique o perdão concedido aos jovens do grupo que “transam” por amor antes do casamento, desde que a propriedade “verdadeira” do sentimento seja comprovada através do matrimônio. O caráter essencializado do amor romântico é questionado por Costa (1999, p. 17), pois conforme o autor “sentimo-nos atraídos sexual e afetivamente por certas pessoas, mas raras vezes essa atração contraria os gostos ou preconceitos de classe, raça, religião ou posição econômica que limitam o rol dos que ‘merecem ser amados’.” Os namoros e casamentos entre os participantes do Nascer fazem parte da sua história, sendo comentados, muitas vezes, com certo orgulho e respeito. O que parece indicar que aqueles/as que são merecedores de tal afeto, ou seja, que “valem a pena” amar, muito seguidamente, vivem de acordo com os valores que para o grupo são significativos.

O romantismo entre os/as componentes do grupo também se mostrava aparente no seu gosto musical. Durante os intervalos das palestras ou reuniões os/as jovens cantavam e tocavam outras músicas, além do repertório da RCC. Os rapazes que tocavam violão eram rodeados pelos/as outros/as jovens, era então que o ritmo leve do rock tocado por grupos nacionais como Kid Abelha e os Abóboras Selvagens, Paralamas do Sucesso, Legião Urbana e Engenheiros do Hawaii, entre outros, invadiam o lugar e disputavam a preferência com as letras das músicas tocadas pelos cantores e grupos carismáticos. As baladas e o ritmo romântico, bastante comum, também, nas bandas da Renovação, agora, eram acompanhados pelas letras que – ao invés de falarem da fé católica e do amor a Deus - quase sempre, apontavam para a busca de um suposto amor verdadeiro, monogâmico, puro e fiel. Estes momentos mais descontraídos, quando os/as jovens pegavam os violões e cantavam as suas músicas preferidas, parecia muito esperado e apreciado.

Eu também conhecia aquelas músicas, muitas vezes as escutei. Elas fizeram parte das festas e discotecas que eu freqüentei há vinte anos atrás, da mesma forma que, agora, se faziam presentes entre os/as jovens do grupo. Aquele compasso leve cheio de romantismo parecia seduzir os meninos e meninas, quase não se ouvia outros ritmos musicais. Em uma conversa com alguns jovens perguntei se eles/elas não gostavam de variar, um dos rapazes que toca violão respondeu que: *“Eu não gosto de rap, de funck e nem de hip-hop... Acho tudo muita loucura,*

*muita violência [...].*<sup>174</sup> Um outro rapaz afirmou: “*É que ele é mais romântico...[risos].*”<sup>175</sup> Sendo complementado por uma das jovens: “*Tem até banda carismática que usa um monte de ritmo diferente... Até forró e hip-hop eu já ouvi, mas não gostei muito.*”<sup>176</sup> Paulo Sérgio Do Carmo (2001, p.151), em seu livro “Culturas da Rebelia: A juventude em Questão”, afirma que algumas bandas e o ritmo do rock leve - comumente cantado e escutado pelos jovens do Nascer – estão ligados a um movimento, que aconteceu na década de oitenta, responsável pelo suposto jeito mais brasileiro e alegre do rock brasileiro: “O rock nacional teve sua fonte de inspiração na new wave, uma versão de características mais românticas, comportadas e chiques do que o punk.”

É possível presumir que o romantismo, entre os jovens do Nascer - apesar dos meninos serem definidos como dotados de um “lado mais sexual” e as meninas “mais voltadas para os sentimentos e a emocionalidade”<sup>177</sup> - não era uma marca específica só delas, mas, em certa medida, dos rapazes também. Geralmente, eles se mostravam bastante educados, simpáticos e prestativos. O sorriso e a delicadeza pareciam sempre presentes. As meninas eram cercadas por galanteios e cuidados. Eles, muito seguidamente, se dispunham a ajudar, sobretudo em situações que envolviam atributos considerados masculinos, entre eles a força. A ocasião em que os meninos se dispuseram a carregar as malas das jovens parece ser um bom exemplo da disponibilidade “gentilmente viril” daqueles rapazes. Aparentemente, as meninas se mostravam mais interessadas em auxiliar a “organizar” a vida deles, pois os meninos pareciam demonstrar uma certa facilidade em perder as suas coisas e, também, em encontrá-las sozinhos, como a ocasião em que um menino perdeu o seu creme dental. Uma das meninas prontamente foi auxiliá-lo a procurar o objeto, orientando-o: “*Porque tu não guarda aqui, neste bolsinho da mochila? Daí tu não perde mais.*”<sup>178</sup> Mesmo que de forma mais gentil e educada algumas fronteiras que separavam o masculino do feminino pareciam ser reforçadas e naturalizadas a todo momento.

No sábado do retiro passamos o dia envolvidos/as com as palestras do Padre Dez e algumas atividades dirigidas voltadas para a integração dos

<sup>174</sup> Afirmação feita por Paulo, participante do Nascer, no dia 02/12/2006.

<sup>175</sup> Declaração feita por Lipe, participante do Nascer, no dia 02/12/2006.

<sup>176</sup> Fala pronunciada pela jovem Mariana no dia 02/12/2006.

<sup>177</sup> Pedrini, 2004.

<sup>178</sup> Fala pronunciada por uma jovem participante do Nascer no dia 02/12/2006.

participantes. Em torno das vinte horas, do mesmo dia, o sacerdote celebrou uma missa para finalizar “o dia do espírito”<sup>179</sup>. Os rapazes haviam organizado um lugar no pátio para que a missa acontecesse, inclusive haviam armado uma lona para a ocasião. No último momento padre Dez resolveu celebrar a missa no quarto da casa. O quarto não era muito espaçoso, foram colocados edredons e colchões pelo chão para que todos/as pudessem sentar, também havia no quarto uma cama de casal e outra de solteiro. O altar foi novamente organizado pelas meninas, com a toalha de renda, a imagem da Nossa Senhora Aparecida e as flores. Entramos no quarto e sentamos todos de forma muito próxima, estávamos “colados” uns aos outros. A professora de catequese e a mãe da Mariana não pareciam ter aprovado a mudança feita pelo padre, pois ficamos muito desconfortáveis. Havia quase trinta pessoas naquele quarto, até mesmo alguns vizinhos foram convidados para a missa. A celebração teve início com a fala do padre: *“Eu disse pra vocês, hoje de manhã, que não dava pra fazer um retiro sem a presença do Espírito Santo... Eu espero que todos partilhem esta experiência, que todos recebam e sintam a presença Dele aqui.”*<sup>180</sup>

O padre continuou a missa falando sobre uma passagem da bíblia em que Jesus chamou um jovem muito rico a doar a sua fortuna para segui-lo. Conforme o clérigo este jovem respeitava os mandamentos e amava a Deus, mas mesmo assim ele não doou a sua fortuna para seguir Jesus. Segundo o sacerdote: *“A gente acha que faz muito seguindo os mandamentos, mas Deus quer mais... Ele quer a nossa dedicação integral .”*

Durante a celebração padre Dez pediu um momento de reflexão para que todos/as pensassem nas coisas que tinham a agradecer a Deus, e também pudessem, naquele instante, colocar para Ele as suas dificuldades, os seus problemas e inseguranças para que a divindade pudesse auxiliá-los. Neste momento, o dono da chácara, um senhor de meia idade que estava assistindo a missa do lado de fora da casa, pela janela do quarto, pois não havia mais espaço dentro do cômodo, falou:

---

<sup>179</sup> Expressão usada por padre Dez no dia 02/12/2006.

<sup>180</sup> A missa citada ocorreu no dia 02/12/2006, sendo que as falas do padre Dez, aqui reproduzidas, correspondem a esta ocasião.

*Eu quero agradecer pelo meu sogro, por tudo o que ele fez por mim... Tudo que eu tenho, que eu sou eu devo a ele que hoje não tá mais aqui... E eu quero agradecer também essa experiência linda que eu vi hoje aqui... Tem tanto problema com a juventude e a gente vê o dia inteiro os jovens, aqui, rezando e ouvindo o padre falar... A gente vendo isso tem a certeza de que não está tudo perdido...Foi uma coisa muito bonita de se vê.<sup>181</sup>*

O proprietário da chácara terminou a sua fala emocionado, foi quando a mãe da Mariana quis também fazer o seu agradecimento:

*Eu só tenho a agradecer a Deus e a minha filha que hoje tá aqui, ela que tinha desistido de freqüentar o grupo voltou pra ajudar a organizar este retiro lindo. Eu me sinto como uma mãe que recebe a filha de volta... Muito obrigada meu Deus, eu rezei tanto pra ela voltar pro grupo, pra ela continuar do Teu lado e Tu me atendeu.<sup>182</sup>*

A mãe desta menina começou a chorar, foi quando percebi que a maioria das pessoas, principalmente os/as jovens do grupo, estavam muito emocionados e choravam convulsivamente. Os depoimentos continuaram e o choro também. A professora de catequese parecia assustada com toda aquela emoção, afinal ela freqüentava uma igreja católica não vinculada a RCC. Enquanto ela observava dois meninos que choravam muito, fez o seguinte comentário: *“Meu Deus do céu, o que é isso? Tu olha aquele guri, parece até que vai passar mal... Eu achei que ele nem tinha tanto problema assim, será que aconteceu alguma coisa? Olha o jeito que ele chora.”<sup>183</sup>*

Dois meninos, que demonstravam ter mais ou menos dezesseis anos, choravam abraçados, o que parecia mais jovem fazia afagos na cabeça do rapaz que, conforme a professora de catequese, parecia que ia “passar mal”. Os jovens passaram o restante da missa abraçados ou de mãos dadas, bastante próximos um do outro. Três meninas, com a idade aproximada dos garotos, também passaram grande parte da missa de mãos dadas e trocando afagos. Esta proximidade entre os jovens parecia ser estimulada pelo padre Dez, a julgar pelo pequeno espaço em que a celebração ocorreu. Talvez fosse possível presumir que este era o objetivo: manter todos muito próximos, para que cada um/a pudesse partilhar os seus sentimentos

<sup>181</sup> Fala proferida pelo proprietário da chácara onde o retiro ocorreu no dia 02/12/2006.

<sup>182</sup> Declaração feita pela mãe da Mariana no dia 02/12/2006.

<sup>183</sup> Fala pronunciada pela professora de catequese no dia 02/12/2006.

com o/a outro/a e promover, assim, uma emoção coletiva para a comprovação da presença do Espírito Santo. Quando a missa terminou - e o choro parecia diminuir - os/as jovens e, também, as pessoas da comunidade que participaram da celebração começaram a se encaminhar para a porta do quarto. Parte dos/das fiéis já havia saído quando o jovem que “parecia que ia passar mal” foi abrindo caminho entre os/as que ainda estavam no quarto, em um certo momento ele ficou de frente com o padre Dez. O padre segurou os braços do rapaz e olhou para ele dizendo, de forma a que todos/todas os/as presentes pudessem ouvir: “*Eu te amo Lipe!*”<sup>184</sup> Os dois ficaram abraços, chorando silenciosamente por algum tempo. Naquele lugar “sagrado” o afeto e a emoção pareciam permitidos e estimulados. Aqueles que eram capazes de sentir e provocar tal emoção, neste caso supostamente desprovida dos desejos da carne, pareciam ocupar um lugar de admiração e idolatria.

No outro dia, durante o passeio na cascata, duas meninas foram de mãos dadas ao encontro dos meninos, casualmente os rapazes eram os mesmos que haviam chorado abraçados e trocado carinhos na missa da noite anterior. Um destes meninos, o Lipe, gritou para as duas jovens: “*Quem é o casalzinho que vem lá? Opa, desculpa, eu não vi que eram duas gurias*”.<sup>185</sup> A brincadeira foi acompanhada pelos risos dos outros/as jovens e as meninas rapidamente largaram as mãos, olhando seriamente para os meninos; o que resultou em um pedido de desculpas com ar de arrependimento por parte dos dois “brincalhões”. Talvez o momento e o lugar não permitissem aquele tipo de aproximação ou carinho. Durante a missa a proximidade, o carinho e o toque entre os/as jovens, aparentemente, foi percebido como algo natural, “*uma coisa muito bonita de se vê*”. É possível concluir que naquele espaço, compreendido como sagrado, a troca de certos carinhos físicos, mesmo entre sujeitos do mesmo sexo, não representava nenhum perigo; talvez ali, os/as jovens fossem percebidos como mais seguros de qualquer sentimento ou desejo impuro, indevido. Aquele lugar parecia protegido dos anseios e impulsos considerados como perversos e prejudiciais ao desenvolvimento espiritual.

Depois da missa padre Dez foi embora. Alguns/algumas jovens, em um clima de “traquinagem”, sugeriram que “fugíssemos” até a cidade de Gramado para

---

<sup>184</sup> Fala pronunciada pelo padre Dez no dia 02/12/2006.

<sup>185</sup> Declaração feita por Lipe no dia 03/12/2006.



prestigiarmos o “Natal Luz”<sup>186</sup>. Parte dos/das jovens parece ter ficado indeciso, pois o padre não havia sido informado deste nosso afastamento da chácara e nem os pais dos/das jovens; mesmo assim, a maioria venceu e fomos para Gramado. Os rapazes fizeram muita bagunça no ônibus, inclusive cantando e contando piadas. Quando chegamos na cidade dois meninos, os que choraram abraçados durante a missa, pareciam muito alegres e cantavam, incansavelmente, a música “Macarena”<sup>187</sup>, do grupo *Los Del Rio*. Outros rapazes se deixaram envolver pelo ritmo e começaram a dançar a música entre as calçadas do centro da cidade. Os passos de dança realizados pelos garotos demonstravam muita sensualidade, enquanto dançavam eles reboavam muito, o que provocava os olhares dos transeuntes. Foi então, que eles começaram a imitar vozes bastante afetadas e femininas, pedindo algum dinheiro pelo “show” que estavam dando. O fato provocou muitos risos entre o grupo e também dos/das desconhecidos/as que passavam. Em um certo momento, a professora de catequese comentou: “Querida que o padre visse vocês agora.”<sup>188</sup> A mãe da Mariana respondeu: “Garanto que ele ia brincar junto.”<sup>189</sup>

A “brincadeira” continuou por mais tempo, um dos meninos inventou um nome para o suposto espetáculo “Show das dragon”<sup>190</sup>, procurando fazer um trocadilho com o termo “*drag queen*” usado para se referir ao sujeito masculino que, através do travestismo, “fabrica” um corpo feminino. Conforme Louro:

A *drag* propositalmente exagera os traços do feminino, exorbita e acentua marcas corporais, comportamentos, atitudes, vestimentas culturalmente identificadas como femininas. O que faz pode ser compreendido como uma paródia de gênero: ela imita, e exagera, aproxima-se, legitima, e, ao mesmo tempo, subverte o sujeito que copia. (2004, p.85)

É fácil concluir, que o exagero dos garotos, ao acentuarem alguns atributos apontados como femininos não tinha, a exemplo das *drags*, o objetivo de parodiar ou questionar a construção natural do gênero e da sexualidade. Ao contrário, interpretei

<sup>186</sup> Todos os anos a cidade de Gramado é enfeitada com luzes e motivos natalinos para festejar o nascimento de Cristo. Esta festa é denominada “Natal Luz”.

<sup>187</sup> Mais informações no site <http://losdelrioletrasdemusicas.lyrics.mus.br/artista.php?id=3418>. Acessado em 17/10/2007.

<sup>188</sup> Fala pronunciada pela professora de catequese no dia 02/12/2006.

<sup>189</sup> Declaração feita pela mãe da Mariana no dia 02/12/2006.

<sup>190</sup> Fala proferida por Digo no dia 02/12/2006.

que a “brincadeira” atuou como mais uma forma de reiteração da norma heterossexual reafirmada no grupo. Foi através do deboche e da ironia que o “*show das dragon*” agiu de forma a apoiar e reforçar os discursos normativos da sexualidade e que reservam ao sujeito homossexual um lugar “inóspito” e “abjeto”.<sup>191</sup> A brincadeira parece ter agido de forma a lembrar as características tidas como naturais a cada gênero, colocando aqueles/aquelas que vivem em desacordo com a suposta essência do seu sexo no lugar de “dragon”, dragão, ou seja, monstro. Os/As jovens do Nascer pareciam bastante aptos em perceber ou identificar, aqueles/aquelas que se desviavam do que era percebido pelo grupo como normal e adequado, apontando, mesmo que, através de uma suposta “gozação”, os limites a serem respeitados pelos/pelas “jovens do sagrado”. A brincadeira ofensiva, de forma muito evidente, carregava a força de uma invocação, de um xingamento sempre repetido. Judith Butler (2001) argumenta que a materialização das “normas regulatórias” do sexo dependem da sua constante reiteração social, já que, segundo a autora, como o gênero, o sexo não está lá pronto, acabado, seguro nos seus significados, ao invés disso “Os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta” (BUTLER, *ibidem*, p. 154), necessitando, assim, serem lembrados, constantemente, da suposta essência que os compõe.

Butler (2001), ainda argumenta que alguns corpos têm mais “peso” na nossa sociedade, ou seja, são estes os corpos que “importam”. Conforme a autora (*ibidem*, p.154), a naturalidade do sexo está “a serviço da consolidação do imperativo heterossexual”, através da materialização performativa das diferenças sexuais. Louro, referindo-se ao conceito de performatividade usado por Butler argumenta que:

As normas regulatórias do sexo têm , portanto, caráter performativo, isto é, têm poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam e, sendo assim, elas repetem e reiteram, constantemente, as normas do gênero na ótica heterossexual. Judith Butler toma emprestado da lingüística o conceito de performatividade, para afrimar que a linguagem que se refere aos corpos ou ao sexo não faz apenas uma constatação ou uma descrição desses corpos, mas,

---

<sup>191</sup> Butler, 2001.

no instante mesmo da nomeação, constrói , 'faz' aquilo que nomeia, isto é, produz os corpos e os sujeitos. (LOURO, 2004, p. 44)

Neste processo de construção dos sujeitos e seus corpos a materialização das normas regulatórias se dá de forma compulsória, mas mesmo compelidos constantemente à heterossexualidade, há aqueles/aquelas que a ela não se ajustam. Estes sujeitos fornecem a abjeção, as “fronteiras” ou os lugares “inabitáveis” para os corpos que realmente importam. Assim, eles e elas são indispensáveis para a constituição daqueles corpos que “materializam a norma”.<sup>192</sup>

No XV Cenáculo da RCC no Vale dos Sinos um rapaz, vocalista de uma banda carismática, deu um testemunho da sua vida aos presentes; a sua fala evidencia o lugar demarcado, pela Renovação e, também, por outros segmentos da sociedade, para aqueles/aquelas que não vivem de acordo com as suas normas regulatórias. Entre outras coisas o jovem contou das suas dificuldades financeiras e familiares, além do seu envolvimento com drogas e a prostituição, até que começou a freqüentar a RCC e a pedir ajuda a Deus:

*Eu ia tomar banho e chorava, pedia pra Jesus me ajudar a sair daquela vida. Eu dizia: ‘Senhor eu sou um lixo!’ Um dia quando eu disse isso, Jesus falou aos meus pensamentos: ‘Olha a goteira, a calha... Agora olha o balde, o chuveiro... ’ Mas eu não entendia... Até que eu entendi. É tudo de lixo reciclado... Gente é de lixo! Jesus falava pra mim naquele momento: ‘Valmir, deixa eu te reciclar, porque até um lixo tem utilidade nas minhas mãos.’<sup>193</sup>*

O rapaz, antes de ser “reciclado” pela Renovação era percebido como um “lixo”, a partir da sua história de vida que conta com o envolvimento em prostituição e drogas. Conforme o seu relato ele conseguiu mudar, pois “até um lixo têm utilidade nas mãos de Deus”, ou, talvez, nas mãos da ideologia carismática. A “reciclagem” deste jovem, e de tantos outros apontados pela RCC, parece indicar que o “lixo” pode ser recuperado e transformado em algo útil, em alguém que canta, louva e dá testemunhos da sua história, do seu passado de “imundície”, compelindo novos fiéis a fazerem parte do movimento ao ser comprovado que a suposta transformação do sujeito em “alguém melhor” pode ocorrer; dito em outras palavras, a transformação

<sup>192</sup> Butler, 2001.

<sup>193</sup> Fala proferida no XV Cenáculo da RCC pelo cantor carismático Valmir Alencar, no dia 17/09/2006.

em algo ou alguém mais de acordo com as normas sociais vigentes, passando a ser valorizado aos olhos da sociedade.

Nascemos inseridas/os na cultura com seus códigos, valores e costumes. Aprendemos enquanto crianças a conviver nos diferentes grupos que circulamos e também a decodificar os seus códigos e leis morais. Somos ensinadas/os a ler o mundo, interpretá-lo e a leitura do sexo, talvez seja a primeira que somos “letradas/os” a fazer. Logo ao nascer, ou mesmo antes disso, somos definidas/os como pertencentes a um dado sexo, tido como “natural”. Conforme somos ensinadas/os a pensar, quem decide o sexo de cada um é a natureza, daí o seu caráter natural. É menina/o, nada poderá mudar este fato. As características biológicas estão lá e comprovam o sexo, a obra da natureza e de Deus. Temos a “certeza” de que está fora das nossas possibilidades pensar o sexo (ou o corpo) fora das leis da natureza. Conforme o senso comum, é uma força inata e superior que decide assim. É como se no corpo residisse à verdade, a essência de cada um/a. Com base nas “marcas biológicas” e a partir delas são feitos diversos investimentos – por parte da família, escola, mídia, igreja, entre outros – para que conservemos as “marcas naturais” lidas em nossos corpos. Somos ensinadas/os a falar, a pensar e agir de acordo com o nosso sexo. É a partir das nossas características anatômicas que somos constituídas/os socialmente como sujeitos femininos ou masculinos. O sexo dita a norma, dita a “cartilha pela qual devemos rezar”<sup>194</sup>. O sexo é tido como a verdade de cada um/a. O sexo é a nossa essência interior, da qual não nos é permitido esquecer. A todo instante somos lembradas/os de que não podemos nos desviar da “lei natural do sexo” para não nos afastarmos da nossa essência e correremos o risco de nos perder de nós mesmas/os, do que “verdadeiramente” somos.

É em meio às relações sociais que os corpos são forjados, marcados, moldados, lidos, interpretados e diferenciados. É na cultura que as hierarquias são construídas, que algumas “marcas corporais” são privilegiadas em detrimento de outras, que os “desejos naturais” são entranhados nos corpos dos indivíduos e depois apontados como uma “energia natural”. Essa cultura, vale lembrar, não está fixa, acabada, pronta; ao contrário, possui um caráter transitório, fragmentado, inconstante e provisório. Talvez seja essa uma das razões que tenhamos buscado

---

<sup>194</sup> Uso aqui um pequeno trocadilho popular para afirmar que existem “cartilhas” diferentes para os diferentes sexos.

ancorar a verdade de nós mesmos no corpo, procurando a nossa essência verdadeira, segundo Weeks, (apud LOURO, 2000b, p. 65), “[...] seguramos o que nos parece mais tangível, a verdade de nossas necessidades e desejos corporais. [...] Apenas tudo o mais parece tão incerto que precisamos do julgamento que os nossos corpos pronunciam.” Louro (2000b, p.66) afirma que “O corpo não pode ser compreendido como uma entidade ‘simplesmente’ biológica e, além disso, parece impositivo questionar se o biológico não é, ele próprio, significado na e pela cultura”. É em meio a relações divergentes, entre os diferentes grupos sociais, que alguns significados vão ganhando força e sendo reconhecidos como verdades, sendo atribuídos e materializados nos corpos. Significados estes que podem ser superados por outros considerados mais verdadeiros ao longo do tempo, dos avanços da ciência, das descobertas tecnológicas ou do reconhecimento do senso comum. A biologia, como todas as ciências, é constituída na cultura em meio a luta pela imposição de significados que podem ser modificados, negados ou reconstruídos a todo o momento. Também as ciências carregam consigo a marca do inacabado, do inconstante e do instável. Louro (ibidem, p. 62) nos conduz a pensar que:

[...] nada há de exclusivamente “natural” neste terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza, pois, através de processos culturais definimos o que é -ou não- natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, tornamo-las históricas.

As “leis do sexo” se multiplicam e renovam, como todos os discursos, através do ato recorrente da fala e em meio às relações sociais, reproduzindo e cristalizando as diferenças nos corpos. Esta materialização das diferenças sexuais produz hierarquias, ao serem construídos e fixados sentidos diferentes para as características anatômicas. Os sentidos que lhe atribuímos precisam ser reiterados, sedimentados através da citação das suas normas e das suas leis, das leis que o governam e fazem-no existir da maneira como o conhecemos na nossa sociedade. As “leis do sexo” não estão resguardadas, seguras em um espaço fora da cultura ou do tempo, ao contrário, elas fazem parte da cultura que as torna presentes e atuais através da sua reiteração constante. No momento em que se afirma: É uma menina. A linguagem já está atribuindo a este corpo indicado como feminino uma série de

sentidos que a eles são conferidos. Mas se é através da citacionalidade que a lei do sexo impõe e naturaliza os sentidos e os significados tidos como normais e naturais é, também, no momento da sua reiteração - como todo discurso normativo - que os campos de resistência abrem espaços e fissuras para a desconstrução e a problematização das suas verdades universais. Na perspectiva teórica que assumi, o sexo - muito mais que um dado natural ou uma marca que deve ser lida, interpretada – também é uma construção social que vem sendo reduzida a um sinal distintivo ao qual aprendemos a nos apegar para podermos dizer de nós e dos outros. Somos letradas/os para ler o nosso corpo e o corpo dos/das outros/as a partir das suas características, interpretando-as para dizer de nós e dos/as outros/as. Com isso, junto com estudiosas feministas pós-estruturalistas, vale lembrar, não pretendo negar as diferenças anatômicas entre os corpos, mas reafirmar que os significados atribuídos às mesmas são, também, construídos na cultura.

Compreendo tanto a igreja católica como a Renovação Católica Carismática como construções culturais, ou seja, discursos e verdades que tiveram/têm condições de possibilidades para constituírem-se desta forma na nossa sociedade. A RCC tem se beneficiado de diversos recursos comuns à modernidade para exercer uma pedagogia religiosa envolvida em ensinar aos jovens em renovação práticas católicas de como viver o sexo, o gênero e a sexualidade sem se desviar dos sentidos que envolvem a “boa juventude” ou a “juventude sagrada”, transmitidos através da valorização de um jeito de experienciar o corpo e seus prazeres em detrimento de outros significados e formas possíveis de vida.

Não foi meu objetivo homogeneizar as relações que se deram no grupo por compreender a pluralidade de sujeitos que o mesmo abrigava e a maneira singular com que cada um/a se relacionava com os textos correntes. Mais que isso, pretendi dar algumas pistas das formas como a sexualidade, o corpo e o gênero vem sendo compreendidos naquele espaço, o que talvez, possa contribuir, em certa medida, para sinalizar e apontar sobre a necessidade de trazer tais questões para os espaços nos quais atuamos como professoras/es e educadoras/es, já que os mesmos estão intimamente envolvidos com a formação e constituição dos sujeitos.

## A PROCURA DE NOVAS PERGUNTAS

Gosto deste título, é o mesmo que usei no “momento de despedida” do trabalho de conclusão da graduação. Despedida, em parte, já que “A procura de novas perguntas” sugere, ao mesmo tempo, uma continuidade e descontinuidade do diálogo, do debate e das reflexões aqui investidas. Penso que foi esta ambigüidade, proposta no título, que, novamente, me impeliu a usá-lo. A continuidade parece se insinuar, no momento em que o título sugere que “a procura” não acabou. Ela continua, talvez porque não exista uma grande resposta ou uma resposta final, ou mesmo nenhuma resposta, a encontrar acerca das nossas interrogações. Possivelmente o mais importante seja o movimento do pensar...

Ao mesmo tempo em que as interrogações aqui propostas abrem espaço para outras perguntas e “respostas”, podem surgir, neste espaço aberto, reflexões, pensamentos, problematizações que, de alguma forma, acabem por romper com as idéias aqui sugeridas... (Des)continuidade... Parece que esta é uma boa palavra para se pensar e, porque não, viver? (Des)continuidade sugere a “quebra”, a ruptura e, também, a continuidade, talvez não do mesmo jeito – daquele jeito – mas de outro, e porque não outros?

Penso que talvez seja este o meu desejo, não somente provocar o/a leitor, mas, também, me provocar a buscar outras respostas, outras perguntas, outras formas de pensar, de sentir, de viver... Enfim, pensar o impensável, aquilo que é proibido e impossível imaginar... Talvez, seja este o desejo que vem me movendo, não somente como pesquisadora, mas também como professora, mulher, mãe, avó... É um desejo de provocar... Novas idéias, novas concepções, novas formas de olhar para o mundo e para as relações que nele se dão.

Acredito que é nisto que devemos investir pelos mais variados espaços pedagógicos nos quais circulamos. Pensar em formas de trazer o impensável para o debate, para a reflexão e discussão. Pensar em maneiras de fazer pensar, desacomodar, provocar, instigar... Promover encontros, conversas, pensamentos para procurar compreender a forma como as coisas e os sujeitos chegaram a ser como são. Como isso poderia acontecer em uma sala de aula? Como o gênero, o

corpo e as diferentes formas possíveis de se relacionar com os seus prazeres poderiam vir a ocupar estes espaços e instigar os sujeitos a pensarem nas condições e possibilidades que permitiram que viéssemos a conhecê-los da forma como os vemos atualmente?

Em alguns momentos, podemos acreditar que isso seja quase impossível em certos ambientes educacionais. Em alguns espaços este tipo de estímulo ao pensamento criativo, mesmo quando ele não se apresenta vinculado à sexualidade, pode não ser bem vindo. Mas se acreditamos, como nos ensinou Foucault, que o poder é capilar e ocupa todos os pontos da rede de relações passando e investindo todos os sujeitos, se estamos todos, como afirmou o filósofo, nas relações de poder, como acreditar na impossibilidade de abrir fissuras, de romper, de questionar, de excitar o pensamento criativo? Lembremos que as grandes mudanças ou as revoluções homéricas, aquelas que separam vencedores/as de vencidos/as, estão a uma grande distância; mas as pequenas lutas diárias, nas quais de qualquer forma estamos politicamente envolvidas/os, estas fazem parte do nosso cotidiano...



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIB, Jonas. **Céus Novos e uma Terra Nova**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

ANDRÉ, Marli; LUDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

AQUINO, Felipe. Sexo Perfeito: Entrega e Santidade. In: A CURA da Nossa Afetividade e Sexualidade. São Paulo: Editora Canção Nova, 2004. P. 29-44.

BARBOSA-NETO, Edgar Rodrigues. **O Conceito de Renovação no Catolicismo Carismático**. Porto Alegre: UFRGS, 2000. 83 f. Tese (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

BECKHAUSER, Alberto. **"Análise de certos fenômenos 'religiosos' à luz da Sagrada Escritura"**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRITZMAN, Deborah. O Que é Essa Coisa Chamada Amor: Identidade Homossexual. Educação e Currículo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n.1, p. 71-97, jan./jun. 1996.

\_\_\_\_\_. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 83 - 112.

BUTLER, Judith. Corpos que Pensam: Sobre os Limites Discursivos do "Sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 151-172.

CARMO, Paulo Sérgio Do. **Culturas da Rebeldia: A Juventude em Questão**. São Paulo: Editora Senac, 2001.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da Pesquisa, Diante dos Ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos: Novos Olhares na Pesquisa em Educação**. Porto Alegre: Mediação, 1996. P.105-132.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem Fraude Nem Favor – Estudos Sobre o Amor Romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

COSTA, Marisa Vorraber. Mídia, Magistério e Política Cultural. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos Culturais em Educação: Mídia, Arquitetura, Brinquedo, Biologia, Literatura, Cinema...** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. P.13-36.

DUNGA. O Jovem é Chamado ao Desafio. In: A CURA da Nossa Afetividade e sexualidade. São Paulo: Editora Canção Nova, 2004a. P.46-53.

\_\_\_\_\_. **Jovem, o Caminho se Faz Caminhando**. São Paulo: Editora Canção, 2004b.

FERNANDES, Sílvia. **Ser Padre Para Ser Santo, Ser Freira Para Servir: A Construção Social da Vocação Religiosa – Uma Análise Comparativa Entre Rapazes e Moças no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FISCHER, Rosa M. Bueno. A paixão de Trabalhar com Foucault. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos: Novos Olhares na Pesquisa em Educação**. Porto Alegre: Mediação, 1996. P. 37-60.

\_\_\_\_\_. **Problematizações Sobre o Exercício de Ver: Mídia e Pesquisa em Educação**. Revista Brasileira em Educação, Campinas, n. 20, p. 83-94, maio/ago. 2002.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Tradução de Ramallete, Raquel. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1984a.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres.** Tradução de Albuquerque, Maria Tereza ; Albuquerque, J. A. Guilhon. 5. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984b.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987a.

\_\_\_\_\_. O Combate da Castidade. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (Orgs.). **Sexualidades Ocidentais.** Tradução de Watanabe, Lygia Araújo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987b. P.25-38.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber.** Tradução de Albuquerque, Maria Tereza ; Albuquerque, J. A. Guilhon. 9. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder.** Tradução de Albuquerque, Maria Tereza; Albuquerque, J. A. Guilhon. 11. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993.

\_\_\_\_\_. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul (Orgs.). **Michel Foucault – Uma Trajetória Filosófica: Para Além do Estruturalismo e da Hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. P.231-249.

FRAGA, Alex Branco. **Corpo, Identidade e Bom Mocismo** – Cotidiano de Uma Adolescência Bem – Comportada. Belo Horizonte: Autêntica, 2000a.

\_\_\_\_\_. Anatomias de Consumo: Investimentos na Musculatura Masculina. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-76, jul/dez. 2000b.

FURLANI, Jimena. **O Bicho Vai Pegar!** - Um Olhar Pós-estruturalista à Educação Sexual a Partir de Livros Paradidáticos Infantis. Porto Alegre: UFRGS, 2005. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIROUX, Henry A. O Filme Kids e a Política de Demonização da Juventude. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 123-136, jan/jun. 1996.

\_\_\_\_\_. **Gramsci's relevance for the study of race and ethnicity.** Journal of Communication Inquiry, 10(2), 1986. P. 5-27.

HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: Notas Sobre as Revoluções Culturais do Nosso Tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 17-46, jul/dez. 1997.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? In: Tomaz, Tadeu (Org.). **Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. P. 103-133.

hooks, bell. Eros, Erotismo e o Processo Pedagógico. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 113-124.

JUANES, Benigno. **Que é Renovação Carismática Católica?** São Paulo: Loyola, 1994.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz T. da (Org.). **O Sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos.** Petrópolis: Vozes, 1994. P. 35-86.

\_\_\_\_\_. Literatura, Experiência e Formação: Entrevista com Jorge Larrosa. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos: Novos Olhares na Pesquisa em Educação.** Porto Alegre: Mediação, 1996. P. 133-161.

LOPES, Edmílson. Homens e Mulheres Profundamente Curados. In: A CURA da Nossa Afetividade e sexualidade. São Paulo: Editora Canção Nova, 2004a. P. 45-52.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, História e Educação: Construção e Desconstrução. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, jul/dez. 1995.

\_\_\_\_\_. **Gênero, Sexualidade e Educação.** Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Sexualidade: Lições da Escola. In: MEYER, Dagmar E. Estermann (Org.). **Saúde e Sexualidade na Escola.** Porto Alegre: Mediação, 1998. P.85-96.

\_\_\_\_\_. Segredos e Mentiras do Currículo. Sexualidade e Gênero nas Práticas Escolares. In: HERON, Luiz da Silva (Org.). **Séc. XXI: Qual o Conhecimento? Qual o Currículo?** Petrópolis: Vozes, 1999a. P. 33-47.

\_\_\_\_\_. O Currículo e as Diferenças Sexuais e de Gênero. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **O Currículo nos Limiares do Contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999b. P. 85-92.

\_\_\_\_\_. Corpo, Escola e Identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-76, jul/dez. 2000a.

\_\_\_\_\_. **Currículo, Gênero e Sexualidade**. Portugal: Porto Editora, 2000b.

\_\_\_\_\_. Pedagogias da Sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 07-34.

\_\_\_\_\_. **Um Corpo Estranho – Ensaio Sobre Sexualidade e Teoria Queer**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. Adolescentes Como Autores de Si Próprios: Cotidiano, Educação e Hip Hop. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 22, n. 57, p. 32-62, agos. 2002.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

MARIZ, Cecília Loreto. Comunidades de Vida no Espírito Santo: Juventude e Religião. **Tempo Social**, São Paulo, v.17, n.2, p. 253- 273, nov. 2005.

MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima. Modos de Ver e de se Movimentar pelos “Caminhos” da Pesquisa Pós-Estruturalista em Educação: O que Podemos Aprender Com – e a Partir de – Um Filme. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Orgs.). **Caminhos Investigativos III: Riscos e Possibilidades de Pesquisar nas Fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. P. 23-44.

NECKEL, Jane Felipe. Erotização dos Corpos Infantis. In: \_\_\_\_\_. LOURO, Guacira Lopes; GOELLNER, Silvana (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: Um Debate Contemporâneo na Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. P. 53-65.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: Uma Introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Alienígenas na Sala de Aula: Uma Introdução aos Estudos Culturais em Educação**. Petrópolis: Vozes, 1995. P. 7-38.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal: Prelúdio a uma Filosofia do Futuro.** Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ORO, Ari Pedro. **Avanço Pentecostal e Reação Católica.** Petrópolis: Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_. Religiões Pentecostais e Meios de Comunicação de Massa no Sul do Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira**, São Paulo, n. 50, p. 304-334, jun. 1998.

PEDDE, Valdir. **Carismáticos, Luteranos e Católicos: Uma Abordagem Comparativa da Performance dos Rituais.** Porto Alegre: UFRGS, 2000. 175f. Tese (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

PEDRINI, Alírio. **Jovens em Renovação: Espiritualidade, Afetividade e Sexualidade.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

PRANDI, Reginaldo. **Um Sopro do Espírito: A Renovação Conservadora do Catolicismo Carismático.** São Paulo: Edusp e Fapesp, 1997.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene. Como os corpos se tornam matéria: Entrevista com Judith Butler. Trad. Susana Bornéo Funck. **Revista Estudos Feministas**. V.10 (1), 2002.

QUESNEL, Michel. **Batismo e Espírito – Discernir o que Constrói a Igreja: Resposta Católica.** Concilium, n. 265, v. 3, 1996.

REGUILLO, Rossana. Las Culturas Juveniles, Um Campo de Estúdio: Breve Agenda para la Discusión. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, Nº 23, p. 103 - 118, maio/ago. 2003.

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA NO BRASIL. Coleção Paulo Apóstolo. São Paulo: Santuário, v. 3. 1994.

RICCI, Rudá. **Religião, Fé e Política: a Teologia da Libertação como Projeto Político Nacional.** Minas Gerais: Revista Espaço Acadêmico, 2006. Disponível em: < <http://www.espaçoacademico.com.br/teóricoslidospelosadepostosdatlderudáricci.htm> > Acesso em: 12 mar. 2006.

ROSE, Gilliam. **Visual Methodologies** - Na Introduction to the Interpretation of Visual Materials. London: Sage, 2001.

SANT'ANA, Denise Bernuzzi de. Descobrir o Corpo: Uma História Sem Fim. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 49-58, jul/dez. 2000.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi. Sobre o Etnógrafo-Turista e Seus Modos de Ver. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Orgs.). **Caminhos Investigativos III: Riscos e Possibilidades de Pesquisar nas Fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. P. 7-22.

SÁ, Ricardo. Sexualidade, Relacionamentos e Vida de Oração. In: A CURA da Nossa Afetividade e Sexualidade. São Paulo: Editora Canção Nova, 2004. P. 63-70.

SARLO, B. **Cenas da Vida Pós-Moderna: Intelectuais, Arte e Vídeo-Cultura na Argentina**. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul/dez. 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu. Currículo e Identidade Social: Territórios contestados. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Alienígenas na Sala de Aula: Uma Introdução aos Estudos Culturais em Educação**. Petrópolis: Vozes, 1995. P. 190-207.

\_\_\_\_\_. **Teoria Cultural e Educação: Um Vocabulário Crítico**. Belo Horizonte: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Currículo Como Fetiche: A Poética e a Política da Diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

\_\_\_\_\_. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2004. P. 73-102.

SILVEIRA, Rosa M. Hessel. "Olha Quem Está Falando Agora!" A Escuta das Vozes na Educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos: Novos Olhares na Pesquisa em Educação**. Porto Alegre: Mediação, 1996. P. 61-84.

\_\_\_\_\_. A Entrevista na Pesquisa em Educação: Uma Arena de Significados. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II: Outros Modos de Pensar e Fazer Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. P. 119-141.

SOARES, Carla Algayer. **Pedagogias do Corpo: A Escola Aberta Produzindo Discursos sobre a Sexualidade**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003. 64 f. (Graduação em Educação) – Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2003.

SOARES, Rosângela. Adolescência: Monstruosidade Cultural. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 151-159, jul/dez. 2000.

\_\_\_\_\_. SILVA, Rosimeri Aquino da. Juventude, Escola e Mídia. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: Um Debate Contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2003. P. 82-94.

\_\_\_\_\_. **Namoro na MTV: Juventude e Pedagogias Amorosas/Sexuais no Fica Comigo**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. 174 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SOUZA, André Ricardo de. **Padres Cantores, Missas Dançantes: a Opção da Igreja Católica pelo Espetáculo com Mídia e Marketing**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Paulo: USP, 2001.

\_\_\_\_\_. **Igreja in Concert: Padres Cantores, Mídia e Marketing**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Renovação Popularizadora Católica**. São Paulo: Revista de Estudos em Religião, São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/rever/rccandricardodesouza.htm>> Acesso em: 13 agos. 2006.

VALENZUELA, José. Identidades Juveniles. In MARGULIS, Mario (Org.). **“Viviendo a Toda”**: Jóvenes, Territorios Culturales y Nuevas Sensibilidades. Santa Fé de Bogotá: Siglo Del Hombre Editores, 1998. P. 38-45.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares... In: COSTA, Marisa V. (Org.). **Caminhos Investigativos: Novos Olhares na Pesquisa em Educação**. Porto Alegre: Mediação, 1996. P. 19-35.



WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 35-82.

WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. **A Pesquisa Etnográfica Como Produção Discursiva**. Maringá: Acta Scientiarum, 2001. Disponível em: <<http://www.ppg.uem.br/docs/ctf/humanas/2001/0421500Vera%20helena%20pesquisa%20resumo.pdf>> Acesso em: 27 mai. 2006.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Dos Riscos e dos Ganhos de Transitar nas Fronteiras dos Saberes. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Caminhos Investigativos III: Riscos e Possibilidades de Pesquisar nas Fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. P. 45-68.

## ANEXOS

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA  
PUBLICAÇÃO (CIP)

---

A394p Algayer, Carla

“Por hoje não vou pecar” : o corpo jovem como santuário do catolicismo carismático [manuscrito] / Carla Algayer; orientadora : Guacira Lopes Louro. – Porto Alegre, 2007. f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007, Porto Alegre, BR-RS.

1. Relações de gênero – Sexualidade – Corpo – Jovem.  
2. Estudos culturais. 3. Sexualidade – Diferença – Educação. 4. Teoria Queer. I. Louro, Guacira Lopes. II. Título.

CDU – 396:613.88

---

Bibliotecária Neliana Schirmer Antunes Menezes